



**ANA MARIA  
RODRIGUES PEREIRA**

**JORNALISTAS À EXPERIÊNCIA: RECONSTRUINDO  
O LUGAR SOCIAL DE JOVENS DA TORREIRA NUMA  
INVESTIGAÇÃO PARTICIPATIVA**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização de Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã pelo incansável apoio.

## **o júri**

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira  
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Natália Fernandes  
professora auxiliar da Universidade do Minho

Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves  
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Aos meus parceiros de investigação pela dedicação e empenho demonstrados nesta viagem.

À Professora Manuela Gonçalves por confiar sempre em mim e neste projeto, bem como por toda a força, apoio e dedicação.

Aos meus pais e à minha irmã por terem estado sempre presentes e por serem os meus pilares.

A todos os que se cruzaram comigo nesta pequena viagem e que de alguma forma contribuíram para que este projeto se concretizasse.

Ao meu avô. Sem mais quaisquer palavras



## palavras-chave

Jovens, Exclusão Escolar, Exclusão Social, Códigos Linguísticos

## resumo

Partindo do nosso interesse inicial em perceber a forma como os jovens são vistos pela sociedade e, em particular, pelos meios de comunicação social, este projeto de investigação – ação participativa foi construído ao longo 15 meses com um grupo de 26 jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, alunos da Escola Básica e Integrada da Torreira. No decorrer do processo de investigação, foi-se tornando evidente que estes jovens, que constituíram três equipas de investigação, manifestavam a interiorização, ainda que não o expressassem, das baixas expectativas sociais relativamente à sua condição social, enquanto jovens, por um lado, e enquanto oriundos de um contexto sócio – económico e sócio – cultural desfavorecido, por outro.

Assim sendo, o processo de investigação foi sendo progressivamente orientado para o objetivo de compreender a visão que estes jovens têm de si mesmos e de contribuir, de alguma forma, para a reconstrução do seu lugar social, enquanto atores sociais e agentes da sua própria mudança. Deste trabalho resultou o projeto de investigação que aqui se apresenta, sob o título ***Jornalistas à experiência: reconstruindo o lugar social de jovens da Torreira numa investigação participativa.***

**keywords**

Young people, School Exclusion, Social Exclusion, Linguistic Codes.

**abstract**

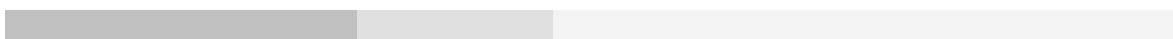
Taking the starting point for the present essay the interest to understand the way society, in particular, the media, look at young people, this investigation/participative action project was built throughout 15 months, with a group of 26 students, aged between 14 and 17 years, of Integrated Basic Education School of Torreira.

During the research process it became evident that these young people, who formed three study teams, demonstrated, although without expressing, some feelings towards their lower social expectations regarding their social status, on one hand, and as coming from a socio-economic and socio – cultural disadvantaged environment on the other. Therefore, the research process has been progressively oriented towards the goal of understanding the vision that these young people have of themselves and to contribute somehow for the reconstruction of their social place, as social actors and agents of their own change. This work resulted in the research project presented here under the title "Journalists to experience: reconstructing the social position of young people from Torreira in a participatory research

*Não sou da altura que me veem mas sim da altura que os meus olhos podem ver.*

Fernando Pessoa

## Índice Geral

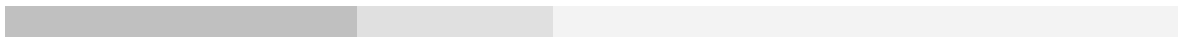


INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	18
1. Pensar a Juventude .....	18
2. Em torno da condição de jovem.....	20
2.1. Os jovens como sujeitos sociais.....	20
2.2. Cultura Juvenil: a corrente geracional e a corrente classista sob a análise de Machado Pais .....	22
3. Socialização e construção da identidade pessoal e social.....	23
4. A Escola enquanto palco de desigualdades sociais.....	25
4.1. Bernstein e a sua teoria dos códigos linguísticos.....	27
4.2. Escola, Exclusão Social e Cidadania .....	29
CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO PARTICIPATIVA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA .....	34
1. Apresentando o Método .....	34
2. Procedimentos e Instrumentos .....	35
2.1 Grupos de Discussão Focalizada .....	35
2.2 Diários e Notas de Campo.....	36
2.3 Instrumentos Expressivos.....	37
3. O Processo de Investigação – Ação Participativa .....	39
4. Da Problemática às questões partida e objetivos.....	39
5. Do contexto ao reconhecimento do(s) grupo(s) participante(s).....	43

5.1. A Comunidade como contexto de vida dos jovens.....	43
5.2. A Escola como comunidade educativa e de inserção dos jovens.....	45
5.3. Os participantes – Investigador Coletivo .....	46
6. Momentos do processo de investigação .....	50
CAPÍTULO III – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO PARTICIPATIVA COMO PERCURSO .....	55
1. De braço dado com o desafio.....	55
2. Dois olhares sobre uma realidade .....	57
2.1. Exploração dos jornais .....	57
2.2. Reações à visualização das reportagens.....	60
2.3. Síntese da Etapa II - <i>Se não é nada connosco não temos porque nos sentir assim!</i> (Catarina – Equipa 2) .....	63
3. Procurando um novo sentido.....	64
3.1. Torreira em notícia.....	65
3.2. O “controlo” dentro da escola .....	67
3.3. Situações de conflito na escola .....	68
3.4. Bullying, que realidade? .....	69
3.5. O jornal da escola.....	71
3.6. Síntese da Etapa III - (...) <i>nós podemos mudar!</i> (Eliano, Equipa 3) .....	73
4. Delineando novos trilhos .....	75
4.1. Do jornal da escola à festa do S.Paio.....	75

4.2. Síntese da Etapa IV - (...) <i>Importante é o meu avô! Zé Rito!!! Conhece stôra??Pois... esse é que trabalha para manter a Torreira erguida na arte dos moliceiros e das embarcações</i> (...) (José Pedro – Equipa 1) .....	78
5. Passando do rascunho à concretização .....	79
5.1. Saída de Campo – Ao encontro dos testemunhos .....	81
5.2. De uma sessão de esclarecimento a um convite inesperado .....	82
5.3. O “pote de ouro” no fim do arco-íris.....	83
5.4. <i>O Jornal de Estarreja aceitou o desafio lançado por alunos do 9.ºA da Escola EBI da Torreira e em conjunto elaborou uma reportagem sobre o passado e o presente do São Paio. A festa que é cada vez mais para os jovens e para os excessos por eles cometidos foram também abordados pelos jornalistas à experiência.</i> .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	91
Anexos.....	94

## Índice de Tabelas

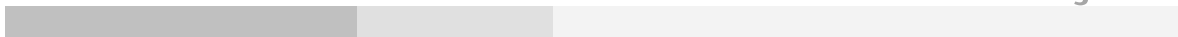




## Índice de tabelas

Tabela 1 – Calendarização.....	53
Tabela 2 – Retenções.....	97
Tabela 3 - Habilitações dos Pai.....	102
Tabela 4 - Idades dos Pais.....	102
Tabela 5 – Situação Profissional dos pais.....	102
Tabela 6 – Momentos mais marcantes da vida dos participantes.....	103
Tabela 7 – Hábitos de Leitura.....	103
Tabela 8 – Programas de Tv mais vistos pelos alunos: Sozinhos e com os Pai.....	103
Tabela 9 – “Sobre ti” – o que gosto mais e e menos em mim.....	104
Tabela 10 – “Em que estás a pensar?” – Desejos para o Futuro.....	106

## Introdução



## INTRODUÇÃO

As formas como os jovens são vistos e tratados pela sociedade e pelas mais diversas instituições acabam por influenciar o comportamento dos mesmos e isso tende a traduzir-se nas suas atitudes e no posicionamento perante si próprios e perante os outros. As relações sociais e as suas ações são moldadas pelos diferentes olhares que, deste modo, se colocam em jogo e nos quais se inclui também a forma como se querem dar a ver e a conhecer (Pais, 2003).

Tal como afirma Machado Pais (2003, p.20) a juventude tem sido encarada como *uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”*. Pelo que, no entender do mesmo autor, *se os jovens não se esforçam para contornar esses problemas, correm mesmo o risco de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados*.

Os media e as escolas assumem um papel bastante relevante quanto a estes fenómenos. Por um lado, a escola e designadamente a escola pública, tornou-se o principal palco da vida quotidiana dos jovens e, por via da massificação escolar, constitui também o palco de uma grande heterogeneidade social e cultural, frequentemente associada à desigualdade e à disputa, de onde surgem todo o tipo de choques, nomeadamente, choques culturais e sociais. Por outro, os media, que, confirmados por estudos desenvolvidos nas mais diversas áreas académicas, têm revelado um enorme poder em relação à opinião pública.

Foi, portanto, no confronto com esta realidade que se encontraram razões e motivações para levar a cabo uma investigação, no sentido de compreender a visão que os jovens têm de si mesmos e de contribuir, de alguma forma, para a reconstrução do seu lugar social, enquanto atores sociais e agentes da sua própria mudança. Este projeto foi realizado com um grupo, inicialmente, de 26 jovens, de jovens da Escola Básica e Integrada da Torreira que construíram connosco uma investigação participativa ao longo de vários meses.

Como forma de apresentar o processo, através do qual fomos ao encontro desta problemática, organizámos o nosso trabalho em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo introduziremos e refletiremos sobre o conceito de juventude,

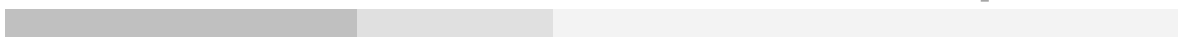
de jovem e da sua representação enquanto sujeito social; bem como o processo de socialização e a sua influência na construção da identidade pessoal e social do indivíduo. Situiremos a abordagem das desigualdades na escola, bem como a exclusão social e escolar associando estes fenómenos às desigualdades resultantes dos diferentes posicionamentos na estrutura sociocultural, designadamente no que se refere às diferenças entre os códigos restritos e os códigos elaborados, este último predominante nos discursos da escola. Ainda neste capítulo, refletiremos sobre a relação entre a escola, a exclusão social e a cidadania.

No segundo capítulo daremos conta das opções metodológicas assumidas neste projeto, dando especial destaque às mais valias da Investigação – Ação Participativa em contextos de desvantagem social, como processo de uma tomada de consciência mais profunda e que incentiva à mudança.

No último capítulo, apresentaremos as várias fases do percurso da investigação – ação participativa, que foi sendo construído através da mobilização e da (re)organização de diversos procedimentos e instrumentos de investigação, aludindo ainda às diversas etapas e momentos que constituíram todo o processo de investigação.

A última parte deste trabalho, não é mais do que um apontamento dos sinais de mudança produzidos pelo projeto.

## Capítulo I



## CAPÍTULO – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Pensar a Juventude

O conceito de juventude, tal como tantos outros, tem vindo a sofrer diversas alterações no que diz respeito ao seu significado e conceção. Deste modo, revela-se interessante e pertinente iniciar este trabalho com uma sucinta pesquisa sobre os significados de juventude fixados por dicionários na linguagem corrente.

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Vol III) (1995) 7.ªEd*, o significado de “juventude” é definido como sendo um conceito proveniente do *latim* *juventūte* «*a juventude*», *a mocidade*; *coletivamente, os jovens*; já *O Grande Dicionário Enciclopédico (Vol II) (1997)*, dá à juventude o significado de *mocidade*; *adolescência*; *gente jovem*.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003)*, confere à “juventude” os significados de: *Período de vida do ser humano compreendido entre a infância e o desenvolvimento pleno do seu organismo*; *Gente jovem* «*a intrasigência do jovem*» e *População jovem de algum lugar*; *mocidade*.

Embora possa pensar-se que a juventude se resume a uma fase da vida e seja assumida como uma mera correspondência a uma realidade biológica ou um dado natural assegurado para um determinado grupo de indivíduos, Carvalho (2006,p.10 ) defende que a juventude não se trata *de uma qualquer experiência universal de duração fixa, mas antes de uma construção social, para a sua abordagem requer-se a compreensão das singularidades individuais relativas a condições de género, classe, origem étnica ou outra*.

Mas o que é de facto a juventude? Onde começa e onde termina?

Para Carvalho (2006) a juventude adquire uma maior notoriedade, *enquanto categoria de reconhecimento científico*, quando se revelou pertinente haver uma diferenciação de um período entre a fase de «ser criança» e a idade adulta.

Já Machado Pais (2003) defende que a juventude é caracterizada por deter várias fases da vida de um indivíduo, entre elas a adolescência e, tal como as demais fases da vida de um indivíduo, também a juventude é uma etapa de construção a vários níveis, sobretudo social e cultural. Trata-se, portanto, de uma

etapa da vida que se *situa entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta* (Dick, 2003 cit. In Carvalho, 2006, p. 11), sendo que esta delimitação nem sempre se alcança com clareza.

Na mesma linha de pensamento, Coleman e Husen (cit. In Gonçalves, 2007), assumem a juventude como uma fase distinta no percurso de vida do indivíduo e como sendo um fenómeno próprio da sociedade, que antecede a entrada na vida adulta.

Parsons (cit. In Gonçalves, 2007) acreditava que teria sido possível criar uma cultura específica dos jovens, levando a que se reconhecesse na literatura sociológica o conceito de “cultura juvenil”. Para o autor, esta “cultura juvenil” da qual todos fariam parte sem qualquer tipo de distinção de classe, *seria funcional para a integração na sociedade (...) na medida em que constituiria uma preparação para a conformidade dos papéis futuros* (Gonçalves, 2007, p. 234). No entanto, verificou-se ser necessário romper com os pressupostos criados de que em cada sociedade e cada momento histórico estamos perante uma só juventude, negligenciando a existência de classes sociais.

Nessa mesma base Bourdieu (cit. In Gonçalves, 2007), afirma que não podemos considerar a existência de uma só juventude mas antes de juventudes. Isto porque, tal como refere Carvalho (2006, p.11) *atualmente está-se perante um estatuto social correspondente a uma nova fase de vida com características próprias* (Carvalho, 2006, p. 11).

Encarando a juventude como categoria social com uma durabilidade delimitada por acontecimentos sociais significativos (Martins, cit. In Gonçalves, 2007) é possível equacionar a juventude sob dois pontos de vista: psicossociológico e sociológico.

Segundo a perspetiva de Erikson (cit. In Gonçalves, 2007, p.237), e do ponto de vista psicossociológico, a juventude pode ser encarada como *um período da vida marcado por uma crise de identidade durante o qual o indivíduo está à procura de si próprio, experimentando-se em vários papéis*. Já do ponto de vista sociológico, a juventude pode ser entendida como uma fase da vida do indivíduo que diz respeito ao período intermédio entre a infância e o estatuto social do adulto, tratando-se de uma fase que não é completamente autónoma, isto porque,

não detém só características da infância como também ainda não reúne um conjunto de condições, próprias do estatuto social de adulto (Braga da Cruz e outros, cit. In Gonçalves, 2007).

Na perspetiva de Machado Pais (2003), a juventude tem sido vista como uma fase da vida de um indivíduo marcada por uma certa instabilidade associada a um sem número de “problemas sociais”. Pelo que, se os jovens não se esforçam para contornar esses ditos “problemas sociais”, correm o risco de serem considerados irresponsáveis e/ou desinteressados.

No entanto, a partir do momento em que os “indivíduos jovens” vão assumindo todo um conjunto de responsabilidades, designadamente, trabalho, casa e família, entre outras, vão adquirindo o estatuto de adulto (Pais, 2003). Assim, é possível constatar que a juventude é uma categoria socialmente construída que se vai modificando ao longo do tempo, dependendo do contexto em que está inserida, seja ele social, geográfico, económico ou político.

## **2. Em torno da condição de jovem**

Do ponto de vista jurídico, em Portugal é-se criança até aos 18 anos de idade. No entanto, mais recentemente e com o surgimento de algumas reformas a nível jurídico, o conceito de jovem adquiriu uma outra notoriedade associada a determinados escalões etários.

Machado Pais (2003) admite que é na sociedade contemporânea que os jovens perderam o estatuto de “jovens adultos” e passaram a ter uma maior capacidade de decisão e intervenção, levando, conseqüentemente, a que se verifiquem inúmeros modos de comportamento.

### **2.1. Os jovens como sujeitos sociais**

Para Charlot (2000,p.33 e 51) “o sujeito” não é mais do que *um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade*; sendo ele portador de desejos, e movido por eles, bem como a necessidade de se relacionar com outros “sujeitos”.



Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar e que ocupa um determinado lugar na sociedade e inserido em relações sociais. O sujeito é também um ser singular, uma vez que tem uma história, tem a sua própria forma de interpretar e de se posicionar no mundo e de lhe dar sentido (Dayrell, 2003).

Ainda no que diz respeito à noção de sujeito social, Charlot (2000, p. 33 e 51) entende-a por referência à própria condição antropológica que define o ser humano, ou seja, *o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular*. Assim, assente na perspectiva do autor, o ser humano não pode ser considerado um “dado” mas antes uma construção. Ou seja, à medida que o sujeito desenvolve as suas potencialidades inerentes à espécie, e que o caracteriza como tal, ele também se relaciona com o mundo, e como ser social vai-se construindo na relação com o outro.

Transpondo esta perspectiva para a problemática dos jovens enquanto sujeitos sociais, podemos então afirmar que cada jovem quando nasce vem para uma sociedade já com uma existência prévia, nomeadamente histórica e social, cuja estrutura não dependeu desse “novo sujeito”, ou seja, não foi produzida por ele (Dayrell, 2003). Deste modo é possível afirmar que, o género, a raça, e outras questões, como a situação económico-social dos progenitores, são fatores que vão interferir na construção de cada jovem como sujeito social, independentemente das ações de cada um (Dayrell, 2003).

Ao mesmo tempo, na vida diária de cada um dos jovens, entram um conjunto de relações e processos que, segundo Dayrell (2003, p.43) *constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo quem são os outros*. É, portanto, de acordo com o nível do grupo social no qual os jovens se inserem, tendo em conta as suas predisposições, afinidades, e formas de se relacionarem com a sociedade, que vão criar/construir a sua cultura própria, que interpretam e dão sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

Tomar os jovens como sujeitos (sociais) não se pode ser reduzido a uma mera opção teórica, pois é algo muito mais complexo. Ou seja, os jovens não são apenas objeto de estudo e de observação, é preciso ser capaz lidar com o jovem

enquanto sujeito, como pessoa capaz de refletir, de ter as suas próprias posições e ações em sociedade e no mundo.

As trajetórias dos jovens devem ser encaradas como algo mais do que apenas movimento, pois são, acima de tudo, um processo de socialização (Pacheco, 2009). A socialização faz parte do processo de integração dos jovens no mundo adulto, da absorção das regras e condutas sociais (Pacheco, 2009).

A vida social dos jovens está fundamentalmente associada aos seus pares, principal contexto de socialização nestas idades, sendo que existem atributos que os diferenciam e os caracterizam, bem como aos grupos em que se inserem (Carvalho, 2006).

Movendo-se em diferentes contextos sociais, os jovens partilham diferentes linguagens, comportamentos, formas de vestir e valores. O universo dos jovens é marcado por símbolos, as roupas, as linguagens e as expressões corporais e compreender os seus significados são a base para compreender e entender o comportamento dos jovens e a sua atitude e posicionamento perante si, perante os pares e perante os outros (Pacheco, 2009).

Sobre este assunto, Machado Pais (2003) pronuncia-se através do conceito de “culturas juvenis”. Este conceito aparece geralmente referenciado a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e modos de vida específicos dos jovens que expressam certos significados e valores na sociedade. Podemos afirmar, portanto, que as “culturas juvenis” não são mais do que as diversas formas de se “ser jovem”, as diversas experiências juvenis – a multiplicidade de formas de ser jovem.

## **2.2. Cultura Juvenil: a corrente geracional e a corrente classista sob a análise de Machado Pais**

As diferentes maneiras de olhar a juventude e as diversas juventudes fizeram surgir duas correntes teóricas sociológicas: a corrente geracional e a corrente classista.

Machado Pais (2003) sublinha as principais diferenças entre estas duas correntes. A corrente geracional toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida como fase de vida. De acordo com esta corrente, em qualquer sociedade, há várias culturas, as dominantes e as dominadas, *que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante de valores* (Pais, 2003, p.48). As culturas juvenis, segundo esta corrente, são culturas específicas de uma geração – a geração dos jovens.

Por outro lado temos a corrente classista, em que a reprodução social é vista sobretudo em termos de classes sociais. É crítica quanto ao conceito de juventude enquanto “fase de vida” e afirma que a transição para a vida adulta *estará sempre pautada por desigualdades sociais, daí a razão por que as culturais juvenis devem ser entendidas como culturas de classe* (Pais, 2003, p.56).

Segundo a corrente geracional, as culturas juvenis definem-se pela sua oposição à cultura dominante das gerações anteriores; para a corrente classista as culturas juvenis são uma forma de resistência à cultura de classe dominante e a tudo o que ela representa.

Pais (2003) afirma que as duas correntes têm como ponto comum o facto de concordarem com o conceito de cultura aplicado à juventude. Segundo o mesmo, para a sociologia da juventude, este conceito tem sido uma peça fundamental para discernir os diferentes significados relativos aos comportamentos juvenis como processos de socialização.

### **3. Socialização e construção da identidade pessoal e social**

Todo o indivíduo tem como base da sua construção aquilo que se pode designar de “ser social” e “ser individual”. Ou seja, é constituído por uma parte que diz respeito aos acontecimentos da nossa vida pessoal, e por outra parte que engloba todo o contexto em que vive, e que inclui as características sociais, culturais, políticas e económicas da sua família e da sua comunidade.

A forma como cada um vai formando o seu universo de significados acerca da vida e da sociedade é profundamente influenciada pela dimensão cultural da sociedade, o que no entender de Durkheim (2001) integra as crenças religiosas, tradições, crenças e práticas morais e as opiniões coletivas de qualquer género. Ao processo de transmissão de cultura e outros valores aos membros da sociedade e, particularmente, aos novos membros e às novas gerações, dá-se o nome de processo de socialização.

No processo de socialização, normalmente são considerados dois tipos de socialização: a socialização primária e a socialização secundária. Assim, durante a infância ocorre a socialização primária, aquela em que a criança aprende e interioriza a linguagem e as regras básicas da sociedade e aqueles que são os considerados modelos de comportamento do grupo em que está inserido (Dubet, 1996).

Por sua vez, a socialização secundária diz respeito a todo e qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores na sociedade, nomeadamente, na escola, no grupo de amigos, entre outros. É de salientar que nesta fase já existe uma aprendizagem daquelas que são as expectativas que a sociedade, ou o grupo em que estamos inseridos depositam em nós, assim como os novos papéis que vamos assumindo em vários grupos a que vamos pertencendo e nas várias situações em que somos colocados (Dubet, 1996).

A socialização é, então, um processo de identificação e de construção de identidade, em que assumimos as crenças, os valores e as atitudes de um determinado grupo em que estamos inseridos e que tendem a guiar as nossas condutas.

A construção da identidade pessoal e social dos indivíduos, segundo Xiberras (1993), tendo em conta a forma como estes se representam no mundo, é fortemente condicionada pelo modo como este é inserido em sistemas de representação definidos pelas estruturas mais dominadoras da sociedade. O mesmo autor, afirma que os grupos tendem a organizar-se mediante *representações normalizantes da sociedade* que estipulam modelos normativos

do que é *bem, belo, conveniente ou competitivo* e que são fortemente determinadas pelos grupos dominantes.

O indivíduo a partir da sua formação inicial, ou seja, do seu ambiente social e familiar, que o coloca numa determinada posição da estrutura social, incorpora um conjunto de disposições para a ação (*habitus*<sup>1</sup> familiar ou de classe), e passa a conduzi-los ao longo dos tempos nos mais diversos contextos de ação (Nogueira, 2002).

Para Xiberras (1993), no decurso do processo de construção da identidade, o indivíduo e a propósito da construção da identidade do *ser*, afirma que a pressão social dos grupos que o rodeiam, sente-se obrigado a aderir a uma imagem de si próprio, a partir de um protótipo estipulado. Por consequência, na eventualidade do indivíduo se sentir incapaz de alcançar esse modelo, pode gerar-se um processo de autoexclusão.

#### 4. A Escola enquanto palco de desigualdades sociais

Tem-se tornado cada vez mais notória a tendência de crianças e jovens provenientes de meios desfavorecidos terem mais predisposição para uma menor qualidade de vida, designadamente a acessos mais condicionados. Um mecanismo que contribui de forma bastante evidente para este fenómeno é a relação entre a classe social da família e o sucesso escolar dos jovens.

Sendo a escola uma instituição socialmente construída, ela incorpora desigualdades, isto porque, no ensino os “atores” são indivíduos que, enquanto sujeitos sociais, trazem consigo os símbolos e as diretrizes que os identificam como pertencentes a diferentes setores da sociedade. Ou seja sendo a escola uma estrutura que se encontra inscrita na sociedade espelhará sempre as circunstâncias sociais, económicas, científicas e culturais próprias a cada momento de evolução dessas mesmas sociedades (Morgado, 1997).

---

<sup>1</sup> **Habitus** diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização; integra experiências passadas, atua como uma matriz de perceções, de apreciações, de ações. **Bourdieu** desenvolveu este conceito a partir da necessidade de “apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionantes sociais.

Deste ponto de vista, muitos são os que encaram a escola como um “filtro social” que vem favorecendo os alunos provenientes de classes sociais mais elevadas em detrimento dos alunos provenientes de classes sociais mais baixas.

A literatura recente sobre esta matéria leva-nos a crer que a escola parece encontrar algumas dificuldades em fazer face às desigualdades sociais à chegada, sendo na maior parte dos casos capaz de intervir nas trajetórias dos seus alunos, tentando reconverter eventualmente “capital pobre” em “capital rico”. Também Bourdieu partilhava da opinião de que, desta forma, a escola tenderia a reproduzir essas mesmas desigualdades, sendo que, em alguns casos podia mesmo acentuar (Nogueira, 2002).

Já para Bernstein (1986), este fenómeno deve-se ao facto da linguagem predominante no contexto escolar estar mais próxima dos padrões culturais das classes sociais mais elevadas do que das classes sociais mais desfavorecidas. Assim, surgem maiores dificuldades de integração e aprendizagem por parte dos alunos provenientes de classes mais baixas, ao mesmo tempo que se transmite uma imagem naturalizada de que aqueles que têm sucesso são os mais capazes e inteligentes, criando-se uma imagem de que são as próprias escolas que estão a incitar o sucesso dos mais favorecidos e o insucesso dos menos favorecidos, reproduzindo deste modo as desigualdades sociais que se encontram na sociedade.

Segundo Bourdieu (conforme Nogueira, 2002), existem componentes externos ao indivíduo que podem ser utilizados em prol do sucesso escola, designadamente, o capital económico, capital social e capital cultural. Ainda para o mesmo autor é o capital cultural, adquirido no seio familiar, que assume uma posição muito mais influente na definição do destino escolar do indivíduo. Bourdieu coloca o capital cultural acima do fator económico, como fator preponderante, para a explicação das desigualdades que se encontram em contexto escolar (Nogueira, 2002). Isto porque, do seu ponto de vista, um capital cultural, próximo da cultura transmitida e valorizada pela escola, favorece o desempenho escolar, na medida em que facilita a aprendizagem dos conteúdos escolares.

É de salientar, que os conteúdos escolares são largamente determinados pela cultura dominante, ou seja, a cultura escolar é o fruto de uma imposição feita pelas classes dominantes, dentro da sua própria cultura. Neste sentido, a escola é um instrumento ao serviço da transmissão de um determinado tipo de cultura à qual nem todos conseguirão chegar, daí continuar a existir aquelas que se classificam como sendo as classes dominantes (crianças e jovens que já pertencem a estas classes e que terão, por conseguinte, uma maior predisposição para o sucesso escolar). A escola é, portanto, um instrumento ao serviço da reprodução social.

#### **4.1. Bernstein e a sua teoria dos códigos linguísticos**

*(...) uma família de classe popular ou trabalhadora, investe menos que uma família de classe média na educação dos seus filhos, uma vez que, por falta de capital social, económico e cultural, o retorno do investimento escolar é considerado reduzido (...) se por um lado há as famílias que tendem a optar por percursos escolares mais curtos, com vista a uma integração mais rápida no mercado de trabalho, por outro lado, as famílias de classes médias optam por promover e incentivar a escolarização dos seus filhos, uma vez que possuem capitais mais elevados (...)* (Nogueira, 2002)

Bernstein (cit. in Morais 2004) aprofunda este tema e procura preencher a lacuna que existe relativamente ao conhecimento das relações entre a classe social e o sucesso das crianças e jovens na escola. A análise do autor centra-se na forma como o conjunto de relações sociais atua nas opções tomadas a partir de recursos linguísticos comuns. Na verdade, a grande novidade de Bernstein (cit. in Morais 2004) é a quebra do fatalismo e determinismo do esquema de reprodução social de Bourdieu. Para o autor a linguagem constitui um campo de estudo fundamental para compreender a transmissão cultural. Desde modo o seu trabalho concentra-se sobretudo na análise das diversas formas de estrutura de comunicação da família, dependendo da origem social da mesma.

O conceito de código é central na Sociologia de Bernstein (1996). Para o

autor, o código não é mais do que *um princípio regulativo, tacitamente adquirido, que seleciona e integra significados relevantes, formas de realização e contextos evocadores* (Bernstein, 1996, p.143).

A construção de códigos linguísticos restritos e elaborados foi introduzida pelo autor, que enquanto educador, procurava esclarecer o fraco desempenho dos estudantes provenientes de famílias de classes menos favorecidas, sendo que, ambos os códigos resultam da posição social que o indivíduo venha a ocupar no momento (Bernstein cit. in Moraes 2004).

O código restrito é uma forma de expressão que está intimamente ligada ao ambiente cultural da classe trabalhadora, onde os valores e as normas são um dado adquirido e não são expressas através da linguagem. Muitos indivíduos das classes menos favorecidas, integram uma cultura voltada para a família e para a própria comunidade, na qual se assume que todos conhecem os valores e as normas, sem necessidade de os expressar por meio da linguagem, o que torna o código restrito mais curto, compacto, exigindo informação e um conhecimento prévio a respeito da mesma. Assim, o uso deste código dá acesso a uma ordem particularista de significados (Ferreira, 2012).

Nas relações sociais que geram um código restrito, a fala tenderá a ser rápida, fluente e com baixo recurso a pistas articulatórias, enquanto os significados tenderão a ser condensados desarticulados e internos às relações. Assim, haverá um baixo nível de vocabulário e sintaxe em que o significado singular e único da pessoa tenderá a ficar implícito não levando à necessidade de ser elaborado verbalmente (Ferreira, 2012).

Por outro lado o código elaborado (ou formal), é praticado por crianças e jovens de classes mais favorecidas. Este tipo de código é menos dependente dos contextos particulares e permite que se generalize o discurso sob a expressão de ideias abstratas, por exemplo (Ferreira, 2012). De acordo com o autor, estes códigos apresentam uma estrutura frásica mais longa e mais completa, uma vez que é utilizado vocabulário e ideias mais complexos. Esse código, segundo Bernstein (cit. in Moraes 2004), usado com maior frequência pelas classes mais favorecidas, apresenta no seu interior mensagens mais complexas e permitem



que os indivíduos façam generalizações e expressem ideias abstratas com maior facilidade.

O objetivo do autor não era colocar a classe menos favorecida numa condição de inferioridade. Com efeito, Bernstein acentua que a linguagem da cultura académica não combina com a linguagem utilizada por indivíduos portadores do código restrito nem a valoriza e,, por essa razão, aquilo que é transmitido pelo professor acaba por se tornar uma linguagem incompreensível, com a qual não estão habituados, levando-os a interpretar o discurso conforme os recursos que detém da sua própria realidade (Ferreira, 2012). Por seu turno, esta realidade não se verifica em indivíduos pertencentes a classes sociais mais favorecidas, uma vez que possuem um código elaborado e, por consequência, uma maior capacidade de compreensão que está em pé de igualdade com a educação académica (Ferreira, 2012).

Estas diferenças têm a sua importância na educação uma vez que a escola, empenhada na transmissão de significados universalistas, prima pela utilização do código elaborado acreditando que todos os alunos experimentam e têm acesso a essas formas de pensamento. Assim, segundo Bernstein (1996) são esses factos que explicam os fracassos escolares dos indivíduos provenientes de classes menos favorecidas. Desta forma, cabe à escola proporcionar os meios necessários que permita ao aluno/jovem desenvolver-se por inteiro, sem admitir que este permaneça limitado a uma determinada camada social.

#### **4.2. Escola, Exclusão Social e Cidadania**

A exclusão que muitos alunos vivem hoje em dia nas escolas públicas é, de forma um pouco paradoxal, o resultado do próprio processo de democratização social e escolar registado a partir de meados do século XX nas sociedades ocidentais. Com efeito, até finais dos anos 50, a escola ofereceu grande estabilidade, dada a forte homogeneidade social e cultural da população que a frequentava, o que significa que as crianças de famílias culturalmente desfavorecidas eram excluídas à partida de ingressar na mesma (Bourdieu & Champagne, 1992). Desta forma, a seleção parecia basear-se,

fundamentalmente, “nos dons e méritos dos eleitos”, sendo que os alunos que ficavam fora da escola devido ao processo de seleção aplicado, convenciam-se que eles nada aspiravam da escola.

Com o processo de democratização das sociedades, designadamente da sociedade portuguesa, no pós-25 de abril, entendeu-se que a escola deveria ser “libertadora”, permitindo o acesso a todos (Bourdieu & Champagne, 1992)<sup>2</sup>. Contudo, começou a evidenciar-se que, se por um lado se garantiu a liberdade de acesso à escola por parte dos indivíduos de todas as classes sociais, concretizando-se uma maior igualdade de acesso ao ensino, por outro lado subsistia o facto de que *não bastava ter igualdade de sucesso para aceder a posições sociais para as quais os títulos escolares (...) davam acesso* (Bourdieu & Champagne, 1992, p.71-75)<sup>3</sup>.

Importará ressaltar, então, que se a “escola libertadora” possibilitou o acesso a todos, contudo, esta nova “escola de massas” manifestamente não conseguiu garantir a todos as mesmas oportunidades de sucesso. Considera-se que houve uma expansão quantitativa do sistema educativo (mais escolas, mais alunos, mais professores), não tendo sido acompanhada das necessárias mudanças qualitativas, para fazer face à heterogeneidade sociocultural dos alunos que passaram a estar no seu interior. Assim, de acordo com Bourdieu & Champagne (1992)<sup>4</sup>, mantiveram-se os benefícios sociais e escolares, essencialmente, ainda que, o processo de exclusão seja diferente. Isto porque, a exclusão passa a verificar-se no interior da escola, enquanto no passado, se processava no exterior – as crianças e jovens de classes sociais culturalmente distantes da escola passaram a estar dentro da mesma mas excluídas da possibilidade de terem sucesso.

Desta forma, importará atentar no facto de que a escola se tornou num aglomerado de títulos escolares, parecendo ser este um dos principais agentes da desvalorização da escola (Bourdieu & Champagne, 1992)<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Tradução para português de Custódia Rocha, não publicada, cedida pela autora.

<sup>3</sup> Tradução para português de Custódia Rocha, não publicada, cedida pela autora.

<sup>4</sup> Tradução para português de Custódia Rocha, não publicada, cedida pela autora.

<sup>5</sup> Tradução para português de Custódia Rocha, não publicada, cedida pela autora.

Relativamente à súbita massificação escolar, Dubet (2003, p.35) menciona que *é preciso considerar o conjunto dos mecanismos de diferenciação interna que estrutura o sistema. A oferta escolar não é homogênea e nem produz sempre o mesmo desempenho; não tem sempre a mesma eficácia*. Assim sendo, numa escola de massas o *mecanismo de tratamento e de aprofundamento das distâncias é reforçado por todos os processos implícitos que organizam o ‘mercado’ escolar (idem)*. Por conseguinte, os alunos que possuem culturalmente e socialmente mais recursos, são também os mais favorecidos pela escola. Assim, as estratégias utilizadas pela escola são acompanhadas de desigualdades que sublinham a exclusão escolar (Dubet, 2003). A ideia supramencionada de que a escola é palco de exclusão escolar é ainda reforçada quando Dubet (2003, p.43) refere que *o problema da exclusão nos ensina que as relações da escola e da sociedade se transformam e que a escola perdeu sua ‘inocência’*, uma vez que a própria é *agente de uma exclusão específica que transforma a experiência dos alunos e abre uma crise de sentido*.

Ao encarar e tratar a heterogeneidade de jovens que compõem a população escolar como um conjunto de indivíduos indiferenciados, a escola contribui, ainda, para o questionamento da cidadania enquanto possibilidade de vivência e expressão das identidades.

Com efeito, a cidadania remete-nos para as diferentes identidades, podendo elas ser individuais ou grupais, e nas quais os indivíduos estão inseridos (Pais, 2005).

O conceito de cidadania é, comumente, assumido como um conceito que estabelece de alguma forma alguns limites e fronteiras onde uns são considerados “os incluídos” e outros “os excluídos ou marginais”. A definição destes limites e destas fronteiras foi feita tendo em conta aqueles que se entendem ser os *valores que são próprios de “nós” (os enquadrados) por contraposição a “eles” (os excluídos)* (Pais, 2005, p.57). No entanto, há de facto uma cidadania assente em *direitos estabelecidos*, enquanto cidadão, e que se assumem como consensuais e estáveis, exemplo disso, o direito ao voto. Não obstante, vão surgindo inevitavelmente aqueles que se denominam de *direitos conquistados*, sendo que estes não são mais do que resultado de *circunstâncias*

*ou necessidades mutáveis da vida* (Pais, 2005, p.57). De acordo com Machado Pais (2005, p.57), perante estes factos podemos falar naquela que se intitula uma *cidadania inovadoramente participada*.

Nesta perspetiva, por referência aos jovens, a cidadania deverá atender à expressão cultural destes, permitindo-nos uma melhor compreensão no que diz respeito às emoções e sentimentos dos mesmos. Uma vez que *ao serem muitas vezes olhados de lado, os jovens acabam por desenvolver, em ricochete, as rejeições de que são alvo (...) daí os conceitos decorrentes de inclusão (...) e de exclusão* (Pais, 2005, p.56).

Ainda segundo o autor muitos dos movimentos sociais que se têm vindo a verificar por parte dos jovens, não são mais do que manifestações de revolta perante aquelas que entendem ser repressões da individualidade (Pais, 2005). Assim sendo, consideramos que, tanto no interior da escola, como fora dela, é forçoso reconhecer a importância da diversidade dos modos de ser e de estar dos jovens para a compreensão e construção da sua cidadania, a qual *não deve estar apenas vinculada ao discurso da “integração”* (Moya, cit in Pais, 2005, p.55).

## Capítulo II



## **CAPÍTULO II – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO PARTICIPATIVA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA**

### **1. Apresentando o Método**

*A Investigação participativa corresponde a um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver, para que possa constituir moradia confortável de tudo quanto nele existe (Lima, 2003, p. 306).*

A decisão de adotar uma determinada metodologia num processo de investigação, deve ser tomada tendo em conta algumas questões importantes, nomeadamente: os objetivos que se pretendem atingir, bem como, a forma como se pretende conduzir a investigação.

O método de investigação-ação tem vindo a assumir um papel privilegiado, sobretudo, no que diz respeito à produção de conhecimentos pela ação, ao alcance de realizações dos intervenientes e às transformações e mudanças no campo social envolvido.

De acordo com Lima, (2003, p.318), trata-se de um método de investigação que, *num coletivo e num processo de autodesenvolvimento, procura conhecer-se e conhecer o que lhe é exterior para agir adequadamente no sentido da melhoria da qualidade de vida.* Ou seja, o método de Investigação – Ação Participativa atua no sentido de criar as condições necessárias para que uma determinada comunidade não se identifique apenas como “uma parte de”, mas que construa as ferramentas necessárias para poder desempenhar uma ação de mudança (social) dentro de “um todo”.

Trata-se, portanto, de uma forma de pesquisa participada, que se baseia na premissa de que todos os participantes, em cooperação, vão construindo o conhecimento necessário e desenvolvam a capacidade de aprendizagem de forma a permitir que consigam ter um *maior controlo sobre o curso das coisas que afetam as suas vidas* (Lima, 2003, p.318).

O método de Investigação – Ação Participativa destaca-se pelas suas vantagens no que diz respeito à utilização de diversos instrumentos e estratégias, permitindo adequar a intervenção a qualquer tipo de contexto social.

A opção pela Investigação – Ação Participativa como metodologia de referência neste projeto de investigação, definiu-se muito em parte tendo por base algumas permissas enunciadas por Guerra (2006) e que vão de encontro à situação concreta em estudo, nomeadamente, compreender o sujeito como ator social capaz de racionalidade e escolha, bem como entender as relações sociais como relações de poder. (Nóbrega, 2010)

A atitude metodológica da Investigação – Ação Participativa, torna-se pertinente como forma de *protagonismo social que habitualmente os sujeitos intervenientes não usufruem*, permitindo, portanto, *que se tornem construtores da sua própria realidade e corresponsáveis por todo um projeto de mudança* (Nóbrega, 2010, p. 37).

## **2. Procedimentos e Instrumentos**

No decorrer do processo de investigação, foram utilizadas diversos instrumentos e procedimentos que incluíram a observação, as conversas informais, os debates com as equipas de investigação, os grupos de discussão focalizada – *focus group* e instrumentos expressivos tais como jornais e reportagens

### **2.1 Grupos de Discussão Focalizada**

Se para Morgan (1998) o *focus group*, ou grupo de discussão focalizada, não são mais do que entrevistas em grupo que permitem a recolha de dados, para Galego & Gomes (2005), trata-se de um *instrumento permite não só que se crie um espaço de debate em torno de um assunto comum a todos os intervenientes, como também permite que através desse mesmo espaço os*

*participantes construam e reconstruam os seus posicionamentos em termos de representação e de atuação futura.* (Galego & Gomes, 2005, p.178)

Gibbs (1997) vai um pouco mais longe e defende que a técnica de *focus group* é algo muito mais abrangente e deve basear-se nas atitudes dos participantes, nos seus sentimentos, crenças, experiências e reações de uma forma que não seria viável através de outras técnicas.

O grupo de discussão focalizada é, normalmente, composto por um conjunto de 5 a 10 pessoas, sendo o investigador moderador principal, cujo papel será o de facilitador da dinâmica do grupo (Esteves, 2008).

O papel do moderador/investigador é exigente e desafiador, pois para além de promover o debate, e de “desafiar” os participantes, terá que possuir boas capacidades interpessoais, nomeadamente, ser bom ouvinte e evitar formular juízos de valor.

Para Gibbs (1997), estas qualidades irão promover a confiança dos sujeitos participantes, aumentando assim as possibilidades de construir um conversas abertas e interativas.

## **2.2 Diários e Notas de Campo**

*Reunir as informações de que necessitamos pode ser por si só bastante difícil. Voltar a encontrá-las algum tempo depois pode ser ainda mais difícil, a não ser que os nossos métodos de registo e de organização sejam coerentes e sistemáticos,* (Bell, 2010, p.64).

O diário de campo foi o instrumento utilizado para manter um registo minucioso e detalhado de todo o processo de investigação, sobretudo, nas sessões de *focus group* desenvolvidas com as equipas de investigação, tendo sido operacionalizado através das notas de campo.

Para Hobson (cit in Esteves, 2008, p. 89), *o diário representa o lado mais pessoal do trabalho de campo, uma vez que inclui os sentimentos, as emoções e as reações de tudo o que rodeia o investigador.* Esta é, portanto, uma mais valia para o processo de investigação, uma vez que é com base nos diários de campo



que os investigadores conseguem analisar e refletir sobre os dados recolhidos, permitindo assim a construção e reconstrução das suas perspetivas de melhoria.

No diário de campo constam as observações sobre os comportamentos, gestos, expressões, conversas informais, reflexões e tem como objetivo principal registar em tempo real, atitudes e outras ocorrências que se verifiquem no contexto e que se revelem significativas para a investigação.

No que diz respeito às notas de campo, estas são registos importantes dentro de um processo de investigação, sendo indispensáveis quando estamos perante um processo de Investigação – Ação Participativa.

Para Esteves (2008, p. 88), as notas de campo não são mais do que um registo do *pedaço da vida que ali ocorre, procurando estabelecer ligações entre os elementos que interagem nesse contexto*.

As anotações do que ocorre ao longo das observações podem ser feitas no momento em que decorre a ação ou posteriormente. Caso as anotações sejam feitas posteriormente, é importante que se recorra a suportes técnicos, designadamente, fotografia, vídeo ou gravação áudio, isto, por forma a assegurar que as notas de campo e/ou diários sejam o mais fiéis possível ao momento de observação.

### **2.3 Instrumentos Expressivos**

Com o propósito de dinamizar a investigação, bem como desencadear ações que levassem a várias formas de observação, à promoção de debates e à reflexão das equipas de investigação, revelou-se oportuno que as equipas interagissem com dois dos principais meios de comunicação com os quais lidamos diariamente, nomeadamente, imprensa (escrita) e televisão.

Assim, e dado que o contexto de investigação assentava em “Jovens em Notícia”, foram utilizadas duas versões da área noticiosa: os jornais e as reportagens de telejornais

### **2.3.1 – Jornais**

O contacto dos jovens com os jornais, em formato papel, era uma etapa indispensável e muito significativa neste projeto, daí a relevância em iniciar as sessões de *focus group* com a intervenção da “imprensa escrita”.

Grande parte destes jovens afirmou, em algum momento, que não tinha ou nunca desenvolveu o contacto com os jornais em formato de papel, sendo que, ocasionalmente, para a realização de trabalhos de algumas disciplinas, já tinham recorrido aos jornais *online*.

Ainda que não de uma forma exaustiva, proporcionar um momento de contacto com jornais, com toda a sua estrutura, composição das notícias, destaques das manchetes, estratégias para captação da atenção dos leitores, foi um ponto fundamental para dar início às sessões de debate

### **2.3.2 - Reportagens**

A relação que os jovens mantêm atualmente com a televisão é deveras significativa, sobretudo dada a vasta oferta de programas que fazem parte das grelhas de programação. No entanto, os telejornais são os programas televisivos que, de acordo com as três equipas de investigação que fizeram parte deste projeto, não fazem parte da sua lista de interesses.

Assim, dada a problemática do projeto de investigação, era importante que, tal como aconteceu com os jornais, os jovens tivessem um contacto, ainda que breve, com alguns trechos dos telejornais que diariamente “entram” nas nossas casas.

Mais do que a preocupação em estabelecer contacto entre os jovens e as e os telejornais, era fundamental que percebessem, analisassem e refletissem sobre a forma como eram apresentadas pelos jornalistas as notícias em que os Jovens estivessem representados, bem como a importância, ou não, que lhes era atribuída, quer pelo próprio telejornal quer pela sociedade.

Desta forma, as reportagens foram um dos instrumentos que se revelaram mais apropriados para levar até às equipas de investigação um pouco daquela que tem sido a “realidade jornalística em televisão”.

### **3. O Processo de Investigação – Ação Participativa**

As questões de partida deste projeto surgiram, sobretudo, em consequência do contacto com um trabalho de investigação levado a cabo por Cristina Ponte (2005) que consistiu, basicamente, na cobertura jornalística das crianças na imprensa de informação geral. Ao longo do trabalho são referidos vários trabalhos de investigação, realizados fora de Portugal baseados na recolha, análise e catalogação de notícias, de vários jornais, em que as crianças fossem as principais protagonistas. Tendo em conta a natureza das notícias e o propósito de cada trabalho, foram criadas várias categorias sob as quais era feita a catalogação, entre as quais: Criança Vítima; Criança Aluno; Criança Protagonista; Criança Delinquente; Criança Campo de Estudo, entre outras.

Ao longo de várias pesquisas documentais sobre estudos semelhantes surgiu ainda um estudo realizado por Boaventura Eugénio Monjane (2011) cujo objeto de análise era a *Representação da Infância nos media Moçambicanos*.

Nesse sentido, tendo por base o trabalho de Cristina Ponte e de Boaventura Monjane e, atenta ao evidente aumento da cobertura noticiosa dos jovens nos media, sobretudo na imprensa e na TV, sendo que grande parte das notícias são em contexto de violência, ou de vitimização; revelou-se de todo pertinente assumir o tema dos jovens em notícia como problemática de investigação.

### **4. Da Problemática às questões partida e objetivos**

A definição dos objetivos a que este projeto de propunha foi realizada em várias fases. Numa **primeira fase** foram definidas aquelas que seriam as **questões de partida**:

- Que relação têm os jovens com os meios de comunicação social, mais concretamente, televisão e imprensa?
- Qual a opinião dos jovens quanto ao aumento das notícias em que eles (jovens) são os protagonistas?
- Que sentem os jovens quanto à forma como têm sido expostos nas notícias?

Definidas aquelas que seriam as questões base que iriam sustentar o projeto, partiu-se para aqueles que seriam os principais pontos de referência – os **objetivos gerais**:

- Compreender qual o interesse dos jovens pelos jornais e telejornais que têm ao seu dispor;
- Compreender qual a opinião dos jovens face às notícias onde são implicados e que compõem o jornais diários generalistas, bem como os telejornais;
- Contribuir para a escuta, a análise e reflexão dos jovens sobre a forma como são noticiados pelos meios de comunicação social, designadamente, jornais e telejornais;
- Promover o direito de participação social dos jovens, na sua qualidade de sujeito, em atividades que assentem na composição de material jornalístico, nomeadamente, notícias para a composição do jornal da escola, promoção de tertúlias e outras atividades que impulsionem a interação com a comunidade em geral, bem como com a comunidade escolar.

De forma a alcançar os objetivos traçados, foram então consideradas algumas atividades, que se iriam traduzir naqueles que seriam os **objetivos operacionais**:

- Organizar o grupo de jovens em equipas de investigação por forma a conhecer e serem reconhecidos, pela escola e pela comunidade, como investigadores/atores participantes no projeto de investigação;
- Criar condições e dispositivos de escuta, de expressão e ação entre as equipas de investigação para que produzam conhecimento crítico sobre os meios de comunicação social e pela forma como estes noticiam os jovens;
- (Re) Construir, com as equipas de investigação, novos contextos de comunicação que dêem voz à experiência e opinião sobre os meios de comunicação social e a forma como noticiam os jovens;
- Criar condições de diálogo aberto/debate sobre os jovens, os meios de comunicação social e a relação entre ambos;
- Organizar com as equipas uma tertúlia com o tema “Jovens em Notícia”, aberta à comunidade escolar e à comunidade em geral, entre as equipas de investigação e jornalistas como forma de promover a troca e produção de conhecimento.

No entanto, os objetivos iniciais aos quais o projeto se propunha, rapidamente, começaram a evidenciar a necessidade de serem reformulados, uma vez que a realidade assumida aquando da construção dos mesmos não corresponderam à realidade encontrada nas equipas de investigação. Ou seja, os objetivos apresentados inicialmente, foram definidos assumindo que as equipas de investigação teriam uma relação mais próxima com as notícias diárias, com os telejornais, com a leitura de jornais. No entanto, no decorrer das primeiras sessões de *focus group* e após algumas conversas informais que se foram proporcionando, tornou-se evidente que essa relação não existia, pelo menos não da forma que se esperava e que pudesse tornar possível o cumprimento dos objetivos.

Ainda que o incentivo ao debate e a uma análise mais atenta aos conteúdos jornalísticos em Portugal estivesse presente nas duas primeiras sessões de *focus group*, a verdade é que, mais do que uma perceção pouco clara e definida sobre

o mundo noticioso, o tema em debate - “ Jovens em Notícia” - não estava a ir ao encontro dos interesses dos jovens.

Assim, e na tentativa de não perder a motivação despertada no dia em que o projeto foi apresentado às equipas, foi fundamental permitir que os participantes se afirmassem quanto ao tema e quanto à forma como iria ser tratada a questão dos “Jovens em Notícia”.

Deste modo, e atendendo a que a posição assumida neste instante era de não limitar o projeto com objetivos, que mais uma vez pudessem condicionar a participação dos intervenientes, a posição assumida foi de deixar os objetivos em aberto para que estes fossem (re)formulados em conjunto, bem como de que forma iria ser concretizado o projeto, permitindo assim aos jovens uma intervenção mais ativa e um voto de confiança na decisão do rumo a seguir.

Com o evoluir das sessões de debate, e tendo em conta os temas que eram abordados e trazidos pelas equipas, foi já numa fase mais adiantada do projeto que se definiu aquela que seria a concretização final do mesmo – realização de uma reportagem sobre o S. Paio – bem como a (re)definição daqueles que seriam os objetivos do projeto.

A decisão daquele que seria o “culminar” do projeto, passou sobretudo por alguns objetivos que as três equipas de investigação pretendiam atingir:

- Promover a Torreira, enquanto Terra Natal da maioria dos alunos, bem como a festividade local que mais destaque dá à Torreira e que traz até si milhares de pessoas – **S.Paio**;
- Perceber qual a visão que as pessoas têm do comportamento dos jovens no decorrer das festividades do S. Paio;
- Demonstrar/Provar à comunidade escolar, à comunidade da Torreira, e às envolventes, que são capazes de assumir projetos de responsabilidade, que impliquem trabalho, dedicação e rigor.

Relativamente aos objetivos gerais do projeto, os dois primeiros objetivos foram abandonados, uma vez que já não se revelavam pertinentes para o projeto.

Os restantes mantiveram-se inalteráveis, uma vez que continuavam a ir ao encontro do pretendido.

Já aqueles que se definiram como **objetivos operacionais**, necessitaram de algumas alterações, mais concretamente:

<b>OBJETIVOS OPERACIONAIS</b>	
<b>OBJETIVOS INICIAIS</b>	<b>OBJETIVOS (RE)FORMULADOS</b>
Organizar com as equipas uma tertúlia com o tema “Jovens em Notícia”, aberta à comunidade em geral e à comunidade escolar, entre as equipas de investigação e jornalistas como forma de promover a troca e produção de conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar com as equipas de investigação um grupo de trabalho para elaboração de uma reportagem sobre o S. Paio;</li> <li>• Estabelecer uma ordem de trabalhos para saídas de campo – realização de entrevistas;</li> <li>• Construir com as equipas de investigação a reportagem sobre o S. Paio;</li> <li>• Criar as condições e dispositivos necessários para que o trabalho com a reportagem seja acompanhado por um(a) jornalista.</li> </ul>

## **5. Do contexto ao reconhecimento do(s) grupo(s) participante(s)**

### **5.1. A Comunidade como contexto de vida dos jovens**

A Torreira, inserida no Concelho da Murtosa, é uma localidade de pequenas dimensões, cuja área total, das suas quatro freguesias (Murtosa, Monte, Bunheiro e Torreira) ronda os 7.365 ha, possuindo, de acordo com os resultados dos censos de 2011, cerca de 2536 habitantes.

Relativamente à freguesia da Torreira, esta situa-se na faixa litoral entre o Oceano Atlântico e a Ria de Aveiro, fazendo fronteira a Sul com o concelho de Aveiro e a Norte com o concelho de Ovar e sendo composta pelas localidades das Quintas do Norte, Quintas do Sul, Torreira e Muranzel.

Atualmente, tem-se verificado na Torreira um aumento significativo no que diz respeito à exploração da área do Turismo. No entanto, é a atividade piscatória a principal forma de subsistência de grande parte dos habitantes. Esta realidade não é recente, e tem passado de geração em geração dentro de várias famílias. Uma atividade que tem vindo a crescer e se tem vindo a tornar também ela uma forma de subsistência é a apanha de bivalves.

No que concerne às infra estruturas básicas a Torreira possui, a título de exemplo, saneamento básico, água da companhia, arruamentos, fáceis

acessos rodoviários e transportes públicos que são intensificados durante a época balnear.

Relativamente a instalações próprias para a prática de desporto é possível apontar um circuito de manutenção e um campo de futebol.

Em termos culturais, a comunidade da Torreira é favorecida pela existência de 5 principais coletividades, sendo elas: a Associação Náutica

da Torreira, o Clube Desportivo Torreira-Mar, a Associação Filantrópica Da Torreira (ASFITA), a Colónia de Férias da Torreira e o Agrupamento 824 do Corpo Nacional de Escutas. De salientar, e ligada à Igreja, existe o Grupo de Jovens da Torreira.

Quanto ao ensino na Freguesia da Torreira é de apontar unicamente Escola Básica Integrada pertencente ao Agrupamento de Escolas da Murtosa. É de salientar, que se encontra na Murtosa, o estabelecimento de ensino secundário mais perto. No que diz respeito a infraestruturas sociais, é de ressaltar a existência de uma extensão de saúde, uma estação de CTT, uma farmácia, uma agência bancária e um parque de campismo.

Uma vez que a Torreira apresenta condições naturais (ria e mar) que têm vindo a permitir um aumento no turismo local. Assim sendo, o setor comercial, nomeadamente a restauração, tem sido intensificada nos últimos anos. Desta forma, é possível contabilizar cerca de 11 restaurantes e 10 bares.



Ainda assim, existem também outros estabelecimentos que compõem o setor comercial desta localidade e passíveis de apontamento. Desta forma, contabilizam-se 6 pousadas/residenciais, 5 padarias/pastelarias, 3 minimercados, 2 agências imobiliárias, 1 livraria/papelaria, 1 drogaria, 1 peixaria e 1 clube de vídeo, entre outros.

## **5.2. A Escola como comunidade educativa e de inserção dos jovens**

A Escola Básica e Integrada da Torreira está situada à beira-mar, numa zona piscatória socialmente desfavorecida. O complexo escolar é constituído por um edifício principal, onde constam salas de aula adaptadas provisoriamente ao Pré-Escolar, quatro salas do Primeiro Ciclo, doze destinadas ao segundo e terceiro ciclos, bem como, Gabinete de trabalho de Educação Especial, Biblioteca, Papelaria, Reprografia, Secretaria, Sala de Professores, Cantina Escolar e Bar de alunos; e por um pavilhão gimnodesportivo, um campo de jogos e um espaço destinado a recreio para os alunos.

Do ponto de vista mais específico e, tal como nos havia sido dado a conhecer pelo Diretor, a Escola Básica e Integrada da Torreira depara-se com dois padrões de alunos. Por um lado encontra-se um padrão de aluno que não revela grandes perspetivas face à escola e que a assume como uma etapa que tem que ser cumprida, uma vez que é obrigatória. Isto muito se deve, em parte, ao facto do meio de origem destes alunos se caracterizar, em muitas situações, por graves dificuldades socioeconómicas, às quais se associam frágeis situações de trabalho (desemprego, trabalho incerto e temporário).

Este contexto de vulnerabilidade social que caracteriza um conjunto alargado de alunos transpõe-se para situações de insucesso escolar repetido, patente no fraco aproveitamento, no desinteresse face à escola e em perspetivas de futuro limitadas. Dentro ainda deste grupo há aqueles alunos que, apesar destes condicionalismos, valorizam a possibilidade de ingressar nos cursos profissionais, quer 9.º ano, quer 12.º ano e perspetivam a escola e as qualificações como uma peça importante para alcançar um bom futuro, quer profissional, quer pessoal.

Por outro lado, encontra-se um padrão de aluno, ainda que em menor número, que revela perspectivas positivas quanto à escola e que a assume como um momento da vida que é importante e necessário para atingir objetivos futuros quer profissional quer pessoal. Estes alunos são, na sua maioria, provenientes de famílias com uma estruturas socioeconómicas mais estáveis e que, para além de prestar apoio no estudo e prestar um maior acompanhamento, fomentam o empenho, a dedicação e o estudo, refletindo-se consequentemente no sucesso escolar.

### 5.3. Os participantes – Investigador Coletivo

Inicialmente foram 26 os jovens que decidiram integrar o projeto, sendo que, na transição do ano letivo de 2012/2013 para o 2013/2014 10<sup>6</sup> elementos ficaram retidos no 8.º ano. Subsequentemente 4 jovens<sup>7</sup> foram integrados na turma, devido a retenções do 9.º, passando a integrar as equipas de investigação. O projeto de investigação passou, dessa forma, a envolver 12 raparigas e 8 rapazes, que foram constituídos protagonistas deste projeto de investigação, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos.

- |                          |                         |                        |
|--------------------------|-------------------------|------------------------|
| • Adriana (14 anos);     | • Célia (14 anos); #    | • Nádia (16 anos);     |
| • Alexandre (15 anos); * | • Cláudio (17 anos); *  | • Nicole (15 anos); #  |
| • Ana M. (15 anos); #    | • Eliano (14 anos);     | • Rogério (15 anos); # |
| • Ana R. F (14 anos);    | • Henrique (16 anos);   | • Sandra (15 anos);    |
| • Ana R. (14 anos).;     | • Inês (15 anos);       | • Soraia (15 anos); #  |
| • Andreia (16 anos);     | • João (14 anos);#      | • Tânia (15 anos);     |
| • Arménio (15 anos);     | • João A (17 anos);*    | • Valéria (14 anos) .  |
| • Bruno (15 anos); #     | • João T (17 anos);*    |                        |
| • Catarina (15 anos);    | • José Pedro (15 anos); |                        |
| • Cátia (15 anos); #     | • Juliana (17 anos);    |                        |
| • Carolina (15 anos); #  | • Micaela (14 anos);    |                        |

<sup>6</sup> (#) Elementos que ficaram retidos no 8.º ano.

<sup>7</sup> (\*) Os elementos que vieram posteriormente a integrar as equipas de investigação.

O grupo foi, desde início, dividido em três equipas de investigação, por forma a tornar possível o trabalho em conjunto. Independentemente das alterações que se vieram a verificar posteriormente, tendo em conta os elementos retidos, mantiveram-se as três equipas, sendo que a que sofreu maiores perdas<sup>8</sup> (#) foi a que acolheu os novos elementos<sup>9</sup> (\*).

EQUIPA 1	EQUIPA 2	EQUIPA 3
<ul style="list-style-type: none"> <li>• José Pedro;</li> <li>• Adriana;</li> <li>• Henrique;</li> <li>• Ana Rita S;</li> <li>• Tânia;</li> <li>• Arménio;</li> <li>• Célia. (#)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ana M. (#)</li> <li>• Nicole; (#)</li> <li>• Carolina; (#)</li> <li>• Valéria;</li> <li>• Ana Rita F;</li> <li>• Catarina;</li> <li>• Cátia; (#)</li> <li>• Nádia;</li> <li>• Sandra.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• João; (#)</li> <li>• Carolina T. (#)</li> <li>• Bruno; (#)</li> <li>• Rogério; (#)</li> <li>• Soraia; (#)</li> <li>• Cláudio;</li> <li>• João A;</li> <li>• João T;</li> <li>• Eliano;</li> <li>• Inês;</li> <li>• Andreia;</li> <li>• Micaela;</li> <li>• Juliana.</li> </ul>

Numa primeira abordagem, foram recolhidos, informalmente, alguns dados dos elementos que constituíam as equipas para que fosse possível proceder a uma primeira caracterização, ainda que não fosse definitiva, do grupo no seu geral. Esta recolha, informal, de informação foi realizada no dia em que o projeto foi proposto ao grupo/turma. Consistiu basicamente na recolha das idades, retenções, n.º de elementos do agregado familiar, onde residiam e expectativas para o futuro.

A opção de não recorrer nesta altura inicial a um levantamento de dados mais rigoroso, quer por questionário ou outro instrumento de recolha de dados, veio no seguimento do que já tinha sido alertado pelo Diretor da Escola quanto às

<sup>8</sup> (#) Alunos que ficaram retidos no 8.º ano e não permaneceram no projeto;

<sup>9</sup> (\*) Alunos que integraram a turma e o projeto de investigação;

eventuais pressões que os intervenientes pudessem sentir no que diz respeito a muitas formalidades. Associada a esta questão, surge também as dificuldades que o grupo sente em acreditar que a participação, ou não, neste projeto não acarretaria qualquer tipo de penalização ou benefício no percurso escolar.

Foi no entanto, numa fase posterior em que as equipas já se sentiam mais confiantes e livres de pressões, que se procedeu a um levantamento formal de dados necessários para que se procedesse a uma caracterização do grupo/equipas de investigação fosse o mais fiel possível à realidade, foram recolhidas algumas informações sob a forma de “Perfil de Facebook”<sup>10</sup> e no âmbito de um jogo de apresentação. Ainda a este respeito, é de salientar que este levantamento contou com os novos elementos da turma não contanto, portanto, com a colaboração dos elementos retidos no 8.º ano.

Assim, segundo os dados constantes no “Perfil de Facebook”<sup>11</sup>, a maioria dos pais tem idades compreendidas entre os 34 e os 47 anos<sup>12</sup> tendo a maioria como habilitações literárias entre o 4.º e o 6.º ano de escolaridade (conforme quadro representativo em Anexo I), sendo que apenas dois pais são Licenciados.

Relativamente à situação profissional dos progenitores, especial destaque para a representatividade as mães como “Domésticas” (7) e os pais como “Pescadores” (6). No entanto, de realçar, situações de pais/mães Desempregados(as) (4), Empregado (a) fabril (5) e Camionistas (3).<sup>13</sup>

Quanto aos jovens que constituem as equipas de investigação, e segundo os dados obtidos no formulário, 80% da turma já ficou retida no 8.º ano e 50% estão a repetir o 9.º ano pela segunda vez.<sup>14</sup>

São um grupo de jovens com hábitos de leitura muito escassos<sup>15</sup>, sendo que 6 admitem terem lido entre 1 e 2 livros, 4 admitem terem lido pelo menos 2 a 4 livros e 4 admitiram que não gostam de ler.

---

<sup>10</sup> O modelo do inquérito utilizado – Perfil de Facebook – encontra-se disponível Anexo II.

<sup>11</sup> Todos os dados recolhidos foram analisados e transcritos sob a forma de tabelas que se encontram em Anexo III

<sup>12</sup> Tabela com relação de idades disposta Anexo III

<sup>13</sup> Encontra-se em Anexo III tabela descritiva com todos os dados recolhidos sobre a situação profissional dos progenitores.

<sup>14</sup> Em Anexo I encontra-se tabela descritiva com os dados de Retenção por ano escolar.

As férias de verão, a festa do S. Paio, e o nascimento de irmãos e/ou sobrinhos, foram dos momentos mais marcantes na vida destes jovens, destacando-se ainda a morte de familiares próximos e as novas amizades.

Uma das questões constantes do “Perfil de Facebook” dizia respeito aos hábitos televisivos<sup>16</sup> do grupo. É de destacar o número de jovens que admite ver telenovelas (10), sobretudo na companhia dos pais; filmes (6), sozinhos ou com os pais. 6 admitem que acompanham os pais na hora do telejornal e 8 afirmaram que o “The Voice” era o programa que estavam a seguir, quer sozinhos, quer na companhia dos pais.

A maioria dos jovens admite que a simpatia, a amizade e a fidelidade para com os amigos são as suas maiores qualidades e aquilo que mais apreciam nas pessoas. Por outro lado, a inveja, a mentira, a falsidade, as críticas e o falar pelas costas são os aspetos que menos gostam e/ou não toleram nas pessoas/amigos.

17

Tal como tantos outros jovens, também este grupo possui algumas ambições e/ou desejos daquilo que pretendem no futuro. Naquele que entendem ser o seu futuro próximo, a maioria anseia terminar o 9.º ano com aproveitamento e iniciar o secundário noutras escolas (Murtosa, Estarreja ou Ovar), preferencialmente em áreas profissionais, por forma a assegurar formação numa área específica, caso não seja possível prosseguir para a Universidade. No entanto, há os que pretendem apenas “fazer a vontade aos pais” de concluir a escolaridade até ao 12.º ano, para poderem iniciar as vidas profissionais, seguindo os passos dos pais – a pesca, a apanha do marisco, por exemplo.

O desejo comum a todos é serem felizes, terem forças e ferramentas para poderem lutar por um futuro melhor e poderem proporcioná-lo também aos pais, irmãos e familiares.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Encontra-se em Anexo III tabela descritiva com todos os dados sobre o tema. TABELA 7.

<sup>16</sup> Encontra-se em Anexo III tabela descritiva com todos os dados sobre o tema. TABELA 8

<sup>17</sup> Encontra-se em Anexo III tabela descritiva com todos os dados sobre o tema. TABELA 9

<sup>18</sup> Encontram-se em Anexo III uma tabela com transcrições sobre o tema. TABELA 10

## 6. Momentos do processo de investigação

A calendarização inicial do projeto foi feita seguindo as diretrizes do método de investigação-ação participativa e os constrangimentos inerentes à realização de um trabalho de natureza académico<sup>19</sup>, como por exemplo, o número “máximo” ou aconselhável de intervenientes - 7/8 elementos; realização de 6/8 sessões de *focus group*.~

No entanto, dada a implicação da turma toda no projeto, 26 alunos iniciais, e a necessidade de formar grupos/equipas e trabalhar com todos em simultâneo, levou a que toda a calendarização “idealizada” fosse (re) tratada por forma a ser possível realizar as várias atividades com as três equipas, segundo as mesmas condições.

Do ponto de vista cronológico, cada equipa teve duas sessões de *focus group*, sendo que a terceira sessão envolveu as três equipas e baseou-se sobretudo num processo de escuta, diagnóstico e fazer um ponto da situação; três sessões que envolveram a realização de trabalhos, incluindo saídas de campo; sessões de esclarecimento e vários momentos de conversas informais.

O processo de investigação não tomou um rumo linear, assim como também não foi ao encontro do que havia sido inicialmente programado. Dada a forma como tudo se desenvolveu foi possível destacar **cinco momentos** importantes ao longo do processo de investigação.

**1.º Momento – Entrada no terreno** - Momento em que se deram os primeiros contactos quer com a Escola, quer com a turma. Este momento foi fundamental para que se comesçassem a estabelecer laços entre a investigadora e o grupo de jovens.

Este primeiro contacto permitiu que fossem apresentados de forma clara os propósitos do projeto de investigação, bem como de que forma o grupo iria contribuir para a sua realização. Era fundamental que todos percebessem que seriam parte ativa do processo e não apenas objeto passivo da investigação.

---

<sup>19</sup> O constrangimento mais revelante deveu-se ao não cumprimento da data prevista para entrega do projeto, outubro de 2013.

O facto do convite se ter alargado, inicialmente a 26 jovens, ficando posteriormente, e devido a retenções, reduzido a 20 jovens (turma toda) e não aos aconselháveis 7/8 jovens, foi também um facto que marcou este primeiro momento.

É de realçar, que o consentimento por parte do grupo em participar no projeto foi feito oralmente. Isto porque, já tinha sido informada, pelo Diretor, de que era aconselhável avançar com alguma cautela e sem exercer grandes pressões, pelo menos num momento inicial, sobre o grupo, dada a sua dificuldade em confiar.

Assim, foi fundamental explicar à turma que participar, ou não, no projeto, não iria acarretar qualquer contrapartida, nomeadamente a nível de notas ou de qualquer outro momento de avaliação.

**2.º Momento** – Este segundo momento caracterizou-se pelo facto de, após as primeiras sessões com as três equipas, tornar-se claro que o tema em estudo – “Jovens em Notícia” – e a forma como o projeto estava a ser encaminhado não estava a ir ao encontro dos interesses dos jovens. Este desinteresse revelou-se mais visível em três aspetos:

- **Interesse dos jovens pelos jornais e telejornais;**
- **A opinião dos jovens face às notícias onde são implicados nos jornais e telejornais;**
- **Análise e reflexão dos jovens sobre a forma como são noticiados pelos meios de comunicação social.**

**3.º Momento** – Este momento foi de uma enorme importância, uma vez que, após perceber que o projeto não estava a ir ao encontro das expectativas das três equipas de investigação (**2.º momento**) e que o final do terceiro período do ano letivo estava a chegar ao fim, tivemos que fazer um ponto de situação urgente e assumir o compromisso de durante as férias de verão pensar no que tinha sido feito até ao momento, do que não estavam a gostar, de que forma gostariam de conduzir o projeto e qual seria o culminar/desfecho que queriam dar ao trabalho.

Uma certeza havia naquele momento: não queriam fazer a tertúlia com os jornalistas e não queriam continuar a analisar notícias com as quais não se identificavam.

A proposta de “pensar em casa” foi bem aceite por todos, concordamos que pensar com calma e sem ser sob pressão seria a forma mais correta de fazer com que chegássemos a ideias suscetíveis de serem discutidas mais tarde.

**4.º Momento** – Terminadas as férias de verão, surgiu o momento de retoma do projeto, ficando para trás alguns elementos, devido às retenções, mas com a integração de outros 4 novos. Começámos por fazer uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo dos momentos anteriores e discutir qual o rumo do projeto e de que forma se iria “concretizar”.

Depois das três equipas se terem pronunciado quanto aos objetivos que pretendiam atingir com a participação no projeto (promover a Torreira e o S. Paio; perceber qual a visão que as pessoas têm do comportamento dos jovens no S. Paio e demonstrar/provar à comunidade escolar, à comunidade da Torreira, e às envolventes, que são capazes de assumir projetos de responsabilidade, que impliquem trabalho, dedicação e rigor), decidiu-se que elaborar uma reportagem sobre o S. Paio e sobre a forma como os jovens se envolvem na Romaria, seria a melhor forma de se sentirem realizados com o projeto.

**5.º Momento** – O quinto e último momento deste projeto foi marcado pela análise e estudo daqueles que seriam os alicerces para a concretização da reportagem, nomeadamente, quem seriam os convidados, quais os instrumentos a utilizar para registar as várias intervenções, elaboração dos guiões para as entrevistas e quais as estratégias a utilizar para a construção da reportagem e a entrada no terreno – entrevistas.

A fim de sintetizar todas os momentos com as equipas, apresenta-se a seguinte calendarização:



Data da Sessão	Técnicas e Instrumentos Metodológicos	Intervenientes	Atividade
29 /03/ 2013	Reunião com Diretor da Escola	Diretor	Reunião
04 /04/ 2013	Conversa com a turma	Turma 8.A	Apresentação/Entrada no terreno
11/ 04/ 2013*	Discussão Focalizada I	Equipa 1	Pesquisa nos jornais de notícias que envolvam jovens/Debate/Processo de Escuta
18/04/2013*	Discussão Focalizada I	Equipa 2	Pesquisa nos jornais de notícias que envolvam jovens/Debate/Processo de Escuta
02/05/1013*	Discussão Focalizada I	Equipa 3	Pesquisa nos jornais de notícias que envolvam jovens/Debate/Processo de Escuta
09/05/2013*	Discussão Focalizada II	Equipa 1	Visualização de trechos de notícias sobre jovens emitidas nos telejornais/Debate/Processo de escuta
16/05/2013*	Discussão Focalizada II	Equipa 2	Visualização de trechos de notícias sobre jovens emitidas nos telejornais/Debate/Processo de escuta
23/05/2013*	Discussão Focalizada II	Equipa 3	Visualização de trechos de notícias sobre jovens emitidas nos telejornais/Debate/Processo de escuta
06/06/2013	Conversa Informal	Equipa 1 Equipa 2 Equipa 3 Diretor	Processo de escuta/Diagnóstico/Propostas de Mudança/Definição de rumo para o projeto.
12/09/2013	Conversa Informal	Diretor	Retoma do projeto com as equipas
18/09/2013	Conversa Informal	Alunos 9.ªA	Apresentação de proposta para retoma do projeto/Processo de Escuta/Definição de rumo para o projeto/Reestruturação das equipas/Preenchimento de ficha de dados – perfil facebook
25/09/2013	Sessão de trabalho	Equipa 1 Equipa 2 Equipa3	Preparação de guiões para entrevistas (saída de campo a 2 de Out.)
02/10/2013	Saída de Campo Entrevistas Semi-Estruturadas	Equipa 1 Equipa 2 Equipa 3 João – Gerente Maribar Sra. Marina – Proprietária da Padaria Ven-Por Sra. Dulce – Proprietária do Restaurante Xávega Mar Padre Abílio Sr. José Rito – Mestre Naval	Entrevistas
03/10/2013	Conversas informais: Envio de e-mail	Chefe de Comando dos Bombeiros Jovem trabalhadora/estudante (na UA) residente nos arredores da Torreira (12km) Jovem estudante (na UA) não residente – férias no S. Paio	Contacto para envio de guião de entrevistas para responderem por escrito
23/10/2013	Sessão Esclarecimento	Equipa 1 Equipa 2 Equipa 3	Sessão de esclarecimento sobre “Como se constrói uma notícia” e “Como se constrói uma reportagem”
06/11/2013	Sessão de trabalhos	Equipa 1 Equipa 2 Equipa 3	Preparação para composição da reportagem
14/05/2014	Conversa Informal	Jornalistas do Jornal de Estarreja – Joana Sousa e Júlia Sardinha	Proposta para utilização do resultado do projeto – reportagem – como edição especial de S. Paio e entrevista às equipas
04/06/2014	Conversa informal	Turma 9.º A	Apresentação à turma da proposta do Jornal de Estarreja
06/06/2014	Sessão de trabalhos	Equipa 1 Equipa 2 Equipa 3 Jornalistas	Entrevista às equipas de Investigação pelo Jornal de Estarreja

**Tabela 1 – Calendarização**

## Capítulo III



### **CAPÍTULO III – INVESTIGAÇÃO – AÇÃO PARTICIPATIVA COMO PERCURSO**

Neste momento do nosso trabalho, iremos apresentar o trabalho de investigação participativa realizado e refletir sobre o que escutámos e observámos, relacionando o conhecimento proporcionado pela experiência coletiva de investigação, com as reflexões teóricas apresentadas no primeiro capítulo.

Trata-se de uma etapa do trabalho de investigação em que, retomando o relato do processo, surgem rostos, vozes e identidades; sendo que todos os intervenientes fizeram questão de ressaltar que não queriam que as suas identidades fossem omitidas ou alteradas em qualquer parte do trabalho. No entanto, dado que se tratavam de jovens com idades inferiores a 18 anos e que legalmente são representados pelos pais e/ou encarregados de educação, era fundamental que este pedido fosse autorizado pelos mesmos

#### **1. De braço dado com o desafio**

A escolha e decisão de desenvolver este projeto de investigação – ação participativa, na Torreira, localidade pertencente ao Concelho da Murtosa, deveu-se por um lado ao facto de residir no concelho, por outro pela curiosidade em conhecer melhor a dinâmica dos alunos da Escola da Torreira, dadas as suas características muito próprias, enquanto comunidade, e que de alguma forma se diferenciam das demais freguesias; designadamente Murtosa, Bunheiro e Monte.

A permissão do Diretor e a aceitação do grupo em participar e integrar o projeto, foram fundamentais para que fosse possível desenvolver o projeto de investigação. O contacto com o Diretor da escola foi realizado logo após o início do semestre em que o projeto de investigação iria ser concretizado. Procedeu-se a um contacto informal por telefone que resultou no agendamento de uma reunião

para que fosse possível apresentar o meu projeto de investigação, os propósitos do mesmo e o motivo que me levou desenvolver o trabalho na Escola da Torreira.

Surgiu assim a oportunidade de desenvolver o projeto de investigação no decorrer do período escolar, uma vez por semana, às quintas-feiras, entre as 8:30 e as 10:00, salvo situações em que estivessem agendados testes e/ou outras atividades relacionadas com a Escola.

O primeiro contacto com os jovens/intervenientes foi fundamental para que se estabelecessem laços de confiança para que os próximos encontros decorressem de forma tranquila e livres de pressões ou faltas de à vontade e foi realizado na companhia e com a intervenção do Diretor da Escola/Diretor de Turma/Professor de Português. O Dr. Manuel Arcêncio apresentou-me à turma e de forma breve explicou-lhes qual o propósito da minha visita – apresentar-lhes o meu projeto e convidá-los a juntarem-se a mim nesta investigação.

Como primeiro passo entendeu-se relevante tentar distanciar-me do “estatuto” de professora por forma a eliminar alguns marcos que pudessem vir a limitar a posição dos intervenientes nos próximos encontros.

No entanto, apesar das várias tentativas, os jovens foram unânimes na opinião de que se sentiriam muito mais à vontade de utilizar o termo de “professora”, pois segundo os mesmos, seria uma questão de respeito e sentir-se-iam mais descansados não terem que pensar sempre como me deviam de tratar: Sra. Ana, Ana, D.Ana.

Resolvidas estas primeiras questões, começaram-se a dar os primeiros passos para avançar com o projeto. Foram apresentadas aquelas que seriam as três equipas de investigação. A constituição das três equipas ficou ao cargo do Diretor/Diretor de Turma, dado ser a pessoa que melhor conhecia o grupo e dado que se pretendiam três equipas heterogéneas. Foram, também, calendarizadas as datas para as sessões com cada um dos grupos, sendo que estas decorreriam por ordem crescente (Equipa 1; Equipa 2 e Equipa 3) e de forma cíclica (terminada a sessão com a Equipa 3, retomavam-se as sessões com a Equipa 1).

## **2. Dois olhares sobre uma realidade**

Aceite o desafio de integrarem o projeto, na qualidade de investigadores, começaram-se a dar os primeiros passos no processo de investigação. Incentivar e promover o contacto com jornais e com os telejornais era prioritário e um passo obrigatório para o desenrolar de todo o projeto.

### **2.1. Exploração dos jornais**

Assente naqueles que seriam inicialmente os objetivos gerais, todo o processo de escuta, debate e reflexão se desenrolou conforme previsto. Na primeira sessão promoveu-se o contacto com a imprensa escrita, através da procura de notícias em que houvessem jovens envolvidos. Os jornais utilizados nesta primeira atividade foram recolhidos pela investigadora nas semanas que antecederiam cada uma das sessões com as equipas.

**José Pedro** - *Bem ... aqui tem uma que fala de um jovem que estava de castigo... não percebi porquê mas se se fala em castigo, a notícia boa não é!* (Equipa 1)

**Ana Rita S.** – *a minha até era boa!* (Equipa 1)

**Cátia** – *Olha aqui há uma notícia de um homem que morreu* (Equipa 2)

**Catarina** – *Então, essa serve... se morreu tá fixe!* (Equipa 2)

**Carolina** – *Olha esta... Adolescente de 12 anos apunhalou irmã até à morte.* (Equipa 3)

**Andreia** – *Ai, tadinha!* (Equipa 3)

A variedade e a quantidade de notícias encontradas levou a vários momentos de reflexão e debate, sobretudo quanto à composição da notícia, o espaço que os jornais reservam para cada uma das notícias, tendo em conta o grau de importância. Outro ponto bastante interessante nesta fase foi a forma simples, direta e franca como caracterizavam as notícias – boas e/ou más.

**Eliano** – *Olhe, estas aqui umas são boas e outras são más...*(Equipa 3)

**Soraia** – *Há umas mais ou menos* (Equipa 3)

**Catarina** – *Também pensa o quê?!?! Só metem coisas más nos jornais que é para a gente comprar! Espertinhos!!* (Equipa 2)

**Nádia** – *Eu acho que isto é que dá mais interesse às pessoas, por isso é que eles metem isso!* (Equipa 2)

**Valéria** – *Também pode ser para nos sensibilizar... Colocam estas notícias para nos chamar a atenção para alguns perigos* (Equipa 2)

**Célia** – *a minha era boa mas também só fala aqui um bocadinho* (Equipa 1)

**Adriana** – *a minha ocupa a página inteira* (Equipa 1)

Como forma de perceber se as equipas se sentiam de alguma forma “atingidas” com alguma notícia, enquanto jovens, foram lançadas várias questões para discussão ao longo da primeira sessão, tendo por base as leituras iniciais das manchetes, nomeadamente, “você acham que só pelo facto de algumas notícias passarem uma imagem menos positiva dos jovens, os jovens se devem sentir incluídos nela?” As respostas surgiram de imediato e com elas algumas reações que definiram claramente a posição de alguns elementos das equipas.

**Catarina** – *Mas eles lá nos conhecem!? É que nós não somos todos iguais. Só porque alguns aparecem nos jornais não quer dizer que isso também se passe com nós!* (diz de forma indignada) (Equipa 2)

**Valéria** – *Mas a verdade é que alguns até podem ser assim...* (Equipa 2)

**Cátia** – *Há muita coisa que se diz nos jornais e as pessoas vão atrás disso* (Equipa 2)

**Nádia** – *Acho que não. Se não é nada connosco não temos porque nos sentir assim.* (Equipa 2)

**José Pedro** – *Olhe, somos como os outros!! Se nos acontecer algo mau somos logo notícia.* (Equipa 1)

**Adriana** – *Mas aqui ninguém nos conhece...* (Equipa 1)

**José Pedro** – *Se chamassem as televisões éramos. Pensa o quê, às vezes vem essas notícias más assim porque as pessoas ligam para as televisões! Quer dizer, acho eu... É que as televisões não vão saber estas coisas. Às vezes até está a dar as pessoas a tirarem as macas de casa das pessoas... é sinal que estavam lá nessas alturas, tiveram que ser chamados porque não iam adivinhar...* (Equipa 1)

O sentido de justiça e de verdade sempre foi algo evidente nas três equipas, pelo que, nunca deixaram de dizer o que sentiam ou de expressar “quem são” e “o que são” e “como são”. O facto de não se sentirem inibidos de expressar a sua opinião foi fundamental para que tudo se desenvolvesse, levando a que também não houvesse qualquer constrangimento por parte da investigadora em lançar perguntas mais diretas.

Foi, no entanto, indispensável questionar as três equipas sobre o tipo de contacto que tinham com os jornais, com as notícias sobre jovens, antes da sua participação no projeto. As respostas foram maioritariamente ao encontro do que se tinha vindo a observar nas primeiras sessões de cada equipa – não detinham grandes contactos com os jornais e não se interessavam na maioria das vezes pelas notícias que surgem na televisão.

**José Pedro** – *Eu às vezes reparo! E até comento com o meu pai. Ainda ontem, por exemplo, deu que um miúdo foi atropelado e depois a mulher fugiu e depois voltou... nem sei se vai ser acusada por se ter ausentado. Depois se não é isso é coisas de política, é isto e aquilo e depois as notícias e os assuntos são quase sempre os mesmos.* (Equipa 1)

**Cátia** – *Eu nunca vejo os jornais... Só vejo... Na televisão* (Equipa 2)

**Eliano** – *Oh Stôra, eu não vejo muito os jornais* (Equipa 3)

**Andreia** – *Eu nunca. Não!* (Equipa 3)

## **2.2. Reações à visualização das reportagens**

Avançamos para aquela que seria a segunda sessão, que consistiu na visualização de vários trechos de reportagens de telejornais – participação de notícias. Após a visualização dos trechos lançaram-se algumas questões chave para iniciar/promover o debate, assente no tema base - jovens em notícia, como por exemplo: “todas as notícias faziam referência ao mesmo assunto?”; “notaram alguma diferença por parte do jornalista na forma como ele apresentava cada uma das notícias?”

**Arménio** – *As primeiras notícias falavam dos jovens e do consumo do álcool e do tabaco... outras sobre uns jovens que ganharam um prémio qualquer numa prova de atletismo... e este era sobre um que morreu num tiroteio mas essa até deu em mais do que um sítio.* (Equipa 1)

**Nádia** – *São assuntos sobre jovens!* (Equipa 2)

**Valéria** – *As notícias são sobre jovens mas umas foram boas, tinha a ver com o atletismo, parece, mas outras já eram sobre os jovens e o álcool e sobre um tiroteio.* (Equipa 2)



Fazer com que as equipas iniciassem ou dessem algum incentivo ao debate, sobretudo nesta segunda sessão, foi uma preocupação constante. Uma das formas encontradas, para de alguma forma promover o debate, foi repetir um momento de uma das reportagens em que o jornalista dá especial ênfase a uma notícia, dizendo “esta é a notícia da noite”.<sup>20</sup>

Sem qualquer aviso do que iria acontecer durante a visualização das reportagens (fazer repetir várias vezes o momento em que o jornalista inicia a apresentação da notícia com a afirmação “esta é a notícia da noite”) as reações ao sucedido não foram tão evidentes quanto se esperava. Ou seja, as equipas tomaram essa “repetição” como eventual erro do vídeo e não como uma chamada de atenção para o que o jornalista estava a dizer. No entanto, pelo menos a uma das equipas não passou despercebido.

**Tânia** – *Um deles repetiu uma parte algumas vezes...*(Equipa 1)

**José Pedro** – *Pois foi...* (Equipa 1)

**Arménio** – *Acho que foi a parte «notícia da noite».*(Equipa 1)

**Nádia** – *Não são assuntos sobre jovens?* (Equipa 2)

**Valéria** – *As notícias são sobre jovens mas umas foram boas, tinha a ver com o atletismo, parece, mas outras já eram sobre os jovens e o álcool e sobre um tiroteio.* (Equipa 2)

Apelar ao debate tornou-se, a determinada altura, cada vez mais difícil, sendo que muito se deveu aos assuntos que iam surgindo em paralelo e que acabavam por captar a atenção dos participantes.

Assim, decidiu-se avançar com questões sobre casos mais concretos e a tentar perceber até que ponto conseguiria obter a atenção das equipas.

---

<sup>20</sup> A notícia em causa dizia respeito à morte de um estudante universitário, no decorrer da queima das fitas do Porto, que resultou de um tiro disparado durante um assalto ao recinto onde decorriam as atividades académicas.

A propósito de uma das reportagens que passou, sobre um grupo de jovens que se consagrou campeão numa modalidade de atletismo, e de um que decidiu promover e retomar ofícios antigos:

**Catarina** – *Ninguém disse que não interessava, mas as notícias tristes e de mortes e coisas assim são as que a gente fica logo com mais atenção.* (Equipa 2)

**Nádia** – *São coisas que chocam mais...* (Equipa 2)

Foi colocada a possibilidade de a investigadora ter duas notícias para lhes dar, uma “notícia boa” e uma “notícia má”, levantando-se a questão de qual delas preferiam ouvir.

**Unânime** – *Boa!*

Dada a resposta à questão e atendendo ao que tinham referido anteriormente - *as notícias tristes e de mortes e coisas assim são as que a gente fica logo com mais atenção* – conversámos sobre o porquê desta resposta atendendo ao facto de terem dito momentos antes que a “notícia boa” era a que queriam ouvir primeiro.

**Catarina** – *Oh! As que aparecem na televisão sim!* (Equipa 2)

**Cátia** – *Se forem coisas fixas a gente gosta!* (risos) (Equipa 2)

**Valéria** – *Não sei se se pode dizer que é mais «fixe». A que é melhor e que está a passar uma melhor imagem dos jovens é essa dos trabalhos antigos, a outra notícia é má. É uma morte. É uma perda. Mas nos telejornais são as que fazem com que as pessoas tenham mais atenção.* (Equipa 2)

**Valéria** – (...) *as pessoas são assim. Têm mais curiosidade pelas notícias más e pelo sofrimento das outras pessoas.* (Equipa 2)

**Nádia** – *Há pessoas que só estão bem a fazer mal aos outros e depois isso ainda lhes dá um gozo...* (Equipa 2)

A segunda sessão de cada uma das equipas veio a verificar-se, por parte das equipas, menos interessante que a primeira – contacto com os jornais. Isto porque, as três equipas se revelaram sempre bastante dispersas com conversas paralelas e com constantes intervenções que levavam a “quebras” no que se estava a debater.

Assim, e não poupando esforços para manter e promover a motivação das equipas, foi necessário repensar os passos seguintes.

### **2.3. Síntese da Etapa II - *Se não é nada connosco não temos porque nos sentir assim!*** (Catarina – Equipa 2)

No decorrer desta fase do projeto, foi evidente a falta de interesse e motivação das equipas pelas atividades propostas, daí a necessidade de se avançar de forma mais lenta e cautelosa.

A decisão em envolver os jornais e as reportagens foi tida assente no pressuposto básico de que estes jovens se interessavam pelas notícias e que de alguma forma estavam a par das mesmas. No entanto, a falta de interesse pelas atividades propostas revelou que esse pressuposto estava errado, isto porque, a investigadora e as equipas se situavam em universos culturalmente distintos, com códigos linguísticos opostos, respetivamente, o elaborado e o restrito. A posição inicial da investigadora foi de certa forma etnocêntrica, levando a julgar os jovens em função do seu universo, e foi a reação dos participantes que a fez perceber isso. A tomada de consciência deste obstáculo, permitiu que a investigação fosse avançando de outra forma, assente, sobretudo, naquilo que era significativo para os jovens.

De acordo com Xiberras (1993), a construção da identidade pessoal e social e, conseqüentemente, a forma cada indivíduo se representa no mundo se representa no mundo, é fortemente condicionada pelo modo como é introduzido em sistemas de representação definidos pelas estruturas dominantes da

sociedade. Na mesma linha de pensamento, Costa (1998, p.14) defende que a *perda de identidade social, de autoestima, de autoconfiança, de perspectivas de futuro, de capacidade de iniciativa, de motivações, do sentido de pertença à sociedade*, são perdas de referências simbólicas que acentuam a exclusão de um indivíduo.

As opiniões das três equipas neste primeiro momento, em que se tentou averiguar se, dadas as notícias que surgem diariamente e em que os jovens são os principais protagonistas, fazia com que se sentissem incluídos nessas “representações”, nomeadamente, de jovens no papel de marginais, irresponsáveis, entre outras; foram bastante claras - não se sentiam incluídos nessas representações lançadas pela sociedade, uma vez que, do seu ponto de vista, se as pessoas não os conheciam pessoalmente, não tinham motivos para os igualar aos “outros”.

Outra questão que importa referir, quanto a esta etapa da investigação, prende-se com as análises, que as equipas faziam sobre as estratégias que os meios de comunicação usam para cativar a atenção dos espectadores/leitores, nomeadamente, colocar manchetes apelativas e por que vezes não correspondiam em pleno ao que se verificava com o decorrer das notícias; dar maior ênfase às notícias com temas mais “pesados” e “tristes” e posteriormente avançar com as notícias mais positivas. Quanto a este assunto referiram ainda, que uma das razões para os meios de comunicação social usarem estas estratégias se deve, em parte, ao facto de os mesmos saberem que os indivíduos se sentem mais atraídos por esse tipo de notícias, pelo sofrimento alheio.

A este respeito alguns elementos das equipas fizeram uma analogia entre o que se passa nos meios de comunicação social e o que se passa no dia a dia, usando exemplos das suas vivências, quer em comunidade quer na Escola.

### **3. Procurando um novo sentido**

Começou-se a tornar cada vez mais evidente que o rumo que as sessões com as várias equipas não estava a ir totalmente ao encontro dos seus

interesses. Isto porque, rapidamente se constatou que as equipas não se identificavam com os temas que haviam sido discutidos nas primeiras sessões: as notícias sobre jovens que surgiam nos jornais, bem como nos telejornais. Revelou-se, portanto, urgente repensar as etapas seguintes para que todos se sentissem confortáveis e de alguma forma realizados com o projeto.

Desde a primeira sessão, de cada uma das equipas, que eram trazidos a debate alguns temas, que do ponto de vista dos participantes, lhes dizia mais do que as notícias que estavam nos jornais; nomeadamente temas relacionados com a Torreira e com a escola.

### **3.1. Torreira em notícia**

Os assuntos sobre a Torreira que eram mais frequentemente trazidos para debate, diziam respeito à arte da faina (pesca, apanha de bivalves, moliceiros), a situações ocorridas na Torreira e que foram noticiadas pelos meios de comunicação social (acidentes, apreensões de bivalves, ect) ou sobre meras quezílias existentes entre indivíduos (rivalidades entre famílias).

**José Pedro** – *Por exemplo, os barcos moliceiros! Este ano não houve regata e costuma haver... É assim... nos outros anos houve e não houve notícias... este ano não houve e isso já foi a notícia! Já foi para a televisão e para os jornais! Eu acho que isso está mal! Tem que se dar valor enquanto há! Não é só quando não há! (muita convicção) ... Quer dizer... isto estou eu para aqui a dizer não é?* (surge o sentimento de insegurança e medo de estar errado). (Equipa 1)

**Tânia** – *Coisas más sobre a Torreira também já tem aparecido... lembras-te quando morreu o irmão da Clara? Também deu que eu vi...* (Equipa 1)

(...)

**José Pedro** – *É assim, aqui as pessoas da Torreira... é assim... são boa gente... há boa gente aqui sabe? Mas aqui se você precisar de uma ajuda, você chama 1 e*

*já vem uns 4 ou 5. Aqui a Torreira é muito coisa... muito unida! Quer dizer, alguns, isto há de tudo! Mas por exemplo, se for porrada... Eu até posso nem falar para o meu irmão e dou-me até bem com o outro que se está a meter com ele... mas se eu vir ele a bater no meu irmão, é meu irmão, então eu vou e... pronto... Aqui a família é assim! (Equipa 1)*

**Cátia** – *É como aqui. Quando há pancada vai tudo ver. (Equipa 2)*

**Catarina** – *E se for alguém conhecido a gente vai logo ver se pode ajudar (Equipa 2)*

**Valéria** – *Não tem a ver com querer armar confusão, é mais aquela sensação de querer ajudar aquela pessoa que pode estar a levar uma tarefa ou isso. Agora é preciso é ver como é que se ajuda. (Equipa 2)*

No seguimento do assunto trazido pela Equipa 1 sobre a morte do irmão de uma aluna da Escola da Torreira que chegou às televisões e aos jornais, a investigadora levantou a questão: *“Na Torreira deve de haver coisas boas para se noticiar, ou não?”*

**Henrique** – *Tem as bateiras... fala-se às vezes, quando há aquelas coisas de não permitir a pesca. Sobre o que se faz na Torreira... também já tem chamado a atenção. (Equipa 1)*

**Adriana** – *A Torreira tem muita cultura e nem é divulgada muitas das vezes ... e pouca gente sabe disso. (Equipa 1)*

**José Pedro** – *A Torreira dava centenas e centenas de notícias! Mas bonitas e boas!! Mas quem é que vai querer saber disso??? Queremos saber a gente aqui! (Equipa 1)*

**José Pedro** – *Mas se for as pessoas do Algarve a verem uma notícia sobre aqui ou Aveiro já não lhes interessa tanto. Como também ao contrário... (Equipa 1)*

Quando questionados sobre se alguma vez se sentiram colocados quase que «no mesmo saco» que outros jovens que são noticiados pelos piores motivos:

**Eliano** – *Às vezes sinto isso...* (Equipa 3)

Atentos à opinião do Eliano, revelou-se interessante apurar se no entender da Equipa 3 era possível mudar isso, e se sim que estratégias é que usariam para contrariar essa situação.

**Eliano** – *olhe podíamos... Mas também é só porque nós aqui da Torreira estamos sozinhos, porque se calhar se fossem as escolas todas juntas já não sentia muito isso. Aqui os outros falam de nós... mas se fôssemos todos unidos... se calhar já não era assim...* (Equipa 3)

**Andreia** – *Fazer uma coisa tipo manifestação contra isso* (Equipa 13)

**Eliano** – *Isso era capaz de fazer com que ficássemos mais conhecidos... e não falassem tanto assim de nós* (Equipa 3)

**Bruno** – *yaaa uma cena dessas é que era* (Equipa 3)

Também assuntos relacionados com a escola vieram para a mesa de debate com as três equipas. Desde o funcionamento da escola e as regras de conduta, bem como situações que ocorrem entre os jovens/alunos e que por vezes não são de conhecimento da Escola.

### **3.2. O “controlo” dentro da escola**

Uma das situações referidas pelos jovens da Equipa 1 e que foi bastante debatida, dizia respeito às regras da Escola e ao imenso controlo que havia por parte do Conselho Executivo e das auxiliares.

**José Pedro** – *(...) na Murtosa, que é já daqui a 10 minutos, a gente ouve que há porrada, é facas, é droga, é tabaco, e aqui você não vê nada disso!* (Equipa 1)

**Henrique** – *Em Estarreja é o mesmo...* (Equipa 1)

**José Pedro** – *Há sempre algum que foge ali para trás para fumar um cigarro, está bem, mas sabemos que aqui dentro não entra drogas, não entra facas, não entra nada. Isto o que é comparado com o que se ouve das outras?* (Equipa 1)

**Adriana** – *Claro... mas aqui também é difícil. Está tudo rodeado de empregadas...* (Equipa 1)

**Ana Rita S. e Adriana** – *Por um lado é bom!* (Equipa 1)

**José Pedro** – *É bom?! Depende... Sabe que isto é... pode parecer um conflito aquilo que eu vou falar... mas aqui as empregadas, algumas delas, disto assim fazem mais do que o que é... e vão dizer para os nossos pais e isso está mal!* (Equipa 1)

### **3.3. Situações de conflito na escola**

Um ponto referido, sobretudo pela Equipa 1 foram, precisamente, as situações de luta e confusão entre alunos. Ainda que não tenham feito referência a nenhum caso concreto, a forma como expuseram o tema faz com que possamos ter uma visão geral do que normalmente acontece na Escola numa situação de discussões e/ou conflitos.

**Adriana** – (...) às vezes aqui na escola, nós sabemos que se está a passar alguma coisa porque vemos sempre muita gente à volta. Então acabamos por ir ver. (Equipa 1)

**José Pedro** – *Ohhh... quando damos por ela está uma roda de gente de volta daquilo tudo. Ainda para mais a gente da Torreira, toda a gente aqui se conhece por isso toda a gente vai ver!* (Equipa 1)



Depois das equipas referirem, ao longo das sessões de *Focus Group*, as situações de controlo por parte da Escola no que diz respeito ao fazer cumprir as regras, bem como a situações de conflito, revelou-se oportuno abordar a questão do *Bullying*.

### **3.4. Bullying, que realidade?**

Esta situação, sobretudo aos olhos da Equipa 1, não era algo que pudesse acontecer na Escola, sobretudo dado o “controlo” que é exercido pela instituição e pelas auxiliares.

**José Pedro** – *Eu até acho que aqui na escola não há muito isso. Às vezes uma confusão ou outra... ainda vá, fora isso. É capaz de se passarem semanas e semanas sem haver uma porrada.* (Equipa 1)

**Adriana** – (...) *são situações que nem toda a gente sabe ou se calhar há algum caso e eu não conheço mas que acredito que há, há!* (Equipa 1)

**José Pedro** – *Desculpa lá mas eu disso não me acredito. Ainda mais com este Conselho Executivo. Isto aqui dentro é sempre tão rigoroso... Posso estar enganado! Mas acho que não...* (Equipa 1)

**Henrique** – *Também acho* (Equipa 1)

**Adriana e Ana Rita S.** – *Olha o N\*\*\*\*\*! E ninguém sabia...* (Equipa 1)

**José Pedro** – *O quê??? O N\*\*\*\*\* sofria de Bullying?* (Equipa 1)

**Adriana** - *Sim, e tás a ver? Nem tu sabias!* (Equipa 1)

**José Pedro** – *Mas não era porrada! Ninguém lhe batia nem nada!* (Equipa 1)

**Adriana e Ana Rita S.** – *Também há bullying psicológico!* (Equipa 1)

Ao, ao longo das sessões de debate, foram dadas a conhecer algumas situações reais e existentes na Escola, duas delas contadas na primeira pessoa por elementos da Equipa 2.

**Nádia** – *Bullying!!! Há muito bullying aqui na Escola, pode não ser muito fisicamente mas psicologicamente.* (Equipa 2)

**Cátia** – *E fisicamente! Havia aqui um rapaz que era o N\*\*\*\* e que os rapazes lhe batiam e tudo...* (todo o grupo se pronunciou de alguma forma quanto a este caso). (Equipa 2)

Foi notório o constrangimento por parte das duas jovens, no entanto, foi da mesma forma evidente o sentimento de “repulsa” demonstrado por alguns elementos do grupo ao terem conhecimento do sofrimento a que as colegas tinham sido sujeitas.

Verificou-se uma forte união e sentimento de companheirismo, independentemente da maneira como se pronunciaram sobre a forma como “solucionariam” essa situação. Uma das soluções encontradas passaria por abordar o tema no Jornal da Escola.

**Nádia** – *o jornal aqui da escola não fala de muita coisa... só de coisas que aconteceram ou atividades. Coisas assim.* (Equipa 2)

**Valéria** – *Sim, é mais dentro disso.* (Equipa 2)

**Nádia** – *Agora... mesmo que tentássemos falar com alguém para falar sobre esse tema é muito difícil porque a pessoa não ia falar com medo...por isso...* (Equipa 2)

No seguimento das opiniões transmitidas pelos participantes revelou-se de todo pertinente explorar com o grupo a ideia de no jornal da Escola serem debatidos temas que os alunos achem relevantes e que de alguma forma, independentemente de serem considerados assuntos “bons” ou “maus”, possam

servir para alertar, e quem sabe até ajudar quem está a passar por uma fase semelhante.

### **3.5. O jornal da escola**

Começaram a surgir algumas reações, quer sobre a posição da Escola, quer do Jornal da Escola, nomeadamente, quanto aos temas que são publicados, à forma como o jornal é composto e sobre as pessoas responsáveis pela execução do mesmo.

**Adriana** – *Podíamos ficar encarregues do jornal... e lá metíamos por exemplo estas coisas que aqui debatemos...* (Equipa 1)

**Catarina** - *O Jornal é feito pelas Sras. da Secretaria! Elas fazem e desfazem e escolhem o que querem lá meter!! Depois dizem que o Jornal é da Escola... não... o jornal é delas!* (Equipa 2)

**Valéria** – *Acho que elas têm demasiado poder sobre o jornal. Os assuntos que lá aparecem são assuntos que elas nem querem saber se têm interesse ou não para nós. Ainda ninguém nos perguntou se gostávamos do jornal assim, o que devia mudar.* (Equipa 2)

**Soraia** – *Vem sempre coisas que às vezes nem sabemos do que são.* (Equipa 3)

**Andreia** – *Eu acho que desde o início que o jornal daqui da escola devia ter sido feito por alunos.* (Equipa 3)

**João e Bruno** – *Elas não deixam... (referindo-se às funcionárias da secretaria)* (Equipa 3)

**Bruno** – *Então não é que ainda nos obrigam a dar 1€ pelo jornal?!?! Posso dizer que ele acaba quase sempre no lixo.* (Equipa 3)

**Eliano** – *Na verdade nós só servimos para comprar e mais nada! E nem somos nós que o fazemos!!! Olhe, o meu é a minha mãe que ainda o vê porque eu nem toco no jornal.* (Equipa 3)

(...)

**Ana Rita F** – *Há sempre alguns trabalhos das crianças da Pré (Pré – Escola), depois lá vem uma notícia ou outra sobre os alunos muito bons e não sei quê...* (Equipa 2)

**Catarina** – *E pagamos 1€ por isto! É que somos obrigados a comprá-lo! Quando nem sequer estamos lá!* (Equipa 2)

**Bruno** – *Se eu lhe disser que às vezes é a falar mais dos professores e com grandes fotos e depois de nós é coisinhas pequeninas que aquilo mal se vê... oh!* (Equipa 3)

**Soraia** – *Oh... isto é só o que eles querem e pronto!* (Equipa 3)

**Bruno** – *Mas ainda assim o jornal não dá para todos ... é só para “estes alunos e “aqueles alunos” e pronto...* (Equipa 3)

**Soraia** – *Se calhar são os que ficam melhor nas fotografias ...* (diz entre risos) (Equipa 3)

**Bruno** – *Não interessa!!! Vão ser sempre «estes alunos»* (Equipa 3)

De sessão para sessão, foi-se tornando cada vez mais evidente, dentro das equipas, a vontade de fazer algo para mudar o que, no seu entender, não estava bem. Nomeadamente, as diferenças que entendem existir entre si e os adultos, enquanto detentores do poder, bem como entre si e os outros: “estes alunos” e “aqueles alunos”. Ou seja, revelou-se evidente que os participantes têm a perceção que existem pelo menos dois estatutos de alunos dentro da escola, os melhores alunos, os que se enquadram e que aderem à cultura escolar – “os que ficam melhor na fotografia”; e os alunos que têm percursos escolares menos favoráveis e que não se enquadram tão bem na cultura escolar – “estes alunos”.

### 3.6. Síntese da Etapa III - (...) *nós podemos mudar!* (Eliano, Equipa 3)

Perante a perspetiva dos jovens das três equipas, no sentido de se sentirem de alguma forma ignorados e desvalorizados por parte da Escola, no que diz respeito à sua não participação/contribuição no Jornal da Escola, surgem afirmações e provações das suas capacidades em assumir este compromisso. No entanto, ao refletirem sobre as responsabilidades e as diferentes tarefas necessárias para a elaboração do Jornal da Escola, os jovens questionam-se sobre as suas capacidades e vontade para assumir esse compromisso. Ao mesmo tempo, ponderam se de facto sentem “necessidade” de se envolverem nessa atividade, ainda que a publicação do jornal seja feita no final de casa período.

É significativo que as três equipas tenham concordado, após algum debate e reflexão, sobre dois aspetos: por um lado, não são consultados sobre os conteúdos que constam no jornal da escola, e nem sequer lhes é permitido dar a sua opinião sobre o mesmo; por outro, o compromisso de construírem uma edição do jornal da escola contribuiria largamente para um sentimento de valorização coletiva, dado saberem que, dessa forma, o jornal já não seria só das “senhoras da secretaria”.

O sentido subjacente ao seu envolvimento no jornal prendia-se fortemente com tentarem alcançar o mesmo estatuto e poder que as senhoras da secretaria detém sobre o jornal.

O sentimento de “desdém” que entendiam existir por parte das “senhoras da secretaria” para com eles, podemos traduzir como sendo um daqueles momentos em que *os elementos do mundo do aluno são desconsiderados e desvalorizados pela escola* (Postic cit in Nóbrega, 2010). E portanto, esse comportamento das senhoras da secretaria que suscita nos jovens o (legítimo) desejo de reagir contra esse poder dos adultos, através da demonstração de algo que são capazes de fazer.

Porém, podemos ainda apoiar-nos nas ideias de Clavel (2004) quando este refere que para os alunos que provêm de classes em desvantagem sócio-económica e cultural, a escola tende a acentuar a sua inferioridade social por via do reconhecimento de uma incapacidade de utilizar elementos da cultura

dominante. Este facto, prende-se em muito com as ideias de Bernstein (1986) quanto à relação que este estabelece entre os códigos linguísticos e a escolarização. Ou seja, os jovens que manifestam maior ligação com o código restrito, no contexto escolar são confrontados com uma cultura dominante assente largamente num código elaborado. Assim sendo, a linguagem utilizada por estes jovens não combina com a cultura académica, por essa razão, aquilo que é transmitido pelo professor ou, neste caso pela comunidade e cultura Escolar, acaba por se tornar numa linguagem incompreensível. Ao mesmo tempo, como cultura dominante no contexto escolar, a cultura assente no código elaborado não valoriza a cultura dos grupos minoritários. É neste enquadramento que podem entender-se as decisões e/ou opções por parte da Escola e das senhoras da secretaria,— desvalorizando as opiniões e o seu trabalho dos jovens tendo em conta que estes são associados maioritariamente, ao estatuto de “mau aluno” .

Também nesta etapa do projeto, foram abordadas de forma bastante clara as diferenças que estes jovens entendem existir entre os adultos, enquanto detentores do poder, e os alunos; e entre os próprios alunos. Tendo em conta as opiniões dos participantes, é notório que entendem existir dois estatutos de alunos dentro da Escola; eles, a quem ninguém lhes pede a opinião e a participação e os “outros alunos”, aqueles “que ficam melhor nas fotografias”. Ainda que esta última observação feita pelos jovens possa ter um significado mais direto, nomeadamente, os alunos escolhidos para aparecerem no jornal são os alunos mais bonitos, mais vistosos, a verdade é que se entendeu que esta observação tinha um significado muito mais complexo. Esta observação foi feita assente na perceção que têm de que só aparecem no Jornal da Escola e só é pedida a opinião aos melhores alunos, aos alunos que aderem à cultura escolar, os que são bons alunos e têm boas notas.

Estes elementos podem ajudar-nos a compreender porque é que eles se sentiram desmotivados depois da ideia inicial ter parecido tão boa, uma vez que estes jovens entendem que não se identificam com os melhores alunos e que, logo, tudo o que façam em prol da mudança do Jornal da Escola poderá não ser

valorizado da mesma forma caso essa intervenção viesse por parte dos alunos com as melhores notas e que se identificam com a cultura escolar.

Tendo em conta esta desmotivação mas, também, que nos encontrávamos no final do ano letivo, atentos à situação, começaram a ser ponderadas e apresentadas novas ideias, como alternativas à intervenção no jornal, apelando àquilo que lhes traria mais prazer, satisfação e realização pessoal.

Esta etapa do projeto destacou-se, por um assumir daqueles que eram os temas de interesse, por as equipas serem capazes de não se “anularem”, perante os objetivos a que a investigação se propunha, e de se sentirem confiantes o suficiente para de alguma forma questionarem o rumo que o projeto estava a seguir e por uma mudança na minha própria condição de investigadora; isto porque a investigação deixou de ser sobre eles passando verdadeiramente a ser com eles.

As equipas assumiram posições, deram a sua opinião quanto a várias situações existentes na escola e mostraram-se disponíveis para atuarem no sentido de promoverem a mudança do seu estatuto de jovem sem uma palavra a dizer e de alunos cujas opiniões não eram importantes.

#### **4. Delineando novos trilhos**

##### **4.1. Do jornal da escola à festa do S.Paio**

Esta fase do projeto surge no final do ano letivo (2012/13) e com início de mais um novo ano letivo (2013/14) e diz respeito ao traçar daquelas que seriam as estratégias encontradas pelos jovens para promover a mudança ou o que pretendiam com o projeto de investigação e como o fazer.

Depois da ideia de intervir no Jornal da Escola ser abandonada, surgiram sugestões que iam desde convidar uma pessoa famosa para ir à Escola e fazer uma notícia para publicar no Jornal, a fazer um trabalho sobre a Torreira, que poderia eventualmente também ele ser publicado no Jornal da Escola. Nesta fase, dadas as limitações de tempo para a realização de sessões com cada uma das

equipas, foi inevitável fazer, daqui em diante, sessões conjuntas com as três equipas.

**Catarina** - *Convidar a Liliane Marise para vir dar uma entrevista cá à escola*  
(Equipa 2)

(...)

**João A.** - *Podíamos convidar assim alguém famoso da televisão para vir cá. Depois fazíamos uma notícia sobre isso e ia para o Jornal da Escola (...) tipo o Ronaldo, assim uma coisa mesmo em grande (...)* (Equipa 3)

**Eliano** – *Podíamos fazer um trabalho sobre a Torreira e depois metíamos no Jornal.* (Equipa 3)

**Catarina** – *Trabalho de quê?* (Equipa 2)

**Henrique** – *Das artes da Torreira sei lá... Das bateiras...* (Equipa 1)

Foi com a intervenção do José Pedro, que a definição daquele que seria o rumo do projeto se deu. Desde o início do projeto, e ao longo das várias sessões de debate, que o José Pedro sempre defendeu a comunidade da Torreira e toda a riqueza de que esta dispõe.

**José Pedro** – *A Torreira dava centenas e centenas de notícias! Mas bonitas e boas!! Mas quem é que vai querer saber disso??? Queremos saber a gente aqui!*  
(Equipa 1)

**José Pedro** – *Sabe o que lhe digo? Isto faziam-se reportagens boas era na Ria!!! Porque é que só quando há estes protestos é que alguns veem a televisão? Eu isso acho mal!* (Equipa 1)

A intervenção do José Pedro, no entanto, não se ficou por ali e pegando no que os colegas haviam dito sobre “pessoas conhecidas/importantes” irem à escola, marcou a sua posição e deu a sua opinião de forma clara e direta.



**José Pedro** – *Falavam vocês em vir cá gente importante à Escola... Esses da televisão e não sei quê... Se queremos falar da Torreira o que é que essa gente tem de importante? Nada! Importante é o meu avô! Zé Rito!!! Conhece stôra??*

*Pois... esse é que trabalha para manter a Torreira erguida na arte dos moliceiros e das embarcações... agora essa gente...*

*Não queria uma coisa bonita e importante p'ra gente falar? Quer melhor? (Equipa 1)*

Com a intervenção do José Pedro, as equipas rapidamente chegaram a um consenso sobre dois pontos de partida para o trabalho que queriam realizar: Torreira e o Avô do José Pedro.

Pouco a pouco, foram surgindo outras intervenções que acabaram por de alguma forma complementar o que já estava a ser definido.

**João D.** – *E se a gente fizesse uma cena sobre o S. Paio da Torreira? Era fixe. O S. Paio está sempre a bombar e é super conhecido, vem gente de todo o lado para vir p'raqui. Dava p'ra falar da Torreira, do S. Paio e do teu avô, né Zê? Ele é que trata das cenas das regatas das bateiras e dos moliceiros. Juntava-se tudo! Qu'a nice... (Equipa 3)*

As três equipas, que após a retoma do projeto começaram a trabalhar juntas, partilharam da opinião do João D. quanto à abordagem do tema do S. Paio<sup>21</sup>, sobretudo sendo a época do ano mais aguardada pela maioria dos jovens.

Foi, assim, ganhando consistência a proposta do trabalho coletivo assentar no S. Paio e na visão que os jovens têm da festa, contrapondo com a opinião de

---

<sup>21</sup> Nos primeiros dias de setembro (6,7 e 8) de cada ano, a Torreira enche-se de gente, numa das mais tradicionais romarias da região. Trata-se da festa de S. Paio, que atrai multidões desde há muitos anos. A romaria do S. Paio é uma tradição que vem já do século passado e, desde então, descrita como a maior e a mais concorrida da costa norte de Portugal. Da festa fazem parte uma grande concentração de moliceiros, um concurso de painéis de barcos moliceiros, uma corrida de embarcações típicas e um magnífico espetáculo de fogo de artifício. Uma das razões que terá contribuído para a popularidade da festa é o facto de o Santo ser molhado em vinho: no passado, por altura da festa, a imagem do Santo era colocada ao lado de uma tina de vinho na qual eram depositadas oferendas (tudo aquilo que os pescadores consideravam de valor). Após isto, banhavam a imagem com esse vinho, provavelmente como resultado da embriaguez dos crentes nestes dias festivos. Apesar deste ritual já não se realizar, o Santo continua a ser visto pela população como o Santo Bêbado.

peessoas mais velhas e da forma como viviam o S. Paio na sua juventude; sendo que um dos principais intervenientes seria o avô do José Pedro, dada a sua vasta experiência na arte da restauração de grande parte das embarcações que participam em regatas e que marcam também a romaria.

Ainda que não se tivesse definido neste momento, de que forma faríamos chegar este trabalho à comunidade geral e à comunidade escolar, o entusiasmo e adesão em torno desta proposta foram visíveis, levando a que a partir deste momento não houvesse outro assunto na sessão que não o S.Paio e a partilha de aventuras e de experiências.

**4.2. Síntese da Etapa IV - (...) *Importante é o meu avô! Zé Rito!!! Conhece stôra??Pois... esse é que trabalha para manter a Torreira erguida na arte dos moliceiros e das embarcações (...)* (José Pedro – Equipa 1)**

Esta etapa do projeto foi fundamental para o desenvolvimento do mesmo. Tratou-se de um momento onde foi possível discutir e perceber aquilo que de facto é significativo para estes jovens, aquilo que é ou não importante e merece ou não a atenção e o respeito deles.

Para eles, o importante são os “seus” mundos, são o local onde moram, onde vivem, são as pessoas com quem vivem, as pessoas que conhecem, são as suas vidas.

Ainda que, tal como tantos outros jovens e adultos, desejassem conhecer outras pessoas que, na sua perspetiva assumem uma posição de destaque (por terem participado em programas televisivos como reality shows e outros), a verdade é que se veio a verificar que o respeito que detêm por aquilo que constroem, pelas suas vidas, pelas suas lutas diárias e por aquilo que “é” deles, é incalculável. Ou seja, não abandonam, negligenciam ou desvalorizam aquela que entendem ser a sua identidade.

A este respeito, e do nosso ponto de vista, o facto das equipas de investigação valorizarem mais um trabalho em que a Torreira, os seus habitantes

e as suas tradições e costumes fossem retratados, ao invés de um trabalho sobre uma “figura pública”, não é mais do que um reflexo daquilo que Wilkinson e Pickett (*cit. In* Nóbrega, 2010), defendem: *a posição que ocupamos na hierarquia social afeta a visão que temos de quem pertence ou não ao nosso grupo (...) e a afeta a capacidade de nos identificarmos e simpatizarmos com outras pessoas..*

## **5. Passando do rascunho à concretização**

Traçadas aquelas que seriam as linhas orientadoras para a concretização final do projeto – construção coletiva de conhecimento sobre a visão que os jovens de hoje e os jovens de outrora têm sobre o S. Paio, foi necessário definir mais detalhadamente quais os passos a serem dados para a sua realização.

Os participantes das três equipas foram unânimes na decisão de que o trabalho iria ser apresentado em formato de reportagem e iria ter a colaboração de pessoas residentes na Torreira, no entanto, era necessário entrar em acordo sobre a escolha dos intervenientes, tendo em consideração que já tinha sido referido anteriormente que o avô do José Pedro seria uma peça fundamental no trabalho.

Atendendo a que as questões que as equipas pretendiam destacar no trabalho era o S. Paio sob a visão dos jovens e a visão de pessoas mais velhas, entendeu-se interessante pedir a colaboração de pessoas que de alguma forma também estivessem envolvidas naquela que é a “festividade do ano”. Assim, decidiu-se pedir a colaboração de uma pessoa ligada a cada uma das seguintes áreas: restauração, panificação, organização da festividade, igreja, bares e jovens.

No entanto, com o desenrolar da sessão dedicada à definição dos passos a seguir para a elaboração do trabalho, revelou-se interessante ter também a visão de jovens e pessoas que vivem o S. Paio de outra forma, por exemplo, jovens que encaram o S. Paio como um momento do ano em que trabalham arduamente para arrecadar algum dinheiro para o resto do ano; ou pessoas que cuja função que desempenham na festividade seja a de assegurar que tudo decorre sem

incidentes de maior e que o seu trabalho seja em prol da segurança de todos os que vivem a romaria.

Deste modo, às áreas que tinham sido definidas anteriormente para colaborarem na realização do trabalho, juntam-se as vozes dos jovens que vivem o S. Paio a trabalhar e a dos Bombeiros da Murtosa.

Encontradas as áreas em que se iria intervir para a elaboração do projeto, as equipas avançaram com aquelas que entenderam ser as pessoas mais indicadas para colaborarem com elas.

Inevitavelmente, começaram a surgir as primeiras ideias para aquela que seria a manchete da reportagem.

*S. Paio da Torreira*

*S. Paio e os Jovens de hoje*

*A vida dos jovens no S. Paio*

*Os jovens e o S. Paio*

*O S. Paio para os jovens*

*S. Paio da Torreira atrai milhares de jovens*

*S. Paio: uma atração para os jovens*

*A vida dos jovens no S. Paio*

*Como vivem os jovens a festa do S. Paio*

*Torreira invadida por milhares de jovens*

*S. Paio a caminho do festival de verão*

*S. Paio dá vida à Torreira*

Esta fase do projeto de investigação foi a que se revelou mais trabalhosa e com uma componente maioritariamente prática. Isto porque, ficou acordado que a

realizar pelos participantes iria ser construído com base na realização de entrevistas.<sup>22</sup>

O contacto com os colaboradores do projeto foi realizado pela investigadora, dado que tinha mais disponibilidade do que as equipas e foi feito previamente por forma a serem agilizados os horários e dias mais convenientes para ambas as partes e para que as equipas pudessem organizar-se atempadamente.

### **5.1. Saída de Campo – Ao encontro dos testemunhos**

Dados os constrangimentos dos horários escolares e a necessidade dos jovens saírem do recinto da escola, foi necessário acordar com o Diretor e com os professores a melhor solução para a realização das entrevistas. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas no mesmo dia e em simultâneo.

Atendendo a que os alunos ficaram dispensados de duas aulas, nomeadamente, Português e Educação Moral Religiosa e Católica, os docentes de ambas as disciplinas disponibilizaram-se para acompanharem as equipas nas entrevistas. Assim, cada um dos docentes ficou responsável por uma equipa e a investigadora ficou responsável pela equipa que iria fazer a entrevista ao avô do José Pedro.

Duas das equipas ficaram responsáveis por duas entrevistas cada uma, sendo que a terceira ficou apenas com uma. Isto porque, o tempo (+/- 20 minutos) e a distância da deslocação para que fosse possível realizar a entrevista com o Sr. José “Rito” (avô do José Pedro) era muito maior que o das restantes equipas (sensivelmente 5 minutos).

Equipa 1 – Entrevista Sr. José Rito (Mestre de Embarcações);

Equipa 2 – Entrevista ao “Juba” (Bar) e à Sra. Dulce (Restaurante);

Equipa 3 – Entrevista à Sra. Marina (Padaria) e ao Sr. Padre (Igreja).

---

<sup>22</sup> Encontram-se em anexo (Anexo IV) os guiões e as respetivas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas pelas três equipas com recurso a gravador e bloco de notas, isto para que posteriormente fosse possível efetuar as transcrições da forma mais fiel possível. No entanto, antes de iniciarem as entrevistas foi pedida autorização aos colaboradores para a gravação das mesmas.

Além destas entrevistas, estavam previstas mais três, designadamente: a um jovem que trabalhasse no S. Paio, um jovem não residente na Torreira e que se deslocasse para aproveitar o S. Paio e um Bombeiro. No entanto, tal não se concretizou, por impossibilidade por parte de docentes em ceder mais períodos de aula e das próprias equipas, tendo em conta que após o período de aulas não tinham disponibilidade para permanecerem na Escola ou para se descolarem em saídas de campo para realização das entrevistas. Assim, foi necessário pensar em alternativas que passaram por enviar, por e-mail, os guiões das entrevistas às pessoas em causa, que prontamente as enviaram passados poucos dias.

Atendendo às limitações de tempo e disponibilidade das equipas, optou-se por deixar as transcrições das gravações das entrevistas a cargo da investigadora. Assim, a entrega das entrevistas devidamente transcritas foram entregues às respetivas equipas logo na sessão seguinte, que assentou no objetivo de discutir, trocar ideias e informações sobre como se constrói uma reportagem<sup>23</sup>.

## **5.2. De uma sessão de esclarecimento a um convite inesperado**

Tendo em conta a quantidade de entrevistas realizadas (8) e o facto de ser um desafio arrojado escrever uma reportagem desta envergadura, era imprescindível uma sessão que servisse para recapitular e elucidar as equipas sobre os passos dados na construção de uma notícia e, mais concretamente, de uma reportagem. No entanto, esta sessão de esclarecimento rapidamente se veio a revelar insuficiente, dadas as exigências inerentes a um trabalho quase

---

<sup>23</sup> Consta em anexos (Anexo V) uma ficha que foi utilizada no decorrer desta sessão que serviu para consolidar o que foi transmitido.

profissional e do tempo escasso por parte das equipas em reunir mais do que uma vez por semana para trabalhar. A agravar a situação, estava a aproximação das preparações para os exames nacionais, sendo que o percurso escolar das equipas estava claramente em primeiro lugar.

Assim, entendeu-se oportuno envolver no projeto uma profissional para, em conjunto com as equipas, trabalhar no pouco tempo disponível, as entrevistas para que de alguma forma pudessem experimentar todas as etapas percorridas desde o contacto com os entrevistados à execução propriamente dita da “peça” final, a reportagem.

Procedeu-se ao contacto com a Jornalista Joana Sousa do Jornal de Estarreja, uma vez que já era conhecida da investigadora, e foi lançado o desafio. No entanto, a maior surpresa surgiu precisamente por parte da Joana, quando esta apresentou a proposta do Jornal de Estarreja no sentido de trabalhar em conjunto com as três equipas, para poderem lançar uma Edição do Jornal “Especial S.Paio”. Ou seja, as entrevistas elaboradas iriam ser utilizadas e trabalhadas pelo Jornal de Estarreja e pelas equipas, dentro da pouca disponibilidade que tinham, para a construção de uma reportagem que serviria de mote para o lançamento de uma Edição Especial do Jornal de Estarreja sobre o S. Paio.

Apresentada às equipas a proposta da Joana, as reações foram de absoluta surpresa e alguma incredulidade por ser uma Jornalista a “pedir” para usar o projeto deles para poder criar uma edição especial do Jornal. O convite foi aceite e procedeu-se de imediato ao agendamento de um dia para que as equipas e a investigadora pudessem receber a Joana na Escola e falarem pessoalmente e para definirem aquela que seria a ordem de trabalhos.

### **5.3. O “pote de ouro” no fim do arco-íris**

Aceite o convite da Joana, discutiram-se e definiram-se aquelas que seriam as funções de cada uma das equipas e da própria jornalista para a execução da reportagem. Tendo em conta que a preparação para os exames nacionais do 9.º ano estava à porta e que não havia como as equipas serem dispensadas ou como

a Joana se juntar com as mesmas após as aulas, ficou acordado entre todos que a Joana iria trabalhar na construção da reportagem, usando as entrevistas realizadas pelas equipas e que até ao fecho da edição em causa iria entrar em contacto com todos para os colocar a par do processo.

No entanto, tendo em conta o âmbito em que surgiu este projeto, a Joana entendeu relevante dar a conhecer, também nessa edição, todo o trabalho desenvolvido pelas equipas. Assim, aproveitou o momento para entrevistar as equipas e conhecer o projeto através das vozes dos seus atores principais.

Até ao fecho da edição “Especial S. Paio” e, ainda que não me fosse possível estar presente, a Joana reuniu-se duas vezes com as equipas, fora do contexto escolar. O primeiro encontro teve como propósito fazer um ponto de situação da execução da reportagem e de como estavam a ser trabalhadas as entrevistas; o segundo serviu para mostrar, em antemão, às equipas a reportagem finalizada e como iria ser publicada.

A edição “Especial S. Paio” saiu para as bancas a 5 de setembro de 2014 e fez a alegria e a satisfação de três equipas que viram o seu esforço, dedicação e esmero reconhecidos, não pelo Jornal da Escola “das senhoras da secretaria” mas por um Jornal de renome a nível local e isento, daquilo que eles entendem como juízos.

***5.4. O Jornal de Estarreja aceitou o desafio lançado por alunos do 9.ºA da Escola EBI da Torreira e em conjunto elaborou uma reportagem sobre o passado e o presente do São Paio. A festa que é cada vez mais para os jovens e para os excessos por eles cometidos foram também abordados pelos jornalistas à experiência.<sup>24</sup>***

Como referimos anteriormente, este momento do projeto de investigação revelou-se o mais trabalhoso e aquele em que as equipas assumiram um papel mais ativo e prático. Toda esta etapa foi realizada com enorme dedicação e empenho e sobretudo com evidente satisfação por parte das três equipas.

---

<sup>24</sup> Em Anexo IX encontra-se a reportagem integral publicada no Jornal de Estarreja

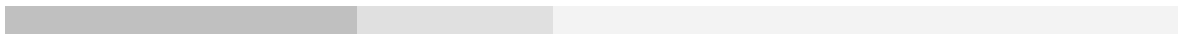


As entrevistas decorreram conforme previsto, o sentido de responsabilidade esteve sempre presente, nomeadamente no que diz respeito à apresentação do projeto, a cada um dos entrevistados, e dos motivos que levaram ao contato e pedido de colaboração dos intervenientes, bem como ao pedido, ainda que oralmente, de autorização para a gravação das entrevistas e justificações para tal.

O momento mais inesperado para todos foi de facto o convite por parte da Jornalista, Joana Sousa, para integrar o projeto, de uma forma totalmente diferente daquela que se havia proposto inicialmente, no entanto, foi recebido com total aprovação e grande entusiasmo por parte das três equipas. Foi talvez o momento em que as equipas tiveram consciência que, as suas opiniões eram válidas e o seu trabalho e dedicação estavam a ser valorizados; o que supostamente não acontecia por parte da Escola e das “senhoras da secretaria”.

Foi possível perceber, neste momento do projeto, uma mudança notória de atitude por parte destes jovens. Se num primeiro momento as suas convicções em avançar com o trabalho de reportagem, se prendiam fortemente com enfraquecer o estatuto e poder das senhoras da secretaria, neste momento provar a eles mesmos que seriam capazes de levar o projeto até ao fim e, sobretudo, com a aprovação de uma profissional, foi a principal fonte de motivação. Por outro lado, provaram que confiando nas suas convicções e sendo fiéis àquilo em que acreditam pode de facto fazer toda a diferença, ou seja, houve uma mudança no seu lugar social, pois puderam mostrar à comunidade, incluindo as “senhoras da secretaria”, aquilo que são capazes de fazer.

## Considerações Finais



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecendo alguns pontos de chegada, em jeito de considerações finais, podemos afirmar que este projeto de investigação ação participativa nos proporcionou uma riquíssima percepção sobre algumas das inquietudes dos jovens, bem como a visão que têm de si mesmos, considerando o seu lugar na sociedade e na escola enquanto atores sociais e agentes da sua própria mudança.

Ao longo desta investigação os jovens verbalizaram as suas perspetivas, no sentido de se sentirem de alguma forma ignorados e desvalorizados por parte da Escola, mais concretamente no que diz respeito à sua não participação/contribuição no Jornal da Escola; da mesma forma que se verificou bastante significativo que as três equipas, com o desenvolver do processo, tenham concordado sobre dois aspetos: por um lado, não serem consultados sobre os conteúdos que constam no jornal da escola, e não lhes ser permitido dar a sua opinião sobre o mesmo; por outro, o compromisso de construírem uma edição do jornal da escola que contribuiria largamente para um sentimento de valorização coletiva.

No entanto, é muito difícil que um grupo de jovens, de um momento para o outro, tenha iniciativa e autonomia, sem que anteriormente tenha tido a oportunidade de se manifestar coletiva e individualmente sobre aquilo que lhe interessa. E isso, de facto, não acontecia com estes jovens, os quais sentiam que na escola não eram chamados a decidir, escolher, opinar, dizer o que pensam e o que sentem. Assim, determinadas atitudes e comportamentos, por parte da Escola e, por parte das “senhoras da secretaria” suscitava neles o (legítimo) desejo de reagir contra esse poder dos adultos, através da demonstração de algo que são capazes de fazer.

***Jornalistas à experiência: reconstruindo o lugar social de jovens da Torreira numa investigação participativa*** não foi mais do que um projeto de investigação em que os jovens participantes se sentiram privilegiados, especiais, desenvolveram e aumentaram capacidades que consequentemente geraram uma promoção social deste grupo, desvinculando-o de certa forma das representações

negativas de que eram portadores. Ao mesmo tempo, consideramos estar perante um aumento da crença nas suas capacidades de agir tendo em vista a mudança, assim como estimulou qualidades de cooperação, envolvimento, responsabilidades.

Com este projeto iniciou-se de alguma forma um processo de tomada de consciência do grupo acerca das suas capacidades, sendo que isto pode ter um certo efeito na construção das suas identidades, uma vez que constitui uma referencia oposta àquela que normalmente é associada a estes jovens, jovens estes normalmente excluídos, quer no interior, quer de uma cidadania que não reconhece a diversidade pois assenta no discurso da integração.

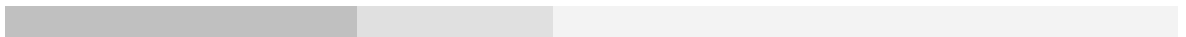
É de salientar que este projeto de investigação se iniciou com algumas inseguranças quanto à forma como iria decorrer e sobretudo como iria acabar, sobretudo tendo em conta pretensões e expectativas iniciais, mais concretamente, no que diz respeito ao cumprimento dos objetivos gerais sob o quais o projeto havia sido delineado. Pressupostos esses que se vieram a verificar numa fase inicial do projeto e que tornou inevitável a (re)formulação desses mesmos objetivos e conseqüentemente do desenrolar de todo o processo de investigação.

Os objetivos apresentados inicialmente, foram definidos assumindo que as equipas de investigação teriam uma relação mais próxima com as notícias diárias, com os telejornais, com a leitura de jornais. No entanto, logo numa primeira etapa do processo de investigação tornou-se visível que essa relação não existia, pelo menos não da forma que se esperava e que pudesse tornar possível o cumprimento dos objetivos. Tendo sido este um momento decisivo e de enorme importância no projeto, foi de igual modo importante que houvesse por parte da investigadora uma mudança de consciência e posição, permitindo assim aos jovens uma intervenção mais ativa e um voto de confiança na decisão do rumo a seguir.

Foi, portanto, o sentimento de confiança depositado nestes jovens que permitiu que este projeto acontecesse; bem como o sentimento de realização pessoal e coletiva das equipas.

Ainda que se entenda não ser o suficiente, este projeto pode ter sido um passo rumo a uma mudança do lugar social destes Jornalistas à Experiência da Escola Básica e Integrada da Torreira.

## Bibliografia



## BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Fausto (2014). *Sociologia da Família*, Lisboa: Pactor
- BELL, Judith (2010). *Como realizar um projeto de investigação – Trajetos*, Lisboa: Gradiva
- BERNSTEIN, B (1996). *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Vozes: Petrópolis
- BOURDIEU, Pierre et CHAMPAGNE Patrick (1992). "Les Exclús de L'Intérieur". in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nºs. 91/92, Paris, Editions de Minuit, pp. 71-75. (tradução para português de Custódia Rocha, não publicada, cedida pela autora)
- CARVALHO, Maria João Leote e Brites, Maria José (2006). Em torno da condição de jovem: A (re)construção Social da Juventude, in *Infância e Juventude*, n.º 4/06, p. 9-67
- CHARLOT, Bernard (2000). *Da relação com o saber – elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artemed
- CLAVEL, Gilbert (2004). *A Sociedade da Exclusão: Compreendê-la para dela sair*. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto: Porto Editora
- COSTA, A.B et al (2006). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Edições Gradiva
- DAYRELL, Juarez (2003). O jovem como sujeito social, in *Revista Brasileira de Educação*, n.º 24, Set. Out. Nov. Dez, p. 40 – 52. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>

- DUBET, François (1996). *A Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget
- DUBET, François (2003). *A Escola e a Exclusão*. in *Cadernos de Pesquisa*, n.º 119/julho, pp. 29-45. (Consultado a 24 de setembro de 2014)  
Disponível em: [http://acrux.astro.ufsc.br/~lacerda/EED5187/04\\_-\\_Dubet\\_-\\_A\\_escola\\_e\\_a\\_exclusao.pdf](http://acrux.astro.ufsc.br/~lacerda/EED5187/04_-_Dubet_-_A_escola_e_a_exclusao.pdf)
- ESTEVES, Lídia Máximo (2008). *Visão Panorâmica da Investigação – Ação*. Porto: Porto Editora
- GALEGO, Carla & GOMES, Alberto A. (2005). Emancipação, rutura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação, in *Revista Lusófona de Educação*, 2005,5, p.173 – 184
- GIDDENS, Anthony (2004). *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- GONÇALVES, Maria Manuela Bento (2007). *Educação, Trabalho e Família: Trajetórias de Diplomados Universitários*, Aveiro: Universidade de Aveiro
- LIMA, Rosa de Jesus de Sousa (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local, Investigação Participativa, Animação Comunitária*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. (dissertação de doutoramento)
- MONJANE, Boaventura Eugénio (2011). Representação da Infância nos media Moçambicanos in *Revista do Programa de pós graduação em*



*Ciências da Educação* – Universidade do Sul de Santa Catarina, V.4, n.º8, p.313-341, julho/dezembro de 2011. Disponível em:  
<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/797/740>

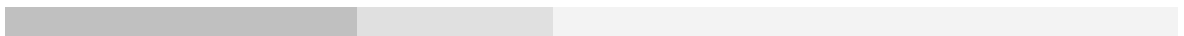
- MORAIS, Ana Maria (2004). *Basil Bernstein – Sociologia para a Educação*, Lisboa: Faculdade de Ciências da Educação de Lisboa.
- MORGAN, L. David (1998). *The Focus Group Guidebook*, Sage Publications, London.
- PACHECO, Raquel (2009). *Jovens, Media e Estereótipos: Diário de Capom num Escola Dita Problemática*, Lisboa: Livros Horizonte
- PARDAL, Luís (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*, Lisboa: Areal
- PAIS, José Machado (2003). *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- PAIS, Machado (2005). Jovens e Cidadania. *In Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, pp. 53 – 70. ( Consultado a 30 de setembro de 2014)  
Disponível em:<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf>
- PONTE, Cristina (2005). *Crianças em Notícia. A construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- NÓBREGA, Cristina, (2010). *Reconstrução do lugar social dos alunos dos cursos de educação e formação*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- NOGUEIRA, Cláudio, (2002). A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições in *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n.º

78, abril/2002 ( Consultado em 7 de maio de 2014). Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378>

- STREUBER, Helen J. & CARPENTER, Dona R. (2002). *Investigação qualitativa em enfermagem – avançando o imperativo humanista*; Loures:Lusociência;
- VIEIRA, Cristina (1995) A Investigação Participativa: uma investigação com as pessoas e não sobre as pessoas. Diss, Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
- VILLAS – BOAS, Maria Adelina, (2001), *Escola e Família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- XIBERRAS, Martine (1996). *As Teorias da Exclusão*, Lisboa: Instituto Piaget

# Anexos



## **Anexo I**



### **Retenções – Tabela e Gráfico**

## Levantamento de dados – Retenções – 9.4

Nome	Idade	Retenção		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º
		N	S									
Adriana Rebelo Ferreira	14	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alexandre Pereira	15	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Rita Formigo	14	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Andreia Pereira Batista *	16	-	X	-	1	1	-	-	-	-	-	-
Arménio valente Santos	15	-	X	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Catarina Tavares	15	-	X	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Cláudio Teixeira	17	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Eliano Silva	14	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Henrique Brandão*	16	-	X	-	-	-	-	-	-	1	1	-
Inês Lopes*	15	-	X	-	-	-	-	-	-	-	1	-
João Oliveira Afonso	17	-	X	-	-	-	-	-	-	-	1	1
João Daniel Tavares	17	-	X	-	-	-	-	-	-	-	1	1
José Pedro Miranda	15	x	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juliana Silva	17	-	X	1	-	-	--	-	-	1	1	-
Micaela Silva*	14	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nadia Carinha*	16	-	X	-	-	-	-	-	-	1	1	-
Sandra Fragoso	15	-	X	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Tânia Teixeira*	15	-	X	-	-	-	1	-	-	-	-	-

**Tabela 2 – Retenções**



**Gráfico 1 – Retenções por ano escolar**

## **Anexo II**

### **Perfil de Facebook**

## PERFIL DE FACEBOOK (PARTE I)

[illegible]

## PERFIL DE FACEBOOK (PARTE II)

Sobre

Sobre ti

✎ Escreve sobre ti

Programas de TV

+ Procurar Programas de TV

Sozinho (a)

Com os pais

Livros

Estado Foto Local Evento da vida

Em que estás a pensar?

👤+ ⌚ 📍 📷 😊

👤 Amigos, excepto c... ▾

Publicar



## **Anexo III**



### **Tabelas de tratamento de dados - Facebook**

### **Habilitações dos Pais –Pai/Mãe**

<b>Escolaridade</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
2.º Ano	1	1
3.º Ano	1	2
4.º Ano	6	3
6.º Ano	6	7
9.º Ano	6	5
Licenciatura	-	2
Nenhum	-	-
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>20</b>

**Tabela 3 - Habilitações dos Pai**

### **Idades dos Pais – Pai/Mãe**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Pai</b>		<b>Mãe</b>	
	<b>N.º</b>	<b>%</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>
<b>34 – 40 Anos</b>	9		9	
<b>41 – 47 Anos</b>	8		6	
<b>48 – 54 Anos</b>	3		4	
<b>55 – 61 Anos</b>	-		1	
<b>Total</b>	<b>20</b>		<b>20</b>	

**Tabela 4 - Idades dos Pais**

### **Situação Profissional dos Pais – Pai/Mãe**

<b>Profissão</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
Auxiliar Ação Educativa	-	1
Cabeleireiro (a)	-	2
Calista	-	1
Camionista	3	-
Contabilista	-	1
Construtor civil	1	-
Doméstica	-	7
Empregado fabril	3	3
Escriturário (a)	1	1
Funcionário Camarário	1	-
Jardineiro (a)	1	-
Pasteleiro (a)	-	1
Pescador (a)	6	1
Vendedora Cosméticos	-	1
Desempregado (a)	3	1
Sem referência	1	-

**Tabela 5 – Situação Profissional dos pais**

### ***Momentos mais marcantes da vida***

<b>Momento</b>	<b>N.º alunos</b>
Separação dos pais	1
Morte de familiares próximos (Pais, Avós, Irmãos, Primos)	4
Férias fora do país	3
Nascimento de Irmãos, Sobrinhos	10
Férias de verão	5
Ter conhecido grandes amigos	7
Ter conhecido melhor amigo/a	4
Ter um animal de estimação (cão/gato)	1
Festa do S. Paio	11
Carnaval de verão da Torreira	1
Concerto(s)	1
Tomada de mais liberdade	1
Emigração de Pai/Mãe	1
Fazer tatuagem e/ou piercing	2
Trabalhar nas férias	1
Ter o 1.º computador	2
Reprovação	2
Namoro de verão	1
Conhecer Jogador de Futebol	1
Nascimento de filho (a)	1
Rutura de relação	1

**Tabela 6 – Momentos mais marcantes da vida dos participantes**

### ***Hábitos de Leitura***

<b>N.º de Livros</b>	<b>N.º alunos</b>
<b>1 a 2 livros</b>	7
<b>2 a 4 livros</b>	4
<b>4 ou mais livros</b>	1
<b>Nunca leu/Nenhum</b>	4
<b>Não gosta de ler</b>	4

**Tabela 7 – Hábitos de Leitura**

### ***Programas de Tv mais vistos pelos alunos: Sozinhos e com os Pais***

<b>Programa</b>	<b>Sozinho</b>	<b>Com os Pais</b>
Diários do Vampiro	1	
Mentes Criminosas		1
Castle		1
Discovery Channel	4	2
Telejornal		6
Programa “Boa Tarde”		1
MTV	1	
Love It	1	
Disney Channel	5	
TVI Ficção	2	
Telenovelas	4	10
X- Fator	1	
The Voice- Portugal	5	3
The Walkind Dead	3	
Simpsons		1
Anselmo Ralph TV Music	2	
Hawaii Força Especial	1	
Filmes	6	6

**Tabela 8 – Programas de Tv mais vistos pelos alunos: Sozinhos e com os Pai**

**“Sobre Ti” – O que gosto mais e menos**

+	-
Sair/Estar com os amigos	Que me acordem
Ver filmes de terror	Que me obriguem a fazer o que não quero
Jogar Playstation	A minha teimosia
Andar de Bicicleta	Inveja
Ouvir música	Mentiras
Pesquisar na net	Falsidade
Dançar	Ser chorona
Tocar viola	Preguiça
Pertencer aos Escuteiros	Confusões
Praticar patinagem de velocidade	Críticas
O cão	Falar nas costas
Comer prego no prato	Não lidar bem com amizades
Amiga dos amigos	
Chocolate, Coca-cola	
Os meus olhos	
Calmo	
Animado	
Divertido	
O meu aspeto	
Computadores	
Ser jogador de futebol no CDE	
Ser simpática	
Boa conselheira	
Não desistir de nada	
Lutadora	
Ser mãe	

**Tabela 9 – “Sobre ti” – o que gosto mais e e menos em mim**

**“Em que estás a pensar?” (desejos para o futuro)**

Viajar	<p><i>“Tenho o sonho de uma dia ir a Londres”</i> (Adriana)</p> <p><i>“Quero muito voltar a ir de férias para os EUA”</i> (Alexandre)</p> <p><i>“Talvez viajar para a América para ter um futuro melhor.”</i> (Cláudio)</p> <p><i>“(…) queria poder passar férias no Brasil ou em todos os sítios.”</i> (Juliana)</p>
?	<p><i>“Penso em ser feliz o resto da vida. Quero alcançar os meus sonhos.”</i> (Andreia)</p> <p><i>“Gostava de ser alguém na vida. Ser bom na música e em outras coisas que acho importante para mim, seguir em frente é que é importante.”</i> (Arménio)</p> <p><i>“Estou a pensar que a minha vida só não está melhor porque não dei ouvidos à minha mãe.”</i> (Catarina)</p> <p><i>“Quero aproveitar tar com os meus amigos e ir-me divertir mas quero ir para esteticista, quero pintar unhas, fazer depilação que é o que mais gosto.”</i> (Inês)</p> <p><i>“Pretendo ser futebolista e modelo fotográfico. Quero ser feliz (...)”</i> (João T.)</p> <p><i>“(…) quero comprar uma casa para mim e para a minha família.”</i> (Juliana)</p> <p><i>“(…) lutar pelo que realmente quero e mudar por mim não pelos outros.”</i> (Nádia)</p> <p><i>“Se a minha carreira escolar não der em nada pretendo sair da escola para arranjar trabalho para sustentar a minha filha. O meu maior sonho é poder estar a trabalhar melhorar a vida dos meus pais e a minha vida.”</i> (Marisa)</p>

“Em que estás a pensar?”	Transcrições
Estudos	<p>“Quero terminar o 9.º ano e seguir para o curso de Ciências (...) quero entrar para a Universidade” (Adriana)</p> <p>“Quero ser técnico de eletrónica” (Alexandre)</p> <p>“Se conseguir acabar o 9.º ano quero ir para a Escola José Fragateiro (...) quero tirar o curso de Fisioterapia.” (Ana Rita F.)</p> <p>“Quero acabar o 9.º ano para depois poder aproveitar bem as férias de verão (...) depois quero seguir o que verdadeiramente gosto: Humanidades (...)” (Ana Rita S.)</p> <p>“Penso em muita coisa mas principalmente em acabar este ano (...) quero que chegue o verão chegue o mais rápido possível.” (Andreia)</p> <p>“Quero muito ser cabeleireira mas vou reprovar.” (Catarina)</p> <p>“Quero acabar o 9.º ano para poder pescar tal e qual como os meus antepassados.” (Henrique)</p> <p>“Concluir o 12.º ano para depois conseguir ter o meu próprio carro.” (João A.)</p> <p>“Quando acabar o 9.º ano vou para um curso profissional até tirar o 12.º ano, depois vou arranjar trabalho para tirar carta de carro (...)” (Juliana)</p> <p>“Quando acabar o 9.º ano vou passar férias a França depois vou para a Escola de Estarreja tirar um curso para mais tarde trabalhar (...)” (Micaela)</p> <p>“Eu pretendo concluir o 9.º ano e se os meus pais puderem, continuar a estudar para ser alguém na vida.” (Marisa)</p>

**Tabela 10 – “Em que estás a pensar?” – Desejos para o Futuro**

## **Anexo IV**



### **Guiões / Entrevistas**

**Entrevistado: Andreia Costa**

**Função/ Cargo: Estudante**

## ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que te lembras, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

Sim, sempre tive ideia do S. Paio assim!

- **Concordas quando se diz *“que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”***

Não costumo ir muitas vezes à Torreira, só mesmo na altura do S. Paio. Por isso, não tenho verdadeira noção se é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida. Mas que é muito movimento é!

- **Como vives e época de S. Paio?**

O S. Paio para mim é o encontro com os amigos e o convívio. Para mim o S. Paio não é sinónimo de bebedeiras e de ressacas, mas sim de amizades, noites para dançar e muita alegria.

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concordas? Porquê?**

Sim sem dúvida nenhuma! Sinto mesmo que o S. Paio é sobretudo para os jovens. E a atração principal desses dias é a festa na praia e em toda a área envolvente.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na tua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Mais uma vez tenho que referir as festas na praia. Do meu ponto de vista são elas que fazem com que os jovens planeiem com antecedência e de forma muito minuciosa estas “mini-férias”.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sentes que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**



A minha opinião pessoal é que sim. Este ano fui e confesso que e tive muito medo pelos roubos e violações que houveram. Estes acontecimentos levam a que os pais tenham receio de deixar os filhos irem. Sem dúvida que muitas pessoas já têm uma opinião negativa sobre o S. Paio, e cada ano que passa vai piorando.

- **Para terminar, o que esperas do S. Paio daqui a uns anos? O que deseavas que mudasse?**

Para mim, e para o que eu vou lá fazer (estar com os amigos e passar uns dias divertidos), o S. Paio está muito bem assim. Só pedia mais um pouco de proteção, isto é, mais policiamento e rondas de 24 horas por dia.

**Estabelecimento: Bombeiros Voluntários da Murtosa**  
**Entrevistado: Domingos Cascais**  
**Função/ Cargo: Coordenador de Serviços / Adjunto de Comando**

## ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que se lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

Sim, sempre foi bastante conhecida.

- **Enquanto Bombeiro, sente grandes mudanças entre a época de S. Paio e o resto do ano? Quais?**

Sim, há muitas mais ocorrências nos dias das festividades. Verificam-se muitos excessos dos jovens que nestes dias ultrapassam os limites dando muito que fazer aos bombeiros, sendo grande parte causadas por intoxicação étilica.

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concorda? Porquê?**

Sem dúvida, de alguns anos para cá e por influência dos Bares da Praia, que entretanto surgiram, verificou-se uma cada vez maior afluência dos jovens, principalmente à noite no recintos dos Bares que funcionam nesta época festiva quase 24 horas.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Não é propriamente a Romaria, nem a típica corrida de bateiras e moliceiros que atrai os jovens.

Os jovens são atraídos principalmente pela diversão noturna criada na zona dos Bares, em que não há controle de idades, com livre acesso a todo o tipo de bebidas. Têm liberdade total sem restrições.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Penso que sim, tudo bem que os jovens se divirtam, mas falta segurança e condições para receber tanta gente, principalmente jovens. O acesso ao álcool deveria ser mais controlado, tanto nos Bares como nos outros estabelecimentos fixos ou ambulantes que nesta altura se instalam.

- **Enquanto pai, quais são as suas maiores “preocupações” na altura do S.Paio? E enquanto Bombeiro?**

Como qualquer pai, tenho sempre o receio que os meus filhos também possam cometer excessos ou serem alvo de alguma violência, embora tento alertá-los para os perigos, o azar pode bater à porta de qualquer um.

Enquanto bombeiro tenho sempre a preocupação ano após ano que algo de muito grave possa vir a suceder e que os meios envolvidos na prevenção às festividades que já envolvem quase todo o corpo ativo, não sejam os suficientes.

Devido à posição geográfica os acessos são limitados, uma rápida evacuação num incidente possa acontecer no meio da multidão que por norma se concentra em toda a zona das festividades seria uma situação de catástrofe. Dou como exemplo nas noites do fogo de artifício em que a multidão se concentra toda no mesmo ponto, um incidente grave iria provocar um pânico generalizado.

O campismo selvagem também me preocupa, vejamos o exemplo de um incêndio florestal durante o dia em que os campistas estivessem a descansar (muitas vezes quase inconcientes devido aos excessos cometidos), poucos teriam capacidade de reação ao perigo.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

Gostaria que fosse uma festa mais controlada, que a organização das festividades investisse mais na segurança. Que fossem criadas condições de assistência médica “in loco” em que só em situações mais graves seria efetuado o transporte para uma unidade hospitalar.

**Entrevistado: Carla Pereira**

**Função/ Cargo: Estudante de Mestrado na UA – Trabalhadora a Part-Time na época de verão**

### ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que te lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

Julgo que nos últimos anos se tem verificado uma maior afluência. Se antes era considerada uma festa da comunidade, com pessoas e costumes muito próprios, atualmente, vêm pessoas de todo o país para usufruírem não tanto dos costumes mas sim da folia noturna cada vez mais associada ao S. Paio.

- **Concordas quando se diz “que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”**

Sim. Apesar de em bons dias de praia a Torreira ganhar bastante vida, de facto não se compara à agitação que se prende com a altura do S. Paio em específico.

- **Como vives e época de S. Paio?**

Primeiro, e por desde sempre contactar de perto com o S. Paio, não é uma época que me traga nada de novo. Em segundo, por trabalhar durante todo o verão, encaro esta época em específico apenas como “aquela” altura em que existe muito movimento e por conseguinte muito trabalho.

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concordas? Porquê?**

Sim, como disse anteriormente vêm pessoas de todo o país para se divertir e aproveitar sobretudo a noite. Os bares da prais estão também eles cada vez mais apetrechados de forma a incentivar esta folia e também ao consumo.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na tua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Essencialmente pela diversão noturna e pela oportunidade de estarem muitas vezes afastados dos pais ou outros familiares, permitindo que muitas vezes hajam excessos e situações que em nada se prendem com o verdadeiro significado do S. Paio.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sentes que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Para algumas pessoas que vivem na zona da Torreira poderá ser cada vez mais essa a sua opinião. Para quem vive nas imediações tem-se vindo a tornar uma época de preocupação e de maior cautela. O número de assaltos no S. Paio tem aumentado de ano para ano e o vaivém de ambulâncias é frequente.

- **Para terminar, o que esperas do S. Paio daqui a uns anos? O que desejas que mudasse?**

Julgo que daqui a uns anos o S. Paio vai assumir-se como um local para plena diversão noturna, podendo mesmo chegar a ser considerado um festival. O que poderia mudar seria acima de tudo a mentalidade de “quem faz” o S. Paio e que os participantes ganhem mais responsabilidade pelos moradores e por todos aqueles que trabalham nesta altura, dando o seu melhor.

**Estabelecimento: Maribar**  
**Entrevistado: “Juba”**  
**Função/ Cargo: Responsável/Gerente (não proprietário)**

### ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que se lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

Não. O S. Paio ao longo dos tempos tem vindo a evoluir um pouco. Tem assumido grandes proporções e a notícia espalha-se cada vez mais, ou seja, estamos a crescer cada vez mais. Muito se deve também aos meios de comunicação. A tendência é crescer e evoluir!

- **Concorda quando se diz “que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”**

Sim claro! Sem qualquer dúvida! Trabalhamos um ano inteiro para esta semana, uma vez que em termos comerciais é a semana que permite aumentarmos as nossas receitas.

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Segundo a opinião de muitos jovens o Maribar é o bar de eleição é o “bar da juventude”. Enquanto gerente/proprietário do bar a que se devem estas opiniões?**

São os jovens que de facto nos dão “o grande lucro”. Nós fazemos as festas sempre a pensar nos jovens! A romaria do S. Paio já está a perder um pouco daquilo que foi em tempos, tem-se vindo a tornar cada vez mais num festival e os festivais são direcionados sobretudo para os jovens. Têm DJ's, têm outras estruturas, há todo um trabalho para que se reúnam as condições necessárias para receber os jovens.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Não sei se já repararam mas hoje em dia os jovens estão a usufruir muito daquele a que se pode chamar “turismo selvagem”, daí o S. Paio estar de ano para ano a tomar esta proporção tão grande. É uma festa livre, onde não se pagam entradas, onde há imenso espaço propício ao acampamento. Os arrendamentos estão cada vez mais a ser uma opção para as pessoas mais velhas e estão a deixar de ser uma alternativa para os jovens, pois querem poupar um pouco mais de dinheiro para depois poderem gastar nos “copinhos”, digamos assim.

Assim sendo, não posso dizer que concordo muito com essa questão de “os jovens planearem a estadia com muitos meses de antecedência”, já se renderam ao turismo selvagem. Sinto que cada vez mais se torna uma coisa mais espontânea e menos programada.

No nosso caso, nós construímos um cartaz especial dedicado aos dias de S.Paio e em consequência disso os jovens vão aparecendo.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa tem vindo a ser cada vez maior, sobretudo no que toca a idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio? Enquanto proprietário/gerente de um bar que recebe milhares de jovens durante os dias festivos este tipo de incidentes preocupa-o?**

Penso que sim, penso que pode vir a tornar-se um ponto negativo. Apesar do S. Paio ser muito conhecido como o “Santo Bêbado” e os jovens parece que querem levar a lenda a sério. No entanto, as entidades de proteção, segurança e socorro, como a GNR e os Bombeiros, têm vindo cada vez mais a criar estruturas de resposta cada vez melhores e a fazer um trabalho cada vez melhor. Mas a verdade é que se veem cada vez mais jovens entre os 14 e 15 anos no S. Paio sem acompanhamento dos pais, a frequentarem os mesmos espaços que os mais velhos e a serem alvos de incidentes, nomeadamente com o álcool, e a terem que ser levados para o Hospital. Nesse aspeto a minha opinião é que os pais são os principais responsáveis, porque permitem que isso aconteça. Pode parecer uma questão de liberdade, podem acreditar que num grupo de 4 ou 5 uns tomam conta dos outros, no entanto, a realidade é outra! Cada um toma conta de si, cada um faz à sua maneira.

Este tipo de incidentes preocupa-nos, independentemente dos nossos esforços em tentar evitar isso, nomeadamente, no que respeita ao controlo de bebidas. Só que uma das grandes questões é que nós, Maribar, só começamos a vender bebida a partir da 1:00 ou 2:00 da manhã, ou seja, muitas das situações chegam a pontos graves porque os jovens estão cada vez mais a optar por comprar bebidas nas lojas, nos supermercados e começam a fazer a “festa” muito cedo, e quando chegam aqui já se encontram num estado muito além do que devia ser considerado razoável e minimamente aceitável. O facto é que nós, por muito que queiramos e por muita preocupação que tenhamos, não conseguimos controlar essas situações. Os jovens conseguem sempre arranjar forma de contornar o “não acesso” à bebida, sobretudo quando já veem com alguma bebida ingerida.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

O S. Paio tem vindo a assumir umas proporções enormes, pelo que vejo, da maneira como as coisas estão a evoluir, a qualquer momento passamos de uma Romaria a um Festival. Sim, que a ideia de Festival está a ficar cada vez mais forte. Mais ano, ou menos ano começarão a cercar algumas áreas, as entradas começarão a ser cobradas e isso poderá afetar o comércio e a essência do S. Paio. A quantidade de pessoas que se deslocam à festa deve-se em muito ao facto de ser livre, de ser aberta a todos, de cada um seguir à sua vontade; da forma como as coisas estão a evoluir,

se a ideia de cercar a área e criar um “recinto” vai fazer com que a quantidade de pessoas que venham ao S. Paio diminua.

Desejava que mudasse tanta coisa! Começar logo pelas condições sanitárias, que infelizmente a Câmara Municipal ainda não conseguiu colmatar essa falha. Nesta altura as condições de higiene e as condições sanitárias são muito más, penso que isso deve ser cada vez mais tido em consideração por parte das entidades competentes, tal como a Câmara Municipal da Murtosa. Por exemplo, são-nos exigidos “contentores” e casas de banho públicas, licenças, no entanto, não nos fornecem as condições necessárias para poder “responder” a esta necessidade básica das pessoas. É muita, muita gente! Não há forma de contornarmos isso sem nos proporcionarem outras condições para que possamos servir as pessoas, podiam começar por “ajudar” no que toca aos licenciamentos e a toda a burocracia que enfrentamos, sobretudo quando o objetivo é em reunirmos as condições necessárias para podermos receber os clientes! É importante, também, criar mais dispositivos de segurança.



**Estabelecimento: Estaleiro do Monte Branco**

**Entrevistado: Sr. José Rito**

**Função/ Cargo: Mestre de embarcações**

### ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruirmos de toda a época festiva. Desde que se lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

Sim, sim! Desde que me lembro a festa do S. Paio sempre foi muito conhecida. Ainda me lembro quando o transporte para o lado de cá (Torreira) era feito de moliceiro e os mercantéis e não de camioneta como ainda se faz agora e se fez. A romaria era muito conhecida por isso.

Tinha eu mais ou menos a vossa idade e ainda me lembro de aqui junto a estas muralhas estar tudo cheio de barcos atracados e barracas! Eles vinham atracavam os barcos colocavam palha no fundo dos barcos e depois às vezes com as próprias velas das embarcações faziam género de uma barraca. Dormiam lá! Faziam uma festa... eram violas. As rusgas, que agora se fazem de outra forma, começaram assim, a serem feitas nos moliceiros e nos mercantéis!

Oh, que loucura! Eu ainda andava na escola quando começaram a construir a ponte! Agora já há as camionetas e o povo vem todo de carro... Mas antes?! Que loucura! Só barcos atracados por aqui fora! A romaria mais bonita era mesmo aqui sobre a ria!

- **Concorda quando se diz “que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”**

Talvez sim. Apesar da Torreira se ter desenvolvido muito, é a altura que atrai mais gente aqui.

O S. Paio é uma romaria muito antiga e isso cativa o povo. Mas a verdade é que a Torreira hoje está muito desenvolvida e tem coisas que também chama as pessoas a virem cá fora da época da romaria.

- **Nos seus tempos de juventude o que mais o (a) marcava no S. Paio?**

Oh... Era o divertimento! É o que vocês (jovens) agora procuram também, divertimento! Também apanhávamos umas “borracheiras” mas não são como as de agora... eram muito diferentes. Ainda não haviam os shots, eram umas cervejitas e o tinto. Também não haviam os cafés que há agora,

portanto, a gente tinha pouco por onde procurar outras bebidas, que até acho que nem sequer haviam na altura.

A Torreira agora está cheia de cafés, a malta agora vive para isto. Mas a Torreira agora está muito mais bonita do que o que era, não tem nada a ver!

Até o S. Paio está muito mais bonito! Nessa altura o S. Paio eram só dois dias, não era como agora os 4 dias. Mas antes sem artistas, e muito antes de a Câmara ficar responsável com a organização do S. Paio, isto enchia na mesma! Era gente como nunca se via durante o ano! Ainda vinham às vezes aqueles “conjuntozitos” que cantavam aqui e ali mas mais nada.

Havia fogo (de artifício) mas não era assim como há hoje! Eram aqueles foguetes... Quem os lançava até eram os que vinham nos moliceiros e nos mercantéis e os foguetes sempre a estoirar por aí fora! Mas pessoal sempre teve muito! Antigamente o que marcava o S Paio eram as rusgas, pessoal sempre a cantar do mar até à ria e da ria até ao mar, para cima para baixo, para cima para baixo. Eram uns a descer e já vinham outros a subir!

Não eram os conjuntos que faziam a festa, era isto! E cantar ao desafio!

• **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Dada a sua vasta experiência na construção e restauração de bateiras e moliceiros, e sendo o Sr. José uma referência nesta arte, qual a sua opinião quanto à “sobrevivência” da tradição?**

Manter isto está cada vez mais difícil. As capitánias começam a não colaborar e as pessoas têm que assumir isto a termo particular e começa a ser difícil manter a tradição assim. Se estivermos a falar de empresas que têm uma embarcação destas é sempre mais fácil sustentar os gastos que a embarcação dá, agora a termo particular é muito complicado. É um barco (moliceiro) que dá muita despesa.

Eu ainda vou reparando algumas e como sei bem o que faço e vou conseguido ter algum material mas quem não tem é complicado. Os barcos duram em média uns 4 a 5 anos depois começam a precisar de reparação e restaurar e gastam-se balúrdios de dinheiro. Não temos grandes apoios e quando temos pouco dão, ou nada, e não compensa em alguns situações.

A mim vale-me o gosto e a dedicação à arte, porque no dia em que não conseguir assegurar também estes encargos... não sei. É mesmo pelo gosto que eu tenho!

Assim como as regatas, enquanto a Câmara assegurar algumas situações parece-me que mal ou bem as coisas ainda se vão mantendo mas duvido que isto se prolongue, pelo menos no meu ver. Se começarem a surgir outras ajudas, apoios pode ser que isto se aguente mais uns anos mas se não fizerem nada para manter isto, mais uma meia dúzia de anos e isto acaba por se perder.

Se não houver apelo a que as coisas se mantenham tudo acaba. Por exemplo, as rusgas? Tudo acabou! Já foi tempo em que eram os grandes grupos e o S. Paio era quase composto disso, este ano que passou andavam meia dúzia de pessoas a cantarolar, quase que nem se viam na multidão.

Esta malta nova também não identifica com nada disso, vão mais para os bares da praia e para as animações que os bares promovem. Não se querem muito nestas andanças das romarias!

• **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Os jovens cada vez mais vivem para o S. Paio, não sei porquê. Isto agora há internet há tudo e tudo se sabe e eles vêm por aí fora!

Isto com a quantidade de jovens que começam a vir para cá para viver o S. Paio, ainda se vai tornar uma das romarias mais afamadas e maiores do país. Mais uns anos e o S. Paio não vai ter espaço para receber tanta gente.

Na minha altura de jovem às vezes conversávamos que isto mais dia menos dia ia acabar porque só se viam pessoas mais velhas a aguentar a romaria. Mas enganamo-nos, eu estava errado! Agora o S. Paio é feito só de juventude! Os jovens aderiram muito à romaria do S. Paio. A Torreira é bonita, tem por onde acampar, tem tudo o que eles precisam para comer, beber e se manterem durante essa época. Tem boa praia, tem espaços amplos e muito acessíveis! Tudo apela à vinda!

Enquanto a Câmara estiver a cargo da organização as coisas ainda vão andando mas se algum dia, tal como já se chegou a constar, a romaria ficar a cargo de outras entidades e afins, então isto vai assumir um patamar que pode vir a fazer do S. Paio uma das maiores romarias do país.

Eu acho que as coisas como estão já estão bem, se começarmos a ceder a nossa festa, as nossas tradições às entidades que andam a promover esses festivais de verão, vamos acabar por perder muito daquilo que é nosso. Vai começar a perder-se muita coisa. Vamos perder a nossa identidade nesta romaria.

• **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Eu penso que não.

Os antigos diziam que o S. Paio era o Santo Bêbado. Ele era mergulhado em grandes jarros de vinho, os jovens estão numa fase em que parece que estão a fazer o mesmo mas se calhar é próprio da idade, sei lá.

Muita coisa mudou, é certo. Eu na minha juventude não me lembro de ver muitas moças de copo na mão mas hoje é uma realidade, já nem há grande diferença entre rapazes e raparigas. Mas não sei se esta mudança será razão suficiente para que as pessoas deixem de vir ao S. Paio. Acho que nós aqui já nos habituamos a ver esta juventude com os copos na mão! Se calhar já nos fez mais confusão, agora para aproveitarmos o que o S. Paio tem temos que tentar esquecer isso.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

Desde a minha época de juventude que conheço o S. Paio e pelo que tenho visto sinto que, apesar de ser diferente do que era, o S. Paio está bom! Está uma romaria bonita e bastante atrativa. Para o tipo de romaria que é, que envolve muitos gastos e muitas outras coisas, acho que se tornou uma romaria de referência.

Claro que há sempre situações que devem ser melhoradas de ano para ano, por exemplo, controlar melhor o acesso à romaria e depois as saídas. Compreende-se que a estrada é só uma e que é muita confusão mas se trabalharem alternativas, de modo a facilitar os acessos nesses dias mais complicados, a vinda ao S. Paio ainda se torna melhor e mais apetecida.

Eu gosto do S. Paio, é uma romaria bonita! E para nós, que conhecemos o S. Paio já há uma vida, é sempre uma festa bonita! Há sempre coisas que não agradam a todos quantos cá vivem mas em todo o lado há disso, não se pode agradar a todos!

Que não acabem as regatas! Isso é o que ainda nos traz mais alegria no S. Paio. Requer muito dinheiro, muitos gastos, muito trabalho, nós sabemos, mas acabar com isso é acabar com aquilo que os nossos pais e avós criaram e que fizeram com que a romaria do S. Paio se tornasse nisto que hoje vemos.

<b>Entrevistado: Padre Abílio</b> <b>Função/ Cargo: Pároco da Torreira</b>
---

## ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva.**

**Como sabemos o Sr. Padre Abílio chegou à Torreira há relativamente poucos anos. Como descreve e como recorda o seu primeiro S. Paio enquanto pároco?**

O primeiro São Paio em que participei foi em 2006, um ano depois de assumir a responsabilidade paroquial da Torreira. Já tinha ouvido falar muito desta festa mas nunca cá tinha vindo. Recordo que havia muita gente na feira, nos espetáculos, nos bares e nas secções de fogo de artifício. Na Eucaristia e procissão também estavam bastantes pessoas mas nada de comparável com o resto. Guardo ainda na memória os efeitos do excesso de bebida e de quem tinha passado a noite acordado quando, de manhã, saía para ir tomar café e comprar o jornal.

- **Na opinião de muitas pessoas, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concorda? Porquê?**

Não sei quais são as razões de cada uma das pessoas que vem à festa de São Paio. É verdade que há muitos adolescentes e jovens procuram esta época do ano para virem até à Torreira a pretexto do São Paio mas que ficam pela oferta que os bares fazem nesta altura, e esses mais do que participarem numa festa a honra de um Santo participam numa festa de final de verão. Por aquilo que vou ouvindo esta festa sempre teve alguma ligação a um certo excesso de consumo de álcool, não sei por que razão, e daí que se possa dizer que temos um adaptar aos tempos hodiernos. Os bares fazem as suas propostas procurando atrair mais clientes daí que aumentem a sua oferta e têm tido correspondência na procura

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Estamos em final de época balnear, para muitos são os últimos dias de férias, as aulas começam poucos depois de 8 de setembro. É o *queimar dos últimos cartuxos* do verão. Os bares fazem uma oferta variada e atrativa para os jovens. Eu até estou convencido que haverá pais a quem os filhos dizem que vêm à festa de São Paio e eles autorizam sem fazerem a mais pequena ideia de onde os filhos se estão a meter.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Não sei. Nos dias que correm há muitas coisas que não deviam acontecer mas que, infelizmente, se têm como normais. Vamos tentar perceber porque é que isto acontece, quem são os responsáveis. Temos encarregados de educação que deixam os educandos menores estarem fora de casa vários dias sem saberem onde estão e o que é o São Paio da Torreira, temos comerciantes que em procurando lucro fácil vendem álcool sem saber a quem... Há toda uma estrutura montada que facilita esta realidade, muitos dizem que está mal mas todos temos muita dificuldade em atuar para alterar esta realidade.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

Desejava que a festa de São Paio tivesse esta matriz popular, em que as pessoas vêm procurando o divertimento saudável, sem excessos onde os transgressores fossem responsabilizados pelos seus atos e que a Missa e a procissão fossem mesmo o centro da festa. Há muita gente que vem à Torreira a pretexto do São Paio e quem nem sabe onde fica a Igreja ou onde é celebrada a Missa do dia 08 de setembro.

**Estabelecimento: Restaurante Xávega Mar**  
**Entrevistado: Dulce**  
**Função/ Cargo: Proprietária e Gerente**

### ***Entrevista***

- **O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que se lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?**

A festa do S. Paio sempre foi conhecida mas agora a juventude com as suas novas formas de comunicação, como o Facebook, tem vindo a assumir uma proporção maior do que há uns tempos atrás

- **Concorda quando se diz “que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”**

Sim. No que toca à juventude, é de facto a época do ano em que a Torreira é mais “invadida” por jovens.

- **No seu ramo profissional, sente grandes mudanças entre a época de S. Paio e o resto do ano? Quais?**

Sim! Sem dúvida! O “tipo” de clientes é totalmente diferente! Durante o ano temos os chamados “clientes habituais”, na época do S. Paio, para além dos clientes já conhecidos há uma enorme afluência de jovens no Restaurante.

- **Nos seus tempos de juventude o que mais o (a) marcava no S. Paio?**

Sem dúvida a romaria! Era totalmente diferente do que se vê hoje! As fogueiras na praia, as violas a tocarem noite dentro, era uma forma de diversão tão saudável e tão sem maldade. Hoje em dia isso perdeu-se, os jovens assumiram outras formas de diversão direcionadas mais para a bebida... Andar pelos bares... Nós não! Era andar do mar para a ria e da ria para o mar e o amanhecer era quase sempre na praia, com as fogueiras e as violas e também bebíamos! Acho sinceramente que conseguíamos aproveitar muito mais o S. Paio!

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concorda? Porquê?**

Sim! Porque durante o dia quase não vemos jovens, a maior concentração ocorre de facto à noite. Não está em causa a questão de ser diversão noturna, o triste mesmo é ver que os jovens têm cada vez mais a “necessidade” de andarem com garrafas de bebidas nas mãos toda a noite! Se não houver bebida, se não houver uma garrafa na mão, não há diversão, não há S. Paio. Falta moderação! Se houvesse moderação conseguiam de facto usufruir da diversão noturna que lhes é colocada à disposição nesta época!

Aqui no restaurante chegamos a ver muitas vezes jovens a contarem os “trocos” para poderem comer o mínimo possível de forma a reservarem dinheiro para suportar os gastos com a bebida. Se mudassem um pouco de atitude e de

prioridades conseguiam perfeitamente gerir o dinheiro devidamente, primeiro a boa alimentação depois uns “trocos” para a bebida.

É notório muitas vezes a falta de controlo por parte deles, e quando nós tentamos impor limites somos bombardeados com faltas de respeito, com confusão, com discussões. Este ano nesse aspeto notou-se um decréscimo dessas situações, quer aqui no restaurante, quer incidentes decorridos lá fora. A percepção que tenho é que este ano em questão de excessos as coisas estiveram mais controladas, muito aquém do que se considera razoável, mas melhor que o ano anterior, por exemplo.

Durante o ano também existem este tipo de situações constrangedoras, sobretudo no que toca às confusões, às agressões entre jovens, mas nesta altura de S. Paio o número de incidentes deste género aumenta consideravelmente.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Acho que isso se deve à busca pelo divertimento, por poderem estar a noite toda a divertirem-se sem preocupações, sem limites, sem restrições, aquilo a que chamam liberdade! Assumem o S. Paio como uma festa de despedida do verão. O facto de ser uma festa aberta a todos também ajuda imenso, tem-se propagado a hipótese de tornar o S. Paio em festival, de cercarem determinadas zonas e começarem a ser cobradas entradas... Se isso for avante morre o S. Paio! S. Paio é da terra! É nosso! É do povo! Levar as coisas e esse ponto de exploração não!

Sinceramente, se se perde essa liberdade de acesso a Torreira deixa de ter o que oferecer às pessoas! Deixa de permitir que as pessoas acedam aquilo que sempre foi delas.

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Muito! Nós, gente da terra, temos que nos preocupar mais em transmitir lá para fora tudo o que a Torreira tem de bonito. Temos que trabalhar com os jovens e com a sociedade de forma a não permitir que o S. Paio seja sempre associado ao álcool, às bebedeiras, à confusão.

Para muitos jovens dizer “Fui ao S. Paio” e dizer “Fui ao S. Paio e apanhei uma bebedeira” faz toda a diferença! A segunda opção, para muitos jovens, é a que revela o quão “fixe” é aquela pessoa! Ficaria bem melhor se dissessem “Juntei-me com um grupo de amigos, fomos para o S. Paio, bebemos uns copitos e divertimo-nos imenso”.

Comas alcoólicos? Jovens de 14 e 15 anos em condições lastimáveis? E menores! Mas com estas idades e com a falta de maturidade o pior dos cenários deve-se em muito aos pais! Chegamos mesmo a ponto de ligar para pais a dizer “Olhe, venha buscar o seu filho porque ele está embriagado!” Ou pior, receberem um telefonema de um Hospital a dizer “O seu filho deu entrada no Hospital em estado de embriaguez, ou em coma alcoólico, precisamos de algum familiar



cá"! Isso sim é triste! Tira mesmo a paz àqueles pais que depositaram confiança nos filhos ao permitirem que viessem para o S. Paio.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

Espero que se mantenha a essência de romaria no S. Paio. Os jovens dão a conhecer o S. Paio, é um facto mas espero que as mentalidades dos jovens mudem um pouco, não permitindo ou dando azo aos excessos. Por outro lado, também temos que começar a mudar um pouco as “nossas” mentalidades; deixando de acreditar tanto que só o S. Paio é que traz vida e significado à terra. A Torreira é mais do que o S. Paio!

**Estabelecimento: Padaria Ven-Por**  
**Entrevistado: Sra. Marina**  
**Função/ Cargo: Proprietária/Gerente**

### ***Entrevista***

- O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que se lembra, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?

Sempre foi bastante conhecida, mas agora cada vez está mais!

- **Concorda quando se diz “que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”**

Concordo. É evidente que nessa altura há muito mais movimento por cá.

- **No seu ramo profissional, sente grandes mudanças entre a época de S. Paio e o resto do ano? Quais?**

No S. Paio o movimento é outro! Durante o ano lidamos basicamente com os residentes. De há uns 15 anos para cá acho que a grande movimentação nessa época do ano se deve aos jovens e à forma como eles vivem o S. Paio. Têm mudado muito, isto no meu ramo de padaria. Aqui não sinto que haja muitos pedidos de álcool como havia há uns anos. Agora sinto que se pede mais coisas para comer.

- **Nos seus tempos de juventude o que mais o (a) marcava no S. Paio?**

O fogo e as rusgas!

- **Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concorda? Porquê?**

Concordo! Concordo porque agora há mais atividades que estão a ser elaboradas a pensar mais na juventude, mais festas na praia e outras coisas.

- **Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na sua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?**

Não sei... Talvez vejam o S. Paio como se fosse a sua festa de fim das férias ou do fim do verão!

- **O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sente que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?**

Penso que não... O S.Paio vai ser sempre o S.Paio. E muito honestamente, as pessoas também já começam a saber com o que contar nesta altura.

- **Para terminar, o que espera do S. Paio daqui a uns anos? O que desejava que mudasse?**

Gostava que mudassem as mentalidades dos jovens, pelo menos para que quantidade de incidentes não fosse tão alta e para que tudo decorresse com maior controlo e responsabilidade. De resto, penso que não vão haver grandes mudanças.

**Entrevistado: João Daniel Tavares**  
**Função/ Cargo: Estudante**

### ***Entrevista***

- O S. Paio tem vindo a assumir uma visibilidade cada vez maior, quer na Torreira e na Murtosa, quer nas localidades mais próximas. Mas tem tomado tamanha proporção que muitos são os que vêm de longe para usufruírem de toda a época festiva. Desde que te lembras, a festa do S. Paio sempre foi assim tão conhecida?

Desde que me recorde sim, sempre foi assim muito conhecida. E acho que cada vez está mais.

- Concordas quando se diz *“que o S. Paio é a altura do ano em que a Torreira ganha mais vida?”*

Sim, concordo, ganha muito mais, mas são mais jovens do que adultos.

- Como vives e época de S. Paio?

Vivo nas noites, com o meu grupo de amigos e nos bares da praia.

- Para muitos, o S. Paio está cada vez mais a deixar de ser uma romaria, tornando-se cada vez mais uma festa “dedicada” aos jovens e à diversão noturna. Concordas? Porquê?

Concordo plenamente, porque para mim, e na minha opinião o S. Paio não é nenhuma romaria, é mais um festival de verão.

- Apesar do S. Paio ser uma grande romaria reconhecida pela beleza e pelo imenso significado da procissão, pelo fogo de artifício no mar e na Ria, pela Corrida de Bateiras e a tão conhecida e afamada Regata de Moliceiros, a verdade é que o S. Paio está cada vez mais a ser uma atração para a juventude. Muitos jovens vêm de longe e planeiam estadias com muitos meses de antecedência e alguns até o fazem de uns anos para os outros. Na tua opinião a que se deve esta atração dos jovens pelo S. Paio?

Existe uma influência pelos bares da praia, pela diversão com os amigos, e para nós, jovens, é um tipo de festa de final de verão e de início de escola.

- O número de notícias e de incidentes graves com jovens durante este período de festa, tal como roubos, acidentes, idas para o hospital devido ao excessivo consumo de álcool, tem vindo a ser cada vez maior. Sentes que isso pode levar a que as pessoas comecem a ter uma opinião negativa sobre o S. Paio?

Na minha opinião, não. Como os jovens se querem divertir, consomem excessivamente bebidas alcoólicas. Isso leva-os a fazer determinadas coisas que não têm noção que estão a fazer. E, a meu ver, todas as pessoas notam isso, por isso é que não têm uma opinião negativa sobre o S. Paio.

- **Para terminar, o que esperas do S. Paio daqui a uns anos? O que deseavas que mudasse?**

Espero bastante que continue a ser o que é, talvez com muita mais gente e muito mais famoso. E não mudaria nada no S. Paio.

## **Anexo V**



### **Ficha de Trabalho - Reportagem**

**Escola Básica Integrada da Torreira – 9.º A**  
**Ficha Formativa**  
*“Como elaborar uma Notícia e uma Reportagem”*

**Notícia**

- Texto informativo do domínio da Comunicação Social. Caracteriza-se pela atualidade, pela objetividade e pelo interesse geral;
- Geralmente é redigida na 3.ª pessoa;
- A informação é apresentada por ordem decrescente de relevância, ou seja, do mais importante para o menos importante.
- O texto normalmente é distribuído por colunas;
- Inicia-se com um título seguido de subtítulo.

Estrutura	
Título	<b>Ucrânia: vaga de frio mata 131 pessoas</b>
Subtítulo	<b>Termómetros vão continuar com temperaturas bem negativas</b>
Lead	A forte onda de frio que se está a fazer sentir nestes últimos dias na Ucrânia provocou a morte de 131 pessoas, anunciou um porta-voz do Ministério ucraniano para Situações de Emergência.
Corpo da notícia	<p>Segundo este ministério, as autoridades organizaram 3261 lugares onde as pessoas se podem aquecer. Nos últimos dias, recorreram a esses lugares e a comida quente 10 100 cidadãos.</p> <p>O Ministério da Saúde da Ucrânia informa que, nos últimos dez dias, 2300 pessoas recorreram a ajuda médica devido ao frio. Dessas, 1800 foram hospitalizadas e 131 acabaram por falecer.</p> <p>Os especialistas prognosticam que a onda de frio poderá ser longa, continuando o mercúrio dos termómetros entre os 14 e 26 graus negativos.</p>



<http://www.tvi24.iol.pt>, consultado em 5 de fevereiro de 2012

- **Título**
  - Deve ser breve e objetivo, de forma a cativar a atenção das pessoas;
  - Normalmente um título é constituído por uma frase afirmativa com verbo no presente do indicativo.
- **Subtítulo**
  - Fornece alguns dados de enquadramento da notícia.
- **Lead ou parágrafo-guia**
  - Basicamente nesta etapa da notícia descreve de forma resumida o que aconteceu;
  - É a parte mais importante da notícia e o seu objetivo não é só o de captar a atenção das pessoas como também fornecer as informações fundamentais.
- **Corpo da Notícia**
  - Faz um relato mais pormenorizado do assunto em questão;





## ATIVIDADE 1

1. Lê uma notícia à qual foi retirado o título.

Um gato saltou para o interior do relvado no jogo entre o Liverpool e o Tottenham, um dos encontros mais aguardados da última jornada da Liga Inglesa que terminou empatado 0-0.

No estádio Anfield Road, estavam 44 mil espectadores que aplaudiram o gato corajoso. O árbitro foi obrigado a interromper o jogo.

Os seguranças de serviço acabaram por apanhar o enorme felino, pachorrento e manso, que parecia estar chateado com o empate entre as duas equipas e decidiu invadir o relvado.

O Tottenham ocupa o terceiro lugar da Liga Inglesa e a formação do Liverpool encontra-se atualmente na sétima posição.

Visão Júnior, janeiro de 2012

- 1.1. Dos títulos que se seguem, seleciona o que melhor se adapta à notícia. Justifica a tua escolha.
- a) Gato invade jogo entre Liverpool e Tottenham
  - b) Insólito acontece em Anfield Road
  - c) Liverpool e Tottenham empatam em Anfield Road
- 1.2. Cria um subtítulo adequado à mesma notícia.

## ATIVIDADE 2

1. Lê o *lead* de uma notícia sobre música.

Adele foi a grande vencedora da 54.ª edição dos prémios Grammy, entregues este domingo, nos EUA. A britânica venceu os seis prémios para os quais estava nomeada: "Gravação do Ano", "Canção do Ano" e "Melhor Vídeo", por 'Rolling In The Deep'; "Melhor Interpretação Pop a Solo", por 'Someone Like You'; e "Álbum do Ano" e "Melhor Álbum Pop", por "21". (...)

<http://www.mtv.pt>, consultado em 15 de fevereiro de 2012

- 1.1. Preenche o quadro com as informações do *lead* que respondem às questões.

Quem?

O quê?

Onde?

Quando?

## Reportagem

### **Definição**

A reportagem é um texto jornalístico sobre um assunto de interesse geral, atual ou não, – que pode ter sido vivido pelo repórter ou resultou de uma investigação. Permite **maior criatividade** por parte do autor comparativamente com a notícia. Trata-se do “**contar de uma história**”, segundo uma perspetiva escolhida **pelo jornalista**. Feita a investigação, o jornalista parte dos factos e constrói uma “história”, podendo integrar citações das pessoas que nela participam ou citações de documentos importantes para a validação e comprovação dos factos apresentados.

### **Estrutura**

A reportagem apresenta uma estrutura semelhante à da notícia.

- a) **O título:** serve para indicar o conteúdo da reportagem de modo apelativo. Normalmente, é escrito com letras de tamanho maior.
- b) **O lead ou primeiro parágrafo:** introduz o tema, despertando curiosidade.
- c) **O corpo:** inclui o desenvolvimento da reportagem, mais complexo e extenso do que na notícia. Pode apresentar testemunhos, opiniões, citações.

A reportagem informa **sobre** assuntos de interesse geral, atuais ou não, detendo-se essencialmente no **como** e no **porquê**.

### **Características da linguagem:**

- discurso direto para apresentar comentários pessoais ou testemunhos.
- tempo verbal – presente do indicativo ou pretérito perfeito na 3.ª pessoa do singular.
- 1.ª pessoa – para se expressar uma opinião sobre a situação ou facto.
- linguagem corrente, clara, objetiva, podendo ser introduzidas marcas de subjetividade.

## **Anexo VI**

### **Notas de Campo**

## **NOTAS DE CAMPO – 1**

**Quinta – Feira, 29 de março de 2013**

**8:30**

Após contacto telefónico efetuado dias antes, hoje vim falar pessoalmente com o Diretor da Escola Básica Integrada da Torreira – Dr. Manuel Arcêncio, sobre o meu projeto de Mestrado e qual o fim a que o mesmo se destinava.

Levei comigo um exemplar do meu Pré-Projeto para que de alguma forma lhe fosse possível visualizar melhor o que é que eu pretendia em concreto. No entanto, ainda que já fosse uma verdade sobre a qual eu ia semipreparada, fui informada pelo Diretor que se de facto eu pretendia seguir escrupulosamente os objetivos a que me estava a propor no projeto, “aqueles” alunos não eram o público que eu procurava.

Fomos francos e transparentes um com o outro e, uma vez que somos ambos residentes numa freguesia perto da Torreira e que conhecemos bastante bem a realidade daquela comunidade, desde logo percebi que se pretendia trabalhar naquela Escola o melhor a fazer seria abandonar “os limites” sobre os quais construí o Pré-Projeto.

Disposta a arriscar, conversamos sobre as idades sobre as quais pretendia me debater e trabalhar, ao que chegamos à conclusão que os alunos do 8.º ano seriam os ideais. Isto porque, uma vez que estava a iniciar o projeto com eles em abril e que havia as férias de verão, no ano letivo seguinte (2013/2014) poderia dar continuidade ao projeto.

No entanto, deparei-me com outra situação que me levou a tomar outra decisão difícil logo a seguir – quantos alunos, quais os alunos, porque sim e porque não. O que é que eu diria a uma turma de 26 alunos (uma das alunas estava prestes a ser mãe, pelo que não sabíamos qual seria a data de regresso), sendo a maioria residentes na Torreira e provenientes de famílias com carência económica, muitas vezes de carência afetiva, cujas famílias têm como única fonte de rendimento o trabalho no rio, que iria escolher só 12 alunos, e porquê “aqueles” alunos.

Faltou-me a coragem de ter que assumir essa decisão, pelo que, prontamente me responsabilizei por toda a turma! Decidi trabalhar com a única turma de 8.º ano existente na Escola da Torreira que albergava 26 alunos.

Não havendo qualquer objeção por parte do Dr. Manuel Arcêncio e, sendo ele Diretor de turma dos alunos em questão bem como professor de Português, rapidamente agendamos uma sessão de apresentação do Projeto aos alunos para a semana seguinte.

## NOTAS DE CAMPO – 2

Quinta – Feira, 4 de abril de 2013

8:45 – 10:00

Hoje foi o meu primeiro contacto com a turma do 8º ano. Estavam em aula com o Dr. Manuel Arcêncio e, tal como havíamos combinado durante essa semana através de telefone, eu iria usufruir da sua hora de OT de Português para me apresentar, apresentar o projeto e falar com os alunos.

Já tinha dado o primeiro toque e os alunos e o professor já estavam na sala. Ouviam-se imensas vozes, com aquele sotaque tão característico das gentes da Torreira. Bati à porta, Sala 17, bem lá ao fundo do corredor. Quando abri a porta o ar de surpresa de toda a turma foi unânime, se bem que pelo menos 3 alunas já me conheciam de relações familiares e pessoais, no entanto, ninguém sabia qual o motivo de eu estar ali.

Gerou-se uma inquietação maior do que aquela com a qual eu me deparei enquanto percorria o corredor até chegar à sala de aula. No entanto, o Professor Manuel Arcêncio rapidamente tomou as rédeas da turma e levou a que o silêncio e a atenção reinassem.

Fui apresentada muito sucintamente pelo Dr. Arcêncio pois pretendia-se que eu fizesse a minha própria apresentação de forma a tentar criar já alguns laços com a turma.

Apresentei-me sem grandes formalidades, disse que era “vizinha” deles e que também era aluna! Estudava na Universidade de Aveiro e que estava a elaborar um projeto para assim poder terminar o meu Mestrado. Ficaram absolutamente boquiabertos por verem uma aluna da Universidade ali, mesmo à frente deles, na aula deles.

Tirei o casaco e sentei-me, mesmo ali em frente a eles, com uma postura informal mas ao mesmo tempo sem perder a confiança em mim mesma para que pudesse auferir futuramente do mínimo de respeito por parte da turma.

Quando apresentei o projeto e ao que se propunha conheceram imediatamente a surgir as primeiras intervenções: *“Eu quero entrar”, “Eu não me importo”, “Se é para não ter aulas de química eu aceito”*.

Expus a situação sobre o limite máximo de alunos e verifiquei aquilo que eu já havia previsto caso não tivesse tomado a decisão de trabalhar com toda a turma – ficou o silêncio e os olhares entre eles e aquele sentimento de “vais escolher os melhores alunos, os que falam melhor, os que não vivem no bairro”.

Não querendo criar mais constrangimento expus no imediato a minha proposta: Dividir a turma em 3 equipas, trabalhava em cada semana com uma das equipas e depois todos juntos fariamos um projeto só. No entanto, com a condição de que se alguém a qualquer momento quisesse desistir ou deixar de participar tinha que me dizer e não tinha porque pedir desculpa, nem se sentir mal por o fazer.

Todos aceitaram as condições e quiseram logo formar as equipas, no entanto, o Professor Manuel já o tinha feito tendo em conta que já os conhecia desde o 5.º ano e queria formar grupos heterogéneos.

Esta sessão de apresentação terminou com a confirmação das equipas e com a marcação da primeira sessão para a semana seguinte. Iria começar com a Equipa 1.

### **NOTAS DE CAMPO – 3**

**Quinta – Feira, 11 de abril de 2013**

**8:30 – 10:00**

#### **EQUIPA 1 – 1.ª SESSÃO**

Foi com total admiração por parte da equipa quanto à forma de intervenção na sessão – jornais espalhados pela mesa de debate, que se deu início àquela que seria a primeira de muitas outras sessões de *Focus Group*.

No entanto, ainda sem que lhes tivessem sido dadas indicações do que se pretendia, o primeiro reflexo por parte da maioria do grupo foi de abrir e ver os jornais.

Após a minha intervenção, dando conta do que pretendia com todos aqueles jornais e com aquela atividade em concreto, o grupo prontamente folheou os jornais na tentativa de encontrar o que lhes foi solicitado – notícias sobre jovens.

Alguns revelaram algumas dificuldades em perceber como “detetar” notícias sobre jovens, “*Era necessário ler a notícia toda?*”, “*Bastava procurar só pelo título?*” Por outro lado, foi notório que, apesar das minhas intervenções aquando da procura das notícias, dois ou três dos alunos nem tinham real noção do que procuravam em concreto. O aluno mais interventivo deste grupo – José Pedro (Zé) mostrou-se bastante recetivo à atividade mesmo limitado pelas dúvidas de “como sei que é isso que quer?”. Uma das alunas também bastante interventiva e esforçada em toda a atividade e debate, propriamente dito, foi a Adriana.

Nesta sessão os alunos menos interventivos ou até mesmo sem intervenção foram a Juliana e o Arménio.

Após o término do período reservado à procura das notícias o aluno José Pedro, apesar das suas dificuldades iniciais, foi o que prontamente se decidiu a dar início ao debate – leitura das manchetes das notícias que entenderam ter “os jovens” como principais intervenientes.

José Pedro – “Aluno de 10 anos limpa sanitários”

Adriana – “Jovem apanha 7 anos por violar avó”

Ana Rita – “ Pedro Aveiro atinge título de campeão nacional amador”

Tânia – “Tia salva menina apanhada pelo fogo”

Henrique – “Cheques dentistas nas escolas”

Juliana – “Mataram inocentes” – notícia cujo tema era o atentado em Boston

Após a leitura, realizada por cada um das manchetes das notícias, deu-se início ao debate propriamente dito em que a primeira questão colocada foi *“que tipo de notícias foram mais lidas aqui? Boas ou más?”*

Responderam em unanimidade – “más”

José Pedro - *“ Bem ... aqui tem uma que fala de um jovem que estava de castigo... não percebi porquê mas se fala em castigo, a notícia boa não é!”* (este comentário ainda que feito de forma inocente gerou risos dentro do grupo)

Mais questões surgiram ao longo do debate e muitas das respostas foram surpreendentes, não tanto do ponto de vista jornalístico mas pela forma como encararam determinadas notícias e questões que eu lancei para discussão<sup>25</sup>.

No entanto, faltava uma pessoa ler uma manchete de um Jornal, eu! Quando os encarei com a leitura do título da Notícia - *“Jovens foram à Assembleia e apresentaram as suas ideias”*.

Foi unânime e imediata a intervenção – *“oh, isso não tem interesse”*.

Após a manifestação do grupo, quando questionado sobre o interesse que teria a notícia que li, lancei uma manchete de notícia menos boa para perceber que reação teriam quanto ao tema da mesma - *“Marco morreu com um tiro quando contava o dinheiro arrecadado no queimódromo”*

José Pedro – *“Oh, isso aí a gente já olha mais né?”*

Adriana – *“Chama mais a atenção”*

José Pedro – *“Isso é uma situação que já dá pena, porque ele morreu e quando alguém morre é triste por isso queremos logo ver essas notícias.”*

O debate é dado por “encerrado” 5 minutos antes do toque para o intervalo (10:00) e enquanto vão arrumando as suas coisas vão comentando entre eles sobre o debate e sobre a “aula diferente”. As opiniões do grupo quanto a esta primeira sessão foram bastante satisfatórias.

#### **NOTAS DE CAMPO – 4**

**Quinta – Feira, 18 de abril de 2013**

**8:30 – 10:00**

##### **EQUIPA 2 – 1.ª SESSÃO**

Tal como o primeiro grupo, também este mal reparou nos jornais espalhados pela mesa tiveram logo a reação de começar a esfolhear as páginas. No entanto, com uma atitude ligeiramente diferente da do grupo anterior, pois se o primeiro grupo teve a intuição de começar a ler os títulos das notícias, este apenas se limitava a esfolhear as folhas dos jornais sem prestar atenção ao conteúdo.

A primeira impressão com que se ficou daquele grupo foi que era mais rebelde, mais inquieto, menos atento, com mais dificuldades, por parte de alguns elementos, em manterem a concentração. Ainda que de forma discreta evidenciou-se de forma quase automática quem “lideraria” aquele grupo – Catarina. Uma aluna bastante participativa, ativa, inquieta e que detinha grande influência sobre os restantes elementos, levando muitas das vezes à distração e a que o debate fosse conduzido para temas que em nada tinham a ver com o pretendido. No que toca à participação a Ana e Ana Rita foram as menos interventivas no debate. Por outro lado, e tendo presente o tema em debate, a Nádia e Valéria foram as que se revelaram mais conscientes e com uma participação mais ciente e responsável.

Após lhes explicar qual o motivo de estarem ali aqueles jornais e o que se pretendia deram logo início à procura de notícias que envolvessem jovens. Ao contrário do primeiro grupo, esta procura foi feita de uma forma menos ponderada e muito mais confusa pois estavam numa constante troca de impressões com os outros elementos do grupo.



Catarina – *“Olha aqui há uma notícia de um homem que morreu..então esta serve... se morreu tá fixe!”*

Valéria – *“ Tia salva menina apanhada pelo fogo” e “Antigo treinador nega abuso a 16 meninos”*

Rita – *“ Crianças esquecidas anos a fio”*

Ana – *“ Um exame melhor para alunos e professores”*

Catarina – *“ População caça homem que exhibia genitais na via pública”*

Nádia – *“Jovem ataca familiar de 82 anos”*

Catarina – *“Menina de 7 anos fatura 1 milhão de dólares”*

A Catarina foi alertada para o facto de a notícia por ela escolhida não ir ao encontro do que estamos a procurar – notícias de jovens. Prontamente se dispôs a procurar outra notícia. Verifiquei que, dada a sua euforia desde o início da sessão, não tomou atenção ao que se pretendia.

Verificou-se que alguns elementos do grupo não tiveram o cuidado de ao escolher a notícia tentar de forma rápida inteirar-se do contexto e do assunto tratado. No entanto, após o meu pedido em contextualizarem o título com a notícia revelaram imensas dificuldades em fazê-lo e não sabiam como o fazer.

Após estas breves intervenções das alunas, no seguimento de lerem os títulos das notícias escolhidas, lancei para debate a questão se elas enquanto jovens sentiam que “eram colocadas dentro do mesmo saco que outros jovens noticiados”

Uma vez que as respostas obtidas continuavam a não ir de encontro ao tema em debate, reformulei a pergunta utilizando como exemplo uma das notícias seleccionadas pelas alunas.

Lancei novamente a questão *“não sentem que as pessoas, com as notícias menos boas que vão surgindo sobre os jovens, assumem a juventude atual com mais desprezo e com mais dúvidas?”*

Catarina – *“Mas eles lá nos conhecem!?!?! É que nós não somos todos iguais. Só porque alguns aparecem nos jornais não quer dizer que isso também se passe com nós!!!”* (diz de forma indignada)

Não houve grandes desenvolvimentos sobre a questão lançada, pelo que voltei a referir o estudo realizado por Cristina Ponte quanto a este tema, bem como os resultados obtidos e tentei apelar mais uma vez ao sentido crítico e de opinião dos elementos do grupo.

O grupo manteve-se sempre bastante irrequieto e instável levando a que o debate não fluísse da melhor forma, sobretudo tendo em conta que naquela sessão se revelaram um grupo com grandes dificuldades de concentração.

Na tentativa de obter mais discussão, mais opiniões lancei a questão “ *e se o jornalista que escreveu qualquer uma dessas notícias estivesse aqui agora? O que lhe perguntariam?*”

Catarina – *“Porque é que vocês só escrevem coisas más? Era logo!”*

Nádia – *“Porque é que não escolheu outras coisas para falar?”*

Valéria – *“ Perguntava porque é que não escreviam mais notícias boas, isto para que as pessoas não pensem que isto anda aqui tudo a correr mal e que é só desgraças”*

Apesar das várias tentativas o grupo insistia na falta de atenção, na desconcentração e na distração. Ora pegavam e largavam os jornais e procuravam notícias que em nada tinham a ver com o tema, quanto não fosse para atrair a atenção dos restantes elementos do grupo. Por outro lado, entre a aluna Catarina e a Cátia estavam sempre a decorrer conversas paralelas que acabavam por gerar ruído na informação que eu tentava recolher dos restantes elementos do grupo.

Sempre na tentativa de atrair a atenção do grupo e incentivando ao debate, questionei o grupo se a atitude e o sentido crítico delas perante as notícias que viam na televisão sobre jovens tinha mudado desde o dia em que eu me apresentei na Escola para apresentar este projeto. Nenhum dos elementos respondeu à questão, sendo que a aluna Catarina foi a primeira a mais uma vez cortar a linha de pensamento dos restantes elementos do grupo, levando consequentemente a que o grupo se voltasse a dispersar.

Um dos assuntos que adveio desta dispersão foi o desaparecimento da Maddy que havia sido motivo de notícia no dia anterior num dos telejornais. Durante bastante tempo o grupo tomou partido desse tema e assumiram-no como foco de debate, designadamente, no que diz respeito à envolvência, ou não, dos pais no desaparecimento, quais os motivos que poderiam estar por detrás de um suposto rapto, etc.

Neste momento optei por deixar que o grupo debatesse o tema, muito em parte como forma de avaliar as opiniões e a noção de sentido crítico de cada elemento do grupo, bem como, se seriam capazes de manter um debate. Ou seja, deixei que fosse o próprio grupo a “decidir” o tema que

queriam debater, ainda que eu nunca o tenha referido, pois podia ser uma das formas de eu perceber se o tema que eu tinha lançado para o debate seria ou não interessante e motivador.

A determinada altura a Catarina e a Cátia, mais uma vez, cortaram a sequência do debate com um assunto que em nada tinha a ver com o tema que o próprio grupo “assumiu” como foco de debate e discussão. Provocaram de uma forma quase que instantânea o corte absoluto do debate, de tal forma que todos os elementos se calaram e não terminaram sequer aquilo que estavam a dizer sobre o assunto “Maddy”.

Mais uma vez tive de intervir, tentando de alguma forma redirecionar a atenção do grupo para o tema que se pretendia trabalhar. Lancei a questão *“o que estariam dispostas a mudar na Escola para que eles (alunos), enquanto os jovens, pudessem incentivar a comunidade escolar (alunos, professores, funcionárias) e a própria comunidade da Torreira a olhar para os jovens enquanto seres responsáveis e capazes de assumir algo e não como jovens irresponsáveis e sem vontade de mudar?”*

A Catarina foi das primeiras a intervir, no entanto, na mesma sequência em que estava intervir desde o início da sessão, ou seja, dava respostas pouco pensadas e pouco refletidas.

Por outro lado, a Valéria e a Nádia foram bastante claras nas respostas que deram e inclusivamente “levaram” para a mesa de debate um tema – Bullying.

Inicialmente não percebi qual a relação que tinha com a minha pergunta, no entanto, deixei que as alunas falassem e me tentassem fazer perceber onde queriam chegar. Não intervi, muito menos cortei a linha de pensamento ou tentei canalizar o debate para o “assunto chave” do debate, isto porque, para além de ambas se revelarem alunas muito atentas, dedicadas e participativas, percebi que havia algo que elas “precisavam” de contar – ambas foram vítimas de Bullying no 5.º e 6.º ano.

Esta revelação causou um enorme impacto no grupo e levou a que alguns elementos, na sequência da minha pergunta e na sequência do que aquelas duas alunas tinham acabado de contar, intervissem e tinham dado a opinião de debater este tipo de problemas no Jornal da Escola.

A este respeito – o Jornal da Escola – o grupo manifestou-se dizendo que era com o debates sobre problemas como este que o Jornal devia ser elaborado e não com notícias sobre *“prémios que uma professora, que nós nem conhecemos, ganhou não sei onde”* e com *“assuntos que não interessam pra nada e que ainda por cima somos obrigados a comprar o Jornal”*.

Decidi seguir a linha de pensamento do grupo e deixei que as opiniões e as ideias fluíssem. Começamos então a aprofundar a questão do Jornal da Escola, nomeadamente, quem o elabora, quando, que assuntos contém, se acham o jornal interessante e se o leem.

As respostas foram muito semelhantes e muito bem justificadas por algumas alunas.

Catarina - *“ O Jornal é feito pelas Sras. da Secretaria! Elas fazem e desfazem e escolhem o que querem lá meter!! Depois dizem que o Jornal é da Escola... não... o jornal é delas!”*

Valéria - *“ Acho que elas têm demasiado poder sobre o jornal. Os assuntos que lá aparecem são assuntos que elas nem querem saber se têm interesse ou não para nós. Ainda ninguém nos perguntou se gostávamos do jornal assim, o que devia mudar.”*

Rita - *“Há sempre alguns trabalhos da crianças da Pré (Pré – Escola), depois lá vem uma notícia ou outra sobre os alunos muito bons e não sei quê...”*

Catarina - *“E pagamos 1€ por isto! É que somos obrigados a comprá-lo! Quando nem sequer estamos lá!”*

Questionei o que mudariam e se achavam que conseguiam assegurar e responsabilizarem-se pela elaboração de 1 página do jornal, onde escolheriam o tema sobre o qual queriam falar e teriam que fazer um trabalho de investigação e trabalhos de grupo para poderem tratar de tudo até o jornal ser publicado.

As respostas sobre as mudanças não foram muito diferentes às que haviam dado anteriormente, já no que diz respeito ao assumir a responsabilidade por 1 página do jornal foram muito reticentes e inclusivamente não aprofundaram muito essa situação. Perante esta atitude, presumi que já tivesse havido alguma tentativa mal sucedida.

Nesta sessão não consegui explorar mais a questão, dado que o toque para o intervalo interrompeu o debate e automaticamente o grupo começou a dispersar-se.

## NOTAS DE CAMPO – 5

Quinta – Feira, 2 de maio de 2013

8:30 – 10:00

### EQUIPA 3 – 1.<sup>a</sup> SESSÃO

A chegada à Escola hoje coincidiu, por mero acaso, com a chegada de grande parte da turma. As primeiras reações foram de vir ter comigo e perguntarem se podiam vir assistir à aula, se podiam trocar com a outra equipa.

Segui rapidamente para a sala de professores para ir buscar a chave da sala para poder preparar as coisas antes da equipa chegar à sala.

À semelhança das reações das equipas que já tinham passado por esta primeira sessão de debate, também a terceira equipa de investigação revelou perplexidade no “aparato” dos jornais espalhados pelas mesas.

De igual forma, as primeiras reações foram de folhear os jornais mesmo não sabendo o que procuravam e mesmo não tomando atenção às notícias que apresentavam maior destaque.

Tal como nas sessões anteriores, expliquei aos alunos em que se baseava esta atividade e prontamente, sem grandes rodeios ou questões, iniciaram a busca desafogada por “notícias em que os jovens estivessem de alguma forma envolvidos”.

Carolina – *“Olha esta... Adolescente de 12 anos apunhalou irmã até à morte.”*

Andreia – *“Ai, tadinha!”* (com algum constrangimento)

Andreia – *“Stôra, o meu jornal parece que não tem... pelo menos que eu tenha visto...”*

Começam a surgir as conversas paralelas quando no decorrer da procura das notícias alguns alunos se deparam com o “Futebol”. Em poucos segundos a turma começa a dispersar-se completamente, levando a que a minha intervenção para redirecionar o assunto em debate, ao contrário do que tinha acontecido nas sessões das equipas anteriores, fosse mais precoce.

A retoma na procura foi imediata mas muito pouco sensata e respeitando as condições que haviam sido definidas inicialmente – “Jovens nas notícias”, levando a que alguns alunos comesçassem a ler notícias que não iam de encontro ao pretendido.

Bruno – *“Aqui diz «20% das crianças veem mal» isto é capaz de ser”*

Os colegas rapidamente se manifestaram dando os seus pareceres quanto à escolha da notícia, no entanto, mais uma vez a dispersão foi inevitável pois começaram a surgir conversas paralelas que em nada se enquadravam à sessão.

Alertei mais uma vez para que retomassem a procura por forma a podermos seguir com o debate o mais breve possível para que todos pudessemos aproveitar o tempo que nos tinha sido generosamente concedido.

Ao fim de uns minutos todos tomaram a atenção necessária para que se pudesse começar com a leitura das manchetes que entediavam ir de encontro ao que tinha sido pedido.

Inês – *“Alunos do clube de poesia lançam novo livro de poemas”*

Eliano – *“Bebé de 12 meses que sofreu acidente continua internado no hospital com prognóstico reservado derivado a eventuais danos cerebrais.”*

Andreia e João – *“Mas isso é de uma criança...”*

Eliano – *“Deixa ver se aqui para a frente diz alguma coisa...”*

Soraia – *“Rapariga de 18 anos sofreu ferimentos graves no passado Domingo depois de cair à linha do apeadeiro.”*

Eliano – *“Linha do quê??”*

Apesar de apenas o Eliano se pronunciar foi evidente que também outros elementos da equipa se depararam pela primeira vez com a palavra “Apeadeiro”, sendo que outros apenas necessitavam de ter a certeza de que tinham a ideia certa do que poderia ser.

João – *“Estudantes afogam mágoas no cortejo do Enterro da Gata – Braga”*

A equipa era composta por 9 elementos, no entanto, nem todos se empenharam de forma a pelo menos conseguirem lançar uma manchete para o debate. Assim, e dado que comecei a verificar que a equipa não estava motivada o suficiente, decidi interromper a fase de “procura” de notícias passando ao início do debate com a questão “Ainda se lembram qual era o tema do meu projeto quando eu vim falar com vocês no primeiro dia?”

Dadas as respostas obtidas, ainda que muito vagas, lancei a questão se alguma vez se tinham interessado em olhar para os jornais, e para as notícias que surgiam sobre jovens, desta forma que estávamos a fazer naquele momento.

Na tentativa de captar de novo a atenção do grupo lancei a questão *“Vocês já alguma vez sentiram que eram colocados quase que «no mesmo saco» que outros jovens que são noticiados pelos piores motivos?”*

Surge um breve momento de silêncio.

Senti alguma reserva do grupo, pelo que prontamente intervi – *“Como acham que poderiam mudar isso?”*

Eliano – *“olhe podíamos... Mas também é só porque nós aqui da Torreira estamos sozinhos, porque se calhar se fossem as escolas todas juntas já não sentia muito isso. Aqui os outros falam de nós... mas se fôssemos todos unidos... se calhar já não era assim...”*

No seguimento da resposta do Eliano, também os outros colegas se pronunciaram quanto a esta questão. Por forma a alimentar o debate, tendo por base a pergunta, que mais parecia afirmação, do Eliano lancei a ideia que uma das outras equipas tinha proposto na sessão – maior colaboração no Jornal da Escola.

A este respeito todo o grupo se lançou em respostas e em comentários. Rapidamente percebi que o “Jornal da Escola” era também nesta equipa um assunto que levantava algumas controvérsias.

Ainda que em conversas com os colegas do lado, todo o grupo se manifestou de alguma forma quanto a esta situação. No entanto, lancei imediatamente uma questão, no sentido de perceber o que estariam dispostos a fazer para mudar, eventualmente, essa situação de não colaboração na composição do jornal.

A primeira resposta foi o silêncio e os olhares entre uns e outros na esperança de conseguirem encontrar alguma resposta “mais correta”.

Atenta ao momento, entendi oportuno lembrar que não estava à procura da “resposta mais correta” ou da “melhor resposta” . Todas as respostas seriam válidas, todas as respostas seriam ouvidas e se necessário, seriam trabalhadas por forma a irem de encontro ao que eles pretendiam fazer mas que não estavam a conseguir explicar.

Bruno – *“Olhe stôra... isso tinha que se ver e falar e todos juntos ver o que podia ser feito. Mas que não é assim tão fácil e bonito como a stôra pensa não é...”*

Surge o toque para o intervalo. Toda a atenção passou como que instantaneamente para o arrumar das malas e no fechar dos jornais. Deu-se por terminada a sessão, com tempo para me despedir.

## **NOTAS DE CAMPO – 6**

**Quinta – Feira, 9 de maio de 2013**

**8:30 – 10:00**

### **EQUIPA 1 – 2.ª SESSÃO**

Quando me estava a aproximar da portaria já via ao longe uma parte da turma reunida, junto da porta que dá acesso ao pavilhão central, como quem está a aguardar a chegada de todos para então depois seguirem para a aula.

Ao chegar junto do grupo todos falaram e a começaram a perguntar qual era a equipa que ia estar comigo e o que é que se ia fazer. Por forma a manter o suspense quanto à atividade, disse que seria “surpresa” e que não podiam fazer batota de depois virem contar às outras equipas.

Geraram-se risos e comentários engraçados em torno da minha resposta e ao facto de eu ter dito para não fazerem “batota”.

Dado que o toque para entrar estava quase a surgir, abandonei o grupo e segui para a sala para poder preparar tudo para que quando a equipa 1 chegasse estar tudo preparado para não se perder muito tempo.

A segunda etapa nas sessões de *focus group* consistia em fazer passar vários momentos na exibição de notícias dos vários telejornais da televisão portuguesa (RTP, SIC, TVI); assim a preparação da sala foi apenas baixar a tela de apresentação, juntar umas mesas e baixar os estores para que a claridade não interferi-se na visualização dos vídeos.

A equipa 1 ao entrar na sala verificou de imediato que aquela que seria a sua 2.ª sessão de focus group seria diferente da primeira. Primeiro repararam que a sala se encontrava mais escura e a tela e o datashow estavam ligados. Começaram a surgir os primeiros comentários face ao cenário que encontraram na sala de aula.

Dei início à explicação de como iria decorrer aquela sessão:

1. Iria apresentar vários vídeos que diziam respeito a telejornais e aos jornalistas a apresentarem algumas notícias;
2. Os vídeos eram de curta duração, pelo que iriam ser apresentados de forma seguida e sem interrupções, a não ser que surgisse alguma dúvida que quisessem colocar no imediato;
3. Deveriam tomar nota de alguma situação que lhes chamasse a atenção para posteriormente discutir em conjunto.



Todos perceberam o que se pretendia nesta primeira fase e o burburinho de fundo que se ia sentindo desde a entrada na sala de aula deu lugar ao silêncio e à concentração logo que dei início à apresentação dos vídeos.

No decorrer da apresentação dos vários vídeos, que no seu total não perfaziam mais que 10 minutos, todos se mantiveram atentos e não levantaram qualquer tipo de questão.

O último vídeo apresentado dava conta de um jornalista a apresentar uma notícia dizendo: “Esta é a notícia da noite: um jovem foi morto no bairro da Belavista em Setúbal, depois de uma perseguição policial.” Neste vídeo, fiz questão de repetir 3 vezes a parte inicial do mesmo, que dizia respeito à frase com que o jornalista deu início à apresentação da notícia.

Depois de terem sido apresentados todos os vídeos questionei a equipa quais as ideias principais que tinham retido daquele conjunto de pequenos trechos de vários telejornais e se tinham reparado em alguma coisa diferente ou que lhes tivesse chamado a atenção em algum dos vídeos apresentados e o quê.

Atenta aos momentos de silêncio e às respostas inseguras dos alunos, completei a resposta deles lançando ao mesmo tempo para discussão a questão do *“enfoque que o jornalista deu à notícia dizendo que aquela era a notícia da noite. Isso quer dizer que não houve mais notícias naquela dia?”*

O grupo respondeu que não, no entanto, o João Pedro foi mais longe na resposta e justificou a atitude do jornalista: *“Ele quis dizer que aquela era a melhor notícia da noite... mas houve mais.”*

Os colegas acabaram por concordar com o José Pedro até ao Henrique ter manifestado a sua opinião:

Henrique – *“Eu acho que ele quis dizer que aquela que ia ser a mais falada.”*

Com a intervenção do Henrique os colegas acabaram por deixar de ter “tanta certeza” que a resposta do José Pedro teria sido a mais correta.

Dado que ficaram todos um pouco confusos, decidi voltar a lançar o vídeo para verem mais uma vez e poderem interpretar qual dos dois colegas estaria mais perto daquela que seria a intenção do jornalista ao iniciar a notícia daquela forma.

Arménio: *“Pois... agora vendo outra vez a mim parece aquilo que o Henrique disse...”*

No seguimento desta questão, o José Pedro fez questão de partilhar com o grupo que no decorrer dessa semana prestou mais atenção às notícias que passavam nos telejornais. Referiu que não se apercebeu nem de “notícias boas” nem de “notícias más”. Dada a intervenção, lancei a pergunta se só porque não se ouviram “notícias boas” sobre os jovens, durante a semana que o José Pedro referiu ter tido mais atenção, se isso quer dizer que não houve “coisas boas” que algum jovem tenha feito.

A equipa não se revelou muito interventiva, ao contrário do que havia acontecido na primeira sessão. Começou a tornar-se cada vez mais evidente que o grupo não se estava a sentir muito à vontade com aquela sessão.

Apesar do meu esforço e das minhas intervenções no sentido de apelar à conversa e ao debater outras questões, o grupo acabou por não se manifestar muito mais.

Dada a situação, e por forma a não perder por completo o rumo da sessão, optei por transpor um pouco do que haviam dito sobre os vídeos que viram para a realidade deles na Escola. Lancei a questão *“Sentem que aqui na Escola isso acontece também? Que quando fazem algo bom não tem tanta atenção da Escola como se fizessem algo de mau?”*

Apesar de grande parte da equipa não verbalizar o que estava a pensar, o João Pedro, ainda que entre dentes, respondeu: *“Às vezes até parece que sim...”*.

Atendendo à falta de respostas e ao silêncio sentido, entendi que devia de ter uma conversa séria com o grupo no sentido de perceber se ainda queriam fazer parte do projeto, se havia alguma coisa que os estivesse a deixar pouco confortáveis...

A resposta foi unânime e bastante convicta: *“Queremos pois!”*

No entanto, era importante transmitir à equipa que eles têm que fazer melhor do que lançar ideias para o ar simplesmente “porque sim”, era necessário pensarem em algo concreto, algo que eles soubessem que seriam capazes de cumprir do princípio ao fim. Mais importante do que virem a fazer algo, era fazerem-no bem feito e com toda a dedicação e empenho. Não teria que ser algo muito elaborado nem muito complexo só para impressionar, tem que ser algo realista, possível de ser realizado e que possa contar com a participação das três equipas.

José Pedro: *“Já tínhamos falado em fazer o jornal da Escola, stôra.”*

À resposta do José Pedro, lancei a questão: *“Sentem-se devidamente preparados para assumirem a função de tratar do Jornal da Escola?”*

Mais uma vez o silêncio e a troca de olhares serviu de resposta à minha questão. Assim, reformulei a pergunta na tentativa de conseguir uma resposta mais clara. *“Entre ficarem responsáveis pelo jornal da Escola e ficarem responsáveis pela elaboração de uma página inteira do jornal da Escola, o que vos parece mais viável?”*

Unânime: *“Uma página.”*

Apesar da rapidez na resposta, a Adriana logo a seguir com um ar de preocupação e, a meu ver, ciente que o trabalho com o Jornal da Escola não seria tão simples quanto estariam a supor, referiu que talvez devessem abandonar a ideia de trabalhar no Jornal e fazer antes uns panfletos que iriam distribuir pela Escola. No entanto, os colegas não concordaram com a alternativa da Adriana, insistindo na colaboração com a Secretaria na elaboração do Jornal.

O silêncio voltou a instalar-se na sessão. Era cada vez mais evidente o cansaço e preguiça matinal que envolvia a equipa.

José Pedro: *“Ai, stôra... isto hoje está difícil.”* (diz esfregando a cara e os olhos como se tivesse acabado de sair da cama)

Surge o toque para o intervalo e toda aquela preguiça parece que de súbito desapareceu, pouco mais consegui dizer para além de alertar para que pensassem no que pretendiam fazer como culminar do projeto.

## **NOTAS DE CAMPO – 7**

**Quinta – Feira, 16 de maio de 2013**

**8:30 – 10:00**

### **EQUIPA 2 – 2.ª SESSÃO**

Ao contrário do que tinha acontecido com a primeira equipa, a minha entrada na sala de aula foi em conjunto com o grupo, pelo que, não foi possível organizar a sala previamente por forma a “surpreender” o grupo.

Assim, contei com a ajuda do grupo para fechar as janelas para que a luminosidade vinda do exterior não condicionasse a visualização dos vídeos; dispuseram as mesas de forma a ficarem todos de frente para a tela do projetor.

A determinada altura estava a ter alguns problemas em ligar o meu computador, pelo que e de forma a não atrasar demais a sessão, a Valéria e a Nádia, a meu pedido, foram solicitar um

computador da escola ao gabinete de requisições de material. Depois de terem chegado com o computador, tudo correu dentro da normalidade e em pouco tempo foi possível dar início à sessão.

Tal como havia feito com a equipa anterior, procedi à explicação de como iria decorrer a sessão:

1. Iria apresentar vários vídeos que diziam respeito a telejornais e aos jornalistas a apresentarem algumas notícias;
2. Os vídeos eram de curta duração, pelo que iriam ser apresentados de forma seguida e sem interrupções, a não ser que surgisse alguma dúvida que quisessem colocar no imediato;
3. Deveriam tomar nota de alguma situação que lhes chamasse a atenção para posteriormente discutir tudo em conjunto.

A equipa recebeu todas as indicações e não houve qualquer questão. No entanto, depois de terem dado conta que não havia dúvidas quanto ao que era para fazer, a Catarina, a Nicole e a Cátia rapidamente se envolveram numa conversa cujo assunto nada tinha a ver com o que se estava a tratar e levaram à dispersão geral do grupo.

Sem qualquer aviso prévio, dei início ao vídeo com o volume num nível que pudesse captar a atenção do grupo sem que fosse necessária a minha intervenção para pedir silêncio.

A apresentação dos vídeos não sofreu interrupções de maior que não alguns comentários entre os elementos do grupo sobre a notícia que estavam a ouvir.

Tal como tinha feito com a equipa 1, aquando do último vídeo, repeti fiz por repetir duas vezes o trecho do vídeo em que o jornalista anunciava: *“Esta é a notícia da noite: um jovem foi morto no bairro da Belavista em Setúbal, depois de uma perseguição policial.”*

Depois de terminada a apresentação dos vídeos, foi inevitável o surgir das conversas entre os elementos, ainda que em nada tivessem a ver com o tema. A Catarina, a Cátia e a Nicole eram as vozes que mais se evidenciavam, de tal forma que apesar das restantes colegas também estarem a conversar, era quase impossível ouvi-las.

Por forma a impedir que auquele momento de dispersão se agravasse, iniciei de imediato o debate questionando sobre quais as primeiras impressões que retiraram das reportagens que mostrei. Todos os elementos da equipa concordaram com o facto das reportagens serem de notícias sobre jovens, no entanto, algumas alunas foram mais longe fazendo distinção entre “notícias boas” e notícias más”, dando especial atenção a uma notícia que dava conta da morte de um jovem num tiroteio.

Dada a especial atenção dada a esta reportagem, intervi, contrapondo uma “notícia boa”. As reações foram imediatas “(...) *as notícias tristes e de mortes e coisas assim são as que a gente fica logo com mais atenção.*”

Por forma a promover o debate, fui lançando várias questões sobre o tipo de notícias que lhes chamaria mais atenção e porquê, inclusivamente dei um exemplo que serviu de mote para outra questão – porque são as notícias más mais atrativas do que as boas?

*Se eu dissesse que tinha uma notícia para vos dar, vocês preferiam uma boa ou uma má notícia?*  
Unânime – “Boa!”

*Acabaram de me dizer que as notícias más vos chamam mais a atenção!*

Catarina – “Oh! As que aparecem na televisão sim!”

*Então e entre uma morte de um jovem num tiroteio e um grupo de jovens que retomou alguns ofícios antigos aplicando novas técnicas e que estão a ter muito sucesso, qual é a mais fixe?*

Valéria – “Não sei se se pode dizer que é mais «fixe». A que é melhor e que está a passar uma melhor imagem dos jovens é essa dos trabalhos antigos, a outra notícia é má. É uma morte. É uma perda. Mas nos telejornais são as que fazem com que as pessoas tenham mais atenção.”

Depois de debater esta questão, era altura de retomar a análise às reportagens. Perguntei se tinha havido alguma atitude, alguma coisa na forma como os “vários” jornalistas apresentaram as notícias que lhes tivesse despertado a atenção.

Trocaram-se olhares como que em busca de respostas, no entanto, a posição de que nada se tinha destacado mantinha-se.

Assim, foi necessário retomar ao último vídeo: uma vez sem repetição da primeira frase do jornalista e na segunda vez já repetindo - “Esta é a notícia da noite: um jovem foi morto no bairro da Belavista em Setúbal, depois de uma perseguição policial.”

Após alguma renitência e troca de apiniões, os elementos da equipa chegaram à conclusão que o que se destacava no vídeo era o facto do jornalista referir que aquela era a “notícia da noite”. Posto isto, lancei para debate o porquê do jornalista ter referido “esta é a notícia da noite”.

Foram várias as opiniões que apresentaram, sendo que umas deram azo a alguma discussão e controvérsia, no entanto, as várias opiniões foram convergindo dando lugar à consonância - aquilo que o jornalista disse e a forma como disse foi para cativar a atenção das pessoas para ouvir a notícia.

Poucos minutos depois a sessão de debate é interrompida pelo toque de saída. Antes da equipa sair, alertei para que começassem a pensar no que podíamos fazer para passar o projeto a algo prático/concreto.

## **NOTAS DE CAMPO – 8**

**Quinta – Feira, 23 de maio de 2013**

**8:30 – 10:00**

**EQUIPA 3 – 2.<sup>a</sup> SESSÃO<sup>26</sup>** (sem transcrições)

Hoje cheguei um pouco mais cedo para tentar organizar a sala por forma a quando os alunos chegassem já estivesse tudo pronto.

Deu o toque de entrada e reparei que ainda não tinha entrado ninguém. Ao abrir a porta da sala, a equipa com que ia trabalhar já estava a aguardar a minha chegada, desconhecendo que cheguei mais cedo e que já estava a tratar de tudo para a sessão.

Estavam todos muito agitados e enquanto “escolhiam” os lugares onde se queriam sentar tentavam adivinhar o que ia acontecer nesta sessão.

Depois de aguardar uns minutos até que todos se acalmassem, expliquei como iria decorrer a sessão:

1. Iria apresentar vários vídeos que diziam respeito a telejornais e aos jornalistas a apresentarem algumas notícias;
  2. Os vídeos eram de curta duração, pelo que iriam ser apresentados de forma seguida e sem interrupções, a não ser que surgisse alguma dúvida que quisessem colocar no imediato;
- Após alguma inquietação inicial, dei início à visualização do conjunto vídeos

## **NOTAS DE CAMPO – 9**

**Quinta – Feira, 6 de junho de 2013 (penúltima semana de aulas)**

**8:30 – 9:30**

**EQUIPA 1, 2 e 3 – 3.<sup>a</sup> SESSÃO**

**Procurando um rumo para o projeto**

---

<sup>26</sup> Sobre esta sessão não estão disponíveis transcrições. Dado um imprevisto com as gravações de vídeo, apenas foi possível proceder a uma breve reconstituição desta sessão, pelo que, não foi possível expor detalhadamente o decorrer e a caracterização da aula.

Hoje quando cheguei à escola, enquanto me dirigia para a sala dos professores, fui abordada por meia dúzia de alunos que estavam ansiosos por saber quanto tempo iria durar a “aula” comigo; ao que parece a aula seguinte seria a derradeira para muitos e as notas não abonavam a favor.

Depois de perceberem que não iriam ser “salvos”, começaram as primeiras perguntas para tentar saber o que é que íamos fazer nesta sessão, uma vez que seria diferente das outras porque era com a turma toda.

Aguardei que chegássemos à sala para esclarecer todas as dúvidas pois nem toda a turma estava presente.

Mais uma vez demorou algum tempo até que toda aquela agitação matinal se dissipasse, tendo como agravante que hoje estava a lidar com as três equipas em simultâneo.

Como não lhes tinha dito que a sessão ia contar com a presença do Diretor da Escola e Diretor de turma, achei que quanto mais cedo anunciasse essa situação mais cedo alcançaríamos o sossego. Assim aconteceu, depois de lhes ter dado essa informação rapidamente retomaram os lugares habituais e o barulho e toda aquela confusão diminuiu consideravelmente.

Entra o Professor Manuel Arcêncio que, tal como sempre fez e faz diariamente com os alunos e com toda a comunidade escolar, deu os “bons dias” de forma sempre muito divertida e muitas vezes recorrendo à ironia e a algumas brincadeiras. *“Ouvi dizer que há aqui meia dúzia que se está a pôr a jeito para cumprir umas horitas de trabalho comunitário. Há voluntários?”*

Os risos e as respostas à proposta foram quase que instantâneos. No entanto, da mesma forma que alinharam na “brincadeira”, assim que o professor se sentou junto de mim (na secretária reservada ao professor) e pediu silêncio, a calma regressou à sala de aula.

Dei início à sessão, começando por explicar o motivo do professor Manuel estar presente e o que se pretendia com a sessão de hoje. Logo que terminei de dizer que a sessão seria para decidir o que iríamos fazer como resultado deste projeto, começaram a surgir as primeiras intervenções, ainda que muitas delas infundadas e sem conhecimento de causa do que ia ser discutido.

De uma forma muito sucinta, fiz, em retrospectiva, um resumo, em jeito de análise, às sessões realizadas com as três equipas. Expliquei qual era o meu objetivo inicial com o projeto mas que, dados os desenvolvimentos das sessões, não seria possível cumprir aquilo a que eu me tinha proposto. Assim, senti que o mais justo seria (re)definirmos em conjunto quer o projeto quer os objetivos que pretendíamos alcançar – tendo como diretrizes a questão de promover e levar a uma mudança social, quer fosse na comunidade escolar, quer fosse na comunidade em geral.

O professor Manuel Arcêncio também se pronunciou, tentando de alguma forma simplificar tudo aquilo que eu tinha acabado de dizer. *“O que pretendem fazer com este projeto e como? Mas não*

*inventem! Algo exequível! Algo que vocês saibam que é possível de fazer e que vocês se responsabilizem por tal!”*

Rapidamente surgiram as primeiras manifestações, ainda que não cumprissem os pré- requisitos que o professor Manuel tinha acabado de expor.

*“ Convidar a Liliane Marise para vir dar uma entrevista cá à escola (...)”*

*“ Podíamos convidar assim alguém famoso da televisão para vir cá. Depois fazíamos uma notícia sobre isso e ia para o Jornal da Escola”*

*“ Tipo o Ronaldo, assim uma coisa mesmo em grande (...)”*

A turma estava completamente dispersa e percebi rapidamente que naquela sessão não íamos conseguir definir qualquer rumo para o projeto. Não estavam mínimamente atentos ao que lhes estava a tentar dizer; não se estavam a esforçar por tentarmos alcançar uma decisão conjunta.

Talvez muito se deva ao facto de o 3.º período estar a terminar (faltava quase uma semana) e de estarem na semana em que os resultados iriam decidir quem passava e quem ficava retido, todas as especulações que iam surgindo no decorrer da aula; levaram-me a decidir, em conjunto com o Prof. Manuel Arcêncio, que o ideal seria aguardar pelo início do próximo ano letivo.

Decidi então despedir-me e apelar a que no início do novo ano letivo trouxessem energias suficientes para retormarmos o projeto em força.

## **NOTAS DE CAMPO – 10**

**Quinta – Feira, 12 de setembro de 2013**

**8:30**

**Reunião com o Diretor – Dr. Manuel Arcêncio**

Tal como tinha ficado definido através de contacto telefónico, hoje fui à Escola da Torreira para me reunir com o Dr. Manuel Arcêncio para definir-mos a retoma do projeto, que tinha ficado em suspenso dadas as férias de verão.

Dado que o Professor Manuel tinha uma outra reunião agendada para as 9:00h, a nossa conversa teve que ser muito rápida e objetiva.

Fui informada que alguns elementos da turma tinham ficado retidos no 8.º ano e que outros ingressaram no 9.º ano mas foram reencaminhados para Escolas Profissionais, nomeadamente



EPA e EFTA, em Aveiro. No entanto, iria trabalhar com alunos novos que ficaram retidos no 9.º ano, pelo que a turma do 9.º A ficaria agora com 20 alunos, sendo que 4 deles eram repetentes e aos quais teria que explicar desde o início o meu envolvimento com os colegas.

No decorrer do período de férias surgiram também algumas alterações no que diz respeito ao diretor de turma. Uma vez que o Dr. Manuel Arcêncio foi eleito diretor do novo Agrupamento de escolas (resultado das novas alterações propostas pelo Governo), a sua disponibilidade para continuar a ser diretor de turma e/ou docente era muito limitativa, levando a que essas funções fossem delegadas por outro docente – Professor José Manuel, docente da disciplina de Português.

Assim, dirigimo-nos à sala de professores para que fossem feitas as devidas apresentações, quer pessoais, quer do projeto.

O professor José Manuel disponibilizou-se imediatamente a apoiar e a colaborar em tudo o que fosse necessário, nomeadamente na cedência de aulas de OT de Português, para a concretização do projeto que já havia sido iniciado com a turma no ano letivo anterior.

Foi-me entregue o horário da turma e definimos qual o dia mais oportuno para que eu retomasse o contacto com a turma, quer com os alunos que já faziam parte do projeto, quer com os novos elementos.

Agendamos a intervenção com a turma para dia 18 de setembro às 8:30, no horário da aula de Português.

## **NOTAS DE CAMPO – 11**

**Quarta – Feira, 18 de setembro de 2013**

**8:45 - 10:00**

**Conversa com a turma sobre a retoma e definição do rumo do projeto e preenchimento de “Perfil de Facebook”**

Devido a um pequeno atraso da minha parte, quando cheguei à Escola já o toque de entrada tinha soado e até nos corredores se sentia a ausência dos alunos menos pontuais.

Dirigi-me à Sala 17 para poder falar com a turma e à medida que me aproximava da sala melhor conseguia ouvir o barulho das conversas cruzadas de quem vai tentando “ganhar vontade” de começar mais um dia de aulas. No entanto, quando bati à porta todo aquele alvoroço se dissipou e deu lugar à pergunta mais evidente nestes momentos: “quem é?”

Abri então a porta e o ar de surpresa vindo daquelas caras foi de facto revigorante! Os que já me conheciam imediatamente começaram a lançar perguntas “como está?”, “vamos voltar ao projeto?”, “não vamos ter aula hoje?”. Os alunos que ainda não me conheciam, depois de verem a intervenção dos colegas, rapidamente se juntaram ao rol de perguntas.

Depois dos breves minutos de inquietude e de exaltação com a minha chegada, cumprimentei a turma, dando as boas vindas aos novos elementos e saudando aqueles que já conhecia.

Atendendo ao atraso e ao facto de estarem na aula de Português, que não tinha sido cedida em pleno mas sim o tempo necessário para informar a turma do propósito e do retomar do projeto, tentei ser o mais sucinta possível.

Os alunos que já estavam envolvidos anteriormente no projeto ficaram animados por saber que afinal tudo aquilo estava a ser levado a sério, os que tinham integrado a turma foram devidamente informados de tudo o envolvia a projeto e foram, evidentemente, convidados a participar. As respostas foram as esperadas e depois de confirmarem as suas pretensões em integrar o projeto de investigação, foi necessário reorganizar as equipas, uma vez que alguns elementos já não se encontravam na turma.

Concretizada a reorganização dos grupos de trabalho, solicitei a toda a turma o preenchimento de uma ficha, em formato de perfil de facebook, cujo objetivo era obter algumas informações necessárias para poder elaborar o capítulo referente à caracterização sócio-demográfica.

Mais uma vez entramos num momento de riso, alvoroço, conversas paralelas, levando a que em poucos minutos a atenção da turma se dissipasse por completo. Assim, impus um limite de tempo de 10 minutos para o preenchimento da ficha de dados.

Apesar de inicialmente não terem levado a sério a minha imposição de tempo, rapidamente mudaram de opinião quando eu anunciei que já só tinham 5 minutos para terminar.

Passados os 5 minutos e, dado que enquanto preenchiam eu os ia acompanhando, comecei a recolher as fichas organizando-as pela ordem com que estão no livro de ponto.

Outra situação que era preciso resolver era que rumo iríamos dar ao projeto, uma vez que, da última vez que tínhamos conversado, tudo ficou em suspenso e pouco ou nada definido.

Para que os novos elementos da turma tivessem conhecimento do que já tinha sido desenvolvido, expliquei em que consistia o projeto e nas sessões que fiz com os outros colegas e apresentei algumas ideias-chave que foram surgindo e que se verificaram comuns nos debates das três equipas:

- Sentimento de falta de reconhecimento pela Escola, pela comunidade escolar e pela comunidade em geral;

- Falta de confiança nas capacidades da turma para assumir determinadas responsabilidades, como colaborar na elaboração do Jornal da Escola;
- Depreciação em relação a outras escolas e aos seus alunos, designadamente, Escola da Murtosa.

Foram lançadas algumas ideias e propostas que consistiam em entrevistar uma pessoa, da Torreira ou outra pessoa que todos escolhem, e entrevistar e colocar a entrevista no Jornal da Escola, dizendo que foi um trabalho elaborado pela turma do 9.ºA.

No seguimento destas ideias, lancei o desafio de realizarmos algo um pouco mais elaborado e com uma dimensão muito mais abrangente que fosse para além da Escola. Todos concordaram e se sentiram entusiasmados com a ideia as questões que se seguiram foram *“do que vamos falar”, “como vamos fazer” e “quem vamos entrevistar”*.

Inevitavelmente começaram a surgir propostas que, umas não podiam ser concretizadas de forma fácil e dentro dos parâmetros que eles estavam a apresentar, outras que estavam para além daquilo que se entende exequível.

O professor Manuel intercedeu, tentando chamar a turma à razão e apelando mais uma vez ao bom senso.

Quando menos se esperava, o José Pedro entrevistou de uma forma surpreendente:

*“ Tem que ser alguém que a gente ache importante e que a gente admire, né?”  
“ Pode ser aqui da Torreira, não pode?”*

*“ (...) a fazer uma coisa destas podia ser assim... sobre a Torreira mesmo! A Torreira é tão bonita tem coisas tão lindas que muita gente nem sabe. Só vem para a praia e para a noite e pouco mais.”*

*“ Eu admiro muito o meu avô! E é uma pessoa importante aqui na Torreira, é o único mestre naval que há e conhece os barcos como ninguém e a Torreira e a Ria... Pronto, quer melhor?! (...) vocês e essa a mania de que só essa gente é importante (...)”*

Depois da intervenção do José Pedro todos nós ficamos em silêncio. Dada a convicção com que se manifestou, limitei-me a responder-lhe que *“Sim, pode ser tudo isso que disseste”*.

Perante a minha resposta os colegas da turma começaram a pronunciar-se positivamente quanto à possibilidade de fazer um trabalho sobre a Torreira e entrevistando o avô do José Pedro o Sr. José Rito.

Consequentemente levantou-se a questão *“falar do quê na Torreira?”*, no entanto, as respostas surgiram quase que automaticamente e em uníssono – *“S. Paio!”*

Depois de uns momentos de discussão, todos concordaram que o ideal seria fazer um trabalho sobre a Torreira e sobre a importância que o S. Paio trouxe para a localidade e que era interessante entrevistar pessoas mais velhas, uma vez que conheciam o S. Paio de antigamente e o de agora.

A ideia pareceu-me desde logo interessante, sobretudo tendo em conta as propostas que tinham sido lançadas uns minutos antes, no entanto, precisava de ser trabalhada e organizada por forma a dar algum destaque a este trabalho.

No entanto, senti que ainda podíamos fazer mais qualquer coisa por forma a diferenciar esta reportagem de tantas outras que surgem sobre o S. Paio. Propus que, uma vez que eles queriam entrevistar várias pessoas, entrevistássemos uma pessoa de cada área: restauração; padaria; bar; igreja; jovens.

As reações à proposta foram imediatas e muito positivas. Todos concordaram com os objetivos apresentados para a realização do trabalho e rapidamente começaram a surgir ideias sobre quem poderiam ir entrevistar.

O fim da aula estava a aproximar-se e apenas houve tempo para definirmos, ainda que por alto, a ordem de trabalhos da próxima sessão: elaborar guiões para as entrevistas e definir quais as pessoas a entrevistar.

Uma vez que tinha todos os elementos da turma presentes, aproveitei para entregar um pedido de autorização<sup>27</sup> para os encarregados de educação, dando conta da minha pretensão em utilizar o primeiro nome do seu educando ao longo da dissertação.

Estando todas estas situações esclarecidas, passei a palavra ao professor José Manuel para que pudesse então retomar a aula de Português.

## **NOTAS DE CAMPO – 12**

**Quarta – Feira, 25 de setembro de 2013**

**8:30 - 10:00**

### **Elaboração dos guiões para as entrevistas**

Hoje quando cheguei à sala já a turma estava a aguardar por mim à porta. Estavam muito ansiosos e numa inquietação que me deixou preocupada. Hoje ia trabalhar com a turma inteira e só teríamos aquela sessão para poder elaborar os guiões para as entrevistas.

A turma demorou algum tempo até se organizar, todos conversam, todos falavam cada vez mais alto para que se pudessem ouvir no meio de outras conversas que surgiam. Apesar das minhas tentativas iniciais para que se acalmassem o mais rápido possível para que começássemos a trabalhar, havia sempre um pequeno grupo de alunos que mantinha a conversa e que acabava por captar a atenção dos restantes.

Chamei a atenção para o facto de aquela ser a única aula que teríamos antes de fazer as entrevistas e que se não tivéssemos os guiões prontos não podíamos avançar para a fase seguinte.

Ainda que não me parecesse que me tivessem levado muito a sério, acalmaram-se um pouco. O suficiente para me deixarem falar e estabelecer a ordem de trabalhos.

Iniciamos a sessão discutindo sobre que vertentes do S. Paio pretendíamos abordar na reportagem. Após algumas opiniões e relexões, entendeu-se pertinente entrevistar uma pessoa de cada um dos seguintes espaços:

- Restaurante;
- Padaria;
- Bar;
- Bombeiros;
- Igreja;
- Jovem da Torreira;
- Jovem residente fora da Torreira;
- Pessoa residente na Torreira que participe na organização do S. Paio

Definidos os primeiros pontos para as entrevistas, deu-se início à discussão de quem iríamos convidar para entrevistar dentro de cada um dos espaços que tinham sido apontados anteriormente.

Assim, ficou decidido:

- Restaurante – Xávega Mar – Sra. Dulce
- Padaria – Ven-Por – Sra. Marina
- Bar – Maribar – João (Juba)
- Bombeiros – Coordenador – Domingos Cascais
- Igreja – Padre Abílio
- Jovem da Torreira – João Daniel (aluno da turma)

- Jovem residente fora da Torreira – Estudante da UA que trabalha durante a época de S. Paio + Estudante da UA que acampa no S. Paio
- Pessoa residente na Torreira que participe na organização do S. Paio – Sr. José Rito

Estando estas questões definidas, iniciou-se o trabalho sobre a elaboração dos guiões. No entanto, dada a agitação e a confusão que se instalou na turma, pouco se conseguiu avançar. Foram lançadas algumas propostas de perguntas para o guião. No entanto, muito vagas e com necessidade de reestruturação a nível linguístico.

Assim, para que pudesse contar ao máximo com a colaboração deles na elaboração dos guiões, pedi para que pensassem numa pergunta específica para cada um dos entrevistados, uma vez que eram de áreas diferentes; propondo que outras questões mais gerais fossem aplicadas a todos os guiões. Desta forma, apesar de ter noção que teria que reformular algumas questões por forma a estarem corretas a nível linguístico, teria uma base para trabalhar toda a estrutura dos guiões pois as questões tinham sido pensadas por eles.

Esta sessão revelou-se muito cansativa e desgastante, uma vez que a turma estava bastante inquieta e pouco colaborante. Apesar de todas as minhas intervenções no sentido de obter a atenção deles para poder trabalhar nos guiões, apenas meia dúzia de alunas se revelaram mais empenhadas. No entanto, também elas acabam por se dispersar com todo aquele ambiente de euforia que se tinha instalado na turma.

A muito custo as perguntas específicas foram conseguidas, no entanto, necessitavam de ajustes.

O toque para o intervalo surge e a maioria limitou-se a levantar e a dirigir-se para a porta.

Antes de lhes dar autorização para sair, agradei a falta de respeito para comigo, para com os colegas e para com o “nosso” trabalho. Apelei a que tivessem mais atenção na semana seguinte, dia das entrevistas, pois iriam estar com outras pessoas e fora do contexto de sala de aula.

Demonstrei a minha insatisfação perante a atitude deles nesta aula. Apesar de toda a turma se manter em silêncio, foram poucos os que se dignaram a pedir desculpa pelo sucedido.

## **NOTAS DE CAMPO – 13**

**Quarta – Feira, 2 de outubro de 2013**

**8:30 - 9:00**

### **Preparação para as entrevistas – saída de campo**

A minha chegada à sala de aula, onde já se encontrava o Professor José Manuel e o Professor Pedro, foi bastante acolhedora. Reparei que alguns alunos tinham no olhar aquela sensação de “afinal era a sério, ela veio!”.

Gerou-se um empolgamento geral e estavam todos tão entusiasmados por saírem da Escola e “matarem” a aula de Português e EMRC, como por outro lado assumiram uma confiança neles mesmos absolutamente estonteante!

Penso que foi naquele momento que todos eles caíram em si e verificaram que afinal iam mesmo ser “investigadores” e que afinal eram mesmo uma parte importante do projeto. Foi um dia decisivo para a tomada de consciência, por parte deles, da dimensão do projeto em que estavam envolvidos.

A re(organização) dos grupos foi um momento de grande confusão, uma vez que alguns alunos que estavam envolvidos no projeto reprovaram e chegaram à turma 3 novos alunos (retidos no 9.º ano). A euforia que os dominava não estava a permitir que eu os conseguisse agrupar de forma a cumprir o tempo que tínhamos disponível para o trabalho de campo – entrevistas.

Tive que os chamar à razão! Tal como havia feito de outras vezes, lembrei e reforcei que eles se tinham comprometido a ajudarem-me e que quando se assume um compromisso com alguém ou com algum projeto em que se envolvem têm que ser responsáveis! “ *Se eu não puder contar com o vosso apoio e a vossa ajuda neste momento, então eu vou...Hei de encontrar uma solução... Mas eu confiei em vocês!*”

Com estas palavras toda a turma se acalmou e muitos foram os que pediram desculpa e assumiram então os seus papéis de “investigadores”.

Depois de resolvida a questão da confusão instalada na turma, comecei por explicar quais seriam os percursos de cada equipa e que materiais lhes iriam ser entregues: 1 bloco de notas; 1 gravador; 1 guião para a entrevista.

Quanto aos locais onde iríamos fazer entrevistas já todos sabiam onde era, havíamos delineado isso na sessão da semana anterior. No entanto, havia um local onde não poderíamos deixar de ir – ao estaleiro, mas esse ninguém sabia!

No estaleiro trabalha o avô do José Pedro, é mestre de embarcações, repara e constrói de raiz bateiras, chinchorros e moliceiros. Foi surpresa! Ninguém sabia que estava previsto lá ir. O mais surpreendido foi mesmo o José Pedro!

Os olhos do Zé (como é carinhosamente tratado pelos colegas) brilhavam naquele momento como só uma vez vi... Na 1.ª sessão de Focus Group que tive com a equipa em que ele estava integrado, quando me falou do avô! Faltava a outra parte da surpresa, era a equipa do José Pedro que ia fazer a entrevista e eu seria a acompanhante desse grupo.

Depois de apresentada a surpresa, pedi que cada equipa nomeasse quem iria ficar responsável por tirar as notas das entrevistas, quem iria ficar responsável por gravar cada entrevista e quem eram os alunos que iriam fazer as questões que constavam no guião.

Aos responsáveis pelos gravadores expliquei como cada um deles funcionava e como deveriam usá-lo de forma a obtermos bons resultados nas gravações das entrevistas. Aos nomeados para tirarem notas das entrevistas, expliquei-lhes que o objetivo era *“apontar as ideias mais importantes e aquilo a que as pessoas entrevistadas dessem mais realce”*. Por outro lado, também lhes disse que era importante irem prevenidos pois, tal como acontece aos jornalistas, também os nossos gravadores podiam ter um problema qualquer com o qual não estivéssemos a contar e ficaríamos sem qualquer material, escrito ou áudio, para podermos fazer a reportagem.

Dadas todas as instruções aos alunos, falei com os professores que me iriam ajudar, acompanhando dois dos grupos, de forma a delinear os responsáveis por cada grupo.

Dois dos grupos ficaram responsáveis por 2 entrevistas cada um, uma vez que os locais em causa ficavam relativamente perto da Escola. No entanto, o meu grupo ficou apenas com uma entrevista, isto porque, o estaleiro onde se encontra o Sr. José Rito fica a uma distância considerável e tive que ter em conta que às 11:00 a turma tinha que estar toda reunida na escola para poderem ter a última aula da manhã.

Às 9:00 cada equipa seguia o seu rumo, uns radiantes por não terem aulas, outros entusiasmados com a função de “jornalista” e outros simplesmente “faziam parte do grupo”.

## **NOTAS DE CAMPO – 14**

**Quinta – Feira, 2 de outubro de 2013**

**9:00 - 10:00 (José Manuel)**

**Entrevista com o “Juba” – Maribar**

O grupo destacado para entrevistar o gerente do Bar “Maribar” e a gerente do “Restaurante Xávega Mar”, rumou em primeiro lugar em direção ao bar para falar com aquele que é conhecido pelos jovens e em toda a Torreira por “Juba”.

O percurso da Escola até ao Maribar era relativamente curto, pelo que, o tempo que demoraram de um local ao outro não deu chance para grandes conversas. Entre os elementos do grupo iam decidindo quem é que ia começar a falar e quem é que iria tirar apontamentos.



Os rapazes do grupo estavam um pouco mais entusiasmados por irem ao “Maribar”, no entanto, as raparigas estavam mais atentas aos pormenores da entrevista.

Quando chegaram ao Bar, o “Juba” já estava à espera do grupo e pronto a responder às questões que lhe iriam colocar.

Os alunos apresentaram-se como sendo um grupo da turma do 9.º ano da Escola da Torreira que estavam a trabalhar num projeto em conjunto com uma aluna de Mestrado da Universidade de Aveiro, cujo tema em análise era “Jovens nas Notícias”.

O sentido de organização do grupo, ainda que com a ajuda do Professor José Manuel, foi bastante notório e de facto a entrevista correu dentro do tempo previsto e de forma bastante estruturada e ordeira.

O Eliano, o Alexandre e o Cláudio foram os menos interventivos, levando a que a Andreia, a Micaela e a Inês assumissem a moderação da entrevista.

Independentemente desta distinção de posturas entre o grupo, a entrevista correu bastante bem e o “Juba” foi bastante claro e muito direto nas respostas.

O Professor José Manuel em determinadas questões (questões chave que estavam diretamente ligadas aos jovens) achou por bem intervir de forma a “enriquecer” a entrevista e na tentativa de alcançar um “ponto de sensibilização” entre tantas perguntas e respostas.

O “Juba” teve a sensibilidade de, muito mais do que tentar responder bem às perguntas, tentar sensibilizar “aqueles” jovens aos comportamentos excessivos na época festiva do S. Paio. Apelou ao controlo, à contenção, à responsabilidade para poderem então usufruir em pleno da diversão que o S. Paio tem colocado à disposição dos jovens.

Terminada a entrevista, o grupo agradeceu a colaboração e disponibilidade por parte do Maribar e sobretudo do “Juba”, bem como a forma aberta com que abordou o assunto sendo ele tão delicado, designadamente no que diz respeito a ser o Bar mais frequentado por jovens e mais conhecido da Torreira.

O grupo reuniu-se novamente, já fora do Bar, para orientarem a próxima entrevista no Restaurante Xávega Mar.

## **NOTAS DE CAMPO – 15**

**Quinta – Feira, 2 de outubro de 2013**

**9:00 - 10:00 (Pedro Ferreira)**

**Entrevista com Sra. Marina – Ven-Por**

Quando o grupo chegou à padaria a Sra. Marina veio logo ter com eles à porta. A padaria estava com algumas pessoas e via-se que era hora de movimento. A Sra. Marina disse para se juntarem duas mesas para se poder falar mais à vontade.

Notava-se que era uma hora complicada, assim, começaram por agradecer, antes de mais, o facto de ter aceite o convite para a entrevista e por colaborar connosco neste projeto.

O grupo já tinha decidido quem iria fazer as perguntas, quem iria tomar notas e quem iria ficar responsável por assegurar a gravação.

A entrevista foi muito rápida. A Sra. Marina respondeu de forma muito breve às perguntas, não dando espaço para “discussão”.

Depois de finalizada a entrevista, por volta das 9:20h, a Sra. Marina pediu desculpa por não dar mais atenção ao grupo, no entanto, era uma hora de muita confusão na padaria por causa dos pequenos almoços. Agradeceram mais uma vez o tempo que disponibilizou para receber o grupo.

Como a entrevista seguinte era com o Sr. Padre Abílio e ele só estava disponível às 10:00h o grupo seguiu com calma para a casa paroquial.

## **NOTAS DE CAMPO – 16**

**Quinta – Feira, 2 de outubro de 2013**

**10:00 - 11:00 (José Manuel)**

**Entrevista com Sra. Dulce – Restaurante Xávega Mar**

Quando o grupo chegou ao Restaurante a Sra. Dulce não estava, tinha saído para ir comprar algumas coisas que eram precisas para a hora de almoço. Chegou já passava das 10:20h, pediu desculpa pelo atraso e mandou-nos entrar no restaurante e sentar numa mesa das maiores para estarem todos juntos.

A Sra. Dulce perguntou ao grupo qual era o trabalho que o grupo estava a desenvolver e como seria apresentada a entrevista que ia dar. Os alunos explicaram que estavam a colaborar num projeto de uma aluna da Universidade de Aveiro e que iam fazer uma reportagem sobre o S. Paio com várias entrevistas. Depois iam colocar no Jornal da Escola e talvez no Jornal da Murtosa.

Começaram então a entrevista com a Sra. Dulce que foi muito prestável. Embora respondesse às questões que o grupo lançava acabava por em determinadas alturas conversar com os alunos de forma a sensibilizar para algumas questões importantes. (Jovens e o álcool, jovens e os excessos, etc)

Contou também alguns episódios que aconteceram em anos passados no restaurante, na altura do S. Paio. O grupo gostou muito da intervenção da Sra. Dulce, porque para além de responder às perguntas que estavam no guião, falava com os alunos e interagia bastante com eles.

Depois de terminarem a entrevista a Sra. Dulce deu alguns conselhos aos elementos do grupo para poderem aproveitar o melhor do verão e o melhor do S. Paio.

## **NOTAS DE CAMPO – 17**

**Quinta – Feira, 2 de outubro de 2013**

**10:00 - 11:00 (Pedro Ferreira)**

**Entrevista com Padre Abílio**

O grupo chegou à casa paroquial um pouco antes das 10:00h e o Padre Abílio ainda estava ocupado.

Ainda não eram 10:00h e os alunos foram recebidos pelo Sr. Padre que os cumprimentou e enquanto se dirigiam para a sala de jantar ia fazendo algumas perguntas: como estavam a correr as aulas; a que é que se devia aquele trabalho e a entrevista.

Enquanto aguardavam por serem recebidos, o grupo decidiu quem iria fazer as perguntas, gravar e tirar notas.

O Padre Abílio tinha também um compromisso por volta das 11:00h, pelo que, se limitou a responder às questões que lhe foram apresentadas não havendo muitos momentos de conversa com o grupo.

Depois de terminada a entrevista o Sr. Padre acompanhou-nos até à porta agradecendo o convite para participar e desejando boa sorte no trabalho e com as notas de final de ano.

Terminadas as duas entrevistas, o grupo regressou à Escola.

## NOTAS DE CAMPO – 18

Quinta – Feira, 2 de outubro de 2013

10:00 - 11:00 (Ana)

Entrevista com Sr. José Rito

O meu grupo era constituído pelo José Pedro, pelo Henrique, pelo Arménio, pela Adriana, pela Juliana, pela Tânia e pela Ana Rita. Iam todos bastante entusiasmados, uma mistura de estarem fora da escola com uma mistura de estarem a ser “úteis”.

Até ao Estaleiro eram sensivelmente 20 minutos a pé, deu tempo para as meninas colocarem as conversas em dia e deu tempo para os meninos conversarem comigo e sentirem-se “compreendidos”.

O José Pedro todo o caminho falou na sua paixão pela vida do rio, contou-me com enorme entusiasmo e orgulho que todos os dias depois da Escola vai até à Ria, pega na bateira “dele” e vai dar um passeio. *“Sabe, eu não nasci para ficar em casa! Eu nasci para viver assim... no rio, na apanha da amêijoia, na apanha do berbigão, andar na bateira...e não há um dia sequer em que eu não vá ter com o meu avô. Ajudá-lo a reparar os barcos!”*

A este respeito, o seu grande amigo Henrique fez um comentário que me arrancou uma gargalhada, *“sabe, quando eu tiro más notas ou reprovos os meus pais como castigo mandam-me nas férias e aos fins de semana para trabalhar no rio. Ao Zé é diferente, os pais para o castigarem proibem-no de sair de casa e de ir ao rio”*.

Ao longo da viagem até ao Estaleiro, o José Pedro e o Henrique vinham lado a lado comigo e durante todo o tempo contaram as suas aventuras no rio, as suas ambições, muitas histórias sobre o avô do José Pedro, o ambiente familiar, o ambiente na Escola. Foi visível naqueles dois jovens que o que para uns é “castigo” para eles é uma ambição, um desejo, algo que têm que concretizar.

Chegamos finalmente ao Estaleiro, o José Pedro “guiou-nos” por entre os arbustos e pelas embarcações que se encontram ali retidas à espera da sua hora para serem reparadas. O Sr. José já estava à nossa espera, quando viu o “Zé” soltou um sorriso por ter “pregado uma partida” ao neto.

Apesar de eu saber já algumas coisas sobre o Sr. José Rito, pedi à pessoa que melhor o conhece para o descrever – o neto José Pedro. O “Zé” ficou sem jeito, nem sabia por onde começar ou o que dizer. “Oh, eu vou dizer o quê olhe lá?!” Começa pelo início! (disse-lhe eu entre risos).

Ainda que a medo e sem saber bem por onde começar, surgem as primeiras palavras do José Pedro a descreverem o avô!

*“ O meu avô chama-se José Rito! Bem, ele não é Rito no nome, mas as pessoas apelidaram-no assim e pronto! Tem 57 anos e trabalha nesta arte há mais de 30 anos. Sempre foi um homem do rio, apesar de ter andado também no mar...”*

Depois da apresentação do Sr. José Rito feita pelo neto, os restantes elementos do grupo começaram a organizar-se para começarem a fazer as perguntas que constavam no guião. Foi evidente a falta de há vontade do grupo, sobretudo estando no papel de “Jornalistas”. A vergonha e a timidez reinaram a partir daquele momento! No entanto, após a primeira pergunta e dado o à vontade que o Sr. José demonstrou perante o grupo, os alunos acabaram por relaxar e deixar fluir a entrevista como se de uma conversa normal se tratasse.

Toda a entrevista correu muito bem, foi de facto um momento muito agradável, sobretudo pela postura natural que todos assumimos.

Depois da entrevista ter terminado, o grupo agradeceu a colaboração do Sr. José e de forma muito natural começaram a dispersar-se pelos vários cantos do Estaleiro, percorrendo com o olhar cada instrumento, cada pedaço de pinheiro cortado à mão com uma perfeição inigualável.

O Sr. José manteve-se à conversa comigo durante algum tempo, contando-me um pouco mais pormenorizadamente algumas etapas da sua vida, quer enquanto pescador, quer enquanto mestre naval.

A fim de poder cumprir o horário para os alunos estarem na Escola, tivemos que nos despedir do Sr. José e mais uma vez agradecer toda a atenção que nos dispensou.

O grupo seguiu então para a Escola, agora menos entusiasmados por terem noção que iam retomar as aulas mas sempre a tentar arranjar um pretexto para que aquela manhã nunca mais tivesse fim!

Chegamos à Escola e os outros dois grupos já estavam na sala da aula na presença da professora de Francês. Pedimos licença para entrar, e eu pedi autorização à Docente para me dispensar uns minutos para eu poder agradecer a toda a turma o empenho e apoio prestados.

Não lhes disse “Adeus” mas sim “Até Breve”! Muitos tiveram a “ousadia” de me perguntar “ *E agora? Não vem mais ver-nos e falar connosco?*” Respondi-lhes que iam ter notícias minhas e que em breve eu iria visitá-los.

Agradei à Docente e abandonei a sala, com todos os “apetrechos” mas já com umas saudades tremendas de ver aquelas caras e de ouvir “aqueles” disparates tão próprios deles!

## **NOTAS DE CAMPO – 19**

**Sexta – Feira, 3 de outubro de 2013**

**Envio de entrevista ao Coordenador de Serviços / Adjunto de Comando dos B.V.M e a duas alunas de Mestrado da Universidade de Aveiro. (Ana)**

Uma vez que não havia disponibilidade nem possibilidade, quer por parte dos alunos quer por parte dos entrevistados, em realizar as entrevistas pessoalmente tivemos que optar por enviar os guiões das entrevistas via e-mail.

O contacto com o Coordenador de Serviços/Adjunto de Comando dos B.V.M, para averiguar se estaria interessado em participar no projeto, fi-lo pessoalmente uma vez que é uma pessoa que conheço bastante bem.

Após ter concordado em colaborar, procedi ainda nesse mesmo dia ao envio de um e-mail com o guião para a entrevista. Dada a pouca disponibilidade, quer minha quer do entrevistado, o acordado foi que este respondesse às questões diretamente no guião enviado e depois o devolvesse pelo mesmo meio.

## **NOTAS DE CAMPO – 20**

**Quarta – Feira, 23 de outubro de 2013**

**14:30 – 16:30**

**Sessão de esclarecimento/revisão sobre “ Como se constrói uma notícia e como se constrói uma reportagem”**

Quando me dirigia para a portaria da escola vi, por entre o gradeamento, que alguns alunos da turma já estava à minha espera no recreio. Mal me viram entrar ao portão dirigiram-se a mim, numa mista de histeria e empolgação, a questionar qual a sala e o que iríamos fazer.

Passados poucos minutos surgem mais uns elementos da equipa absolutamente indignados sobre uma situação. “ *Quando é para faltar às aulas todos querem participar e até se oferecem para a ajudar por mais tempo. Agora que a stôra mudou o horário para a tarde, que é livre, já não aparecem! São mesmo pessoas que não valem nada de palavra!*” ( José Pedro)

Ainda, que eu já estivesse à espera que esta situação pudesse acontecer por parte de determinados elementos da turma, não podia deixar de concordar com o José Pedro, ainda que

não o tenha pronunciado verbalmente. No entanto, tentei transmitir uma imagem de “não surpreendida” e sobretudo tentei desvalorizar a atitude dos colegas para que aquele “clima de tensão” não condicionasse o nosso trabalho.

Dirigimo-nos à sala 20, e logo a seguir surge o Professor José Manuel Martins, professor de Português, que fez questão de participar nestas sessões de preparação e construção da reportagem.

Mais uma vez, e agora na presença do Professor, o José Pedro mostrou, de forma bastante revoltada, a atitude dos colegas que faltaram sem justificação plausível. Isto porque, duas das colegas estavam a ter aula de apoio a outra disciplina e não podiam estar presentes logo no início da sessão e *“essas ainda vá... agora as outras tanta coisa, tanta freima e agora roem a corda! Desculpe mas isto deixa-me muito chateado! Porque se a gente dá a palavra temos que cumprir. Aqui se vê o que valem!”* (José Pedro). Perante o desabafo sentido do José Pedro, alguns colegas também se foram prenunciando, apoiando as suas palavras.

Não pude deixar de admirar esta atitude e esta postura assumida quer pelo José Pedro, quer pelo restantes colegas. A noção de que “os colegas estavam a ser injustos” comigo.

No entanto, entendi que devíamos prosseguir com o nosso trabalho para que fosse possível realizar o que havia sido delineado de forma a cumprir o horário que tinha sido combinado – 14:30/16:30.

Comecei por distribuir à turma a ficha que havia elaborado como forma de revisão de conceitos e de matéria relativa à notícia, à reportagem e sobretudo como se procederia à elaboração/composição de cada uma delas.

Posteriormente dei todas as indicações de como iria decorrer a atividade: a ficha estava dividida em duas partes – parte teórica e parte prática – e à medida que se ia revendo a parte teórica ia sendo resolvida, em conjunto, a parte prática.

Ao longo da atividade/sessão os alunos João Daniel, José Pedro, Adriana, Eliano, Henrique e o Alexandre foram os que mais colaboraram. De destacar, o total empenho, colaboração e prontidão nas respostas por parte do João Daniel. Apesar de ser um aluno repetente e novo, quer na turma quer na equipa, foi um aluno que demonstrou sempre um enorme à vontade na turma, e um enorme sentido de participação.

Após a resolução da ficha, começaram a surgir as primeiras questões de *“Por onde vamos começar? Que título vamos escolher? Como é que vamos fazer para juntar tudo o que as pessoas disseram na entrevista?”*

Foram esclarecidas todas as dúvidas e foi lançado o desafio/pedido para pensarem, até à próxima sessão, em propostas para um título, um subtítulo, caso entendessem oportuno, e que recolhem informações sobre a Torreira e sobre o S. Paio para que pudéssemos trabalhar naquela que será a parte introdutória da reportagem.

Inevitavelmente as propostas para títulos começaram a surgir, ainda que muito prematuras. Foi, no entanto, um momento de puro *brainstorming*!

*“ S. Paio da Torreira ”*

*“ S. Paio e os Jovens de hoje ”*

*“ A vida dos jovens no S. Paio ”*

*“ Os jovens e o S. Paio ”*

*“ O S. Paio para os jovens ”*

*“ S. Paio da Torreira atrai milhares de jovens ”*

*“ S. Paio: uma atração para os jovens ”*

*“ A vida dos jovens no S. Paio ”*

*“ Como vivem os jovens a festa do S. Paio ”*

*“ Torreira invadida por milhares de jovens ”*

*“ S. Paio a caminho do festival de verão ”*

*“ S. Paio dá vida à Torreira ”*

Dei a sessão por terminada, uma vez que já eram 16:30H e que alguns elementos da turma tinham que ir para o autocarro, outros tinham os pais/avós à espera. Antes de dar permissão para saírem, apelei, mais uma vez, ao “trabalho de casa” – recolha de informação sobre a Torreira e sobre o S. Paio para na próxima sessão darmos início à construção da parte introdutória da reportagem.



## **NOTAS DE CAMPO – 21**

**Quarta – Feira, 6 de novembro de 2013**

**15:15 – 16:30**

### **Preparação para o início da construção da Reportagem**

Apesar de inicialmente a sessão estar com início agendado para as 14:30H, no dia anterior fui informada, pelo Professor José Manuel, que o horário da turma havia sofrido uma alteração nesse entretanto. Dadas as dificuldades sentidas pelos alunos a determinadas disciplinas, sendo uma delas Inglês, e uma vez que tinham as quartas-feiras à tarde livres, foi deliberado pelos Professores e pelo Diretor que fosse agendada uma aula de apoio à disciplina de Inglês entre as 13:45H e as 15:00H. Assim sendo, a sessão que eu tinha marcada com eles para as 14:30H teria que ter início depois das 15:00H.

No entanto, apesar das alterações entendi que seria pertinente ir mais cedo para a Escola por forma a poder falar um pouco com o Diretor, nomeadamente sobre informações que terá que me disponibilizar a fim de eu poder elaborar o capítulo destinado à caracterização da Escola, dos alunos e respetivas famílias.

Cheguei à Escola e fui informada que o Diretor tinha saído e que já não viria novamente à Torreira nesse dia. Decidi então ir até à sala de professores ao encontro do Professor José Manuel, que apesar de não poder estar presente nesta sessão, deixou-me totalmente à vontade para solicitar a ajuda dele caso necessário.

Conversei um pouco com o Professor a fim de perceber com o que poderia ou não contar naquela sessão tendo em conta que eles iriam sair de uma aula. O Docente José Manuel alertou-me para o facto de a turma nesse dia estar especialmente “incotrolável” e com o sentido de responsabilidade completamente em baixo. Contou inclusivamente um episódio que teve com a turma logo na primeira hora da manhã – apenas duas alunas estavam na sala depois de já terem passado 5 minutos depois do segundo toque de entrada.

O resto dos elementos da turma chegaram passado mais algum tempo e sem grandes constrangimentos. Dada a atitude, e uma vez que a turma já tinha sido avisada várias vezes para esta situação, o Docente decidiu marcar falta a todos os alunos que chegaram tarde.

O Professor José Manuel foi bastante claro e franco comigo quando me alertou para eu estar preparada para não contar com uma sessão tranquila ou até mesmo produtiva.

O toque de saída!

Fui ao encontro da turma que se encontrava na sala 20 para que não houvessem dispersões por parte dos elementos. No entanto, a agitação era de tal ordem que metade da turma passou por mim de relance sem parar para falar comigo ou com os colegas. Aos que se mantiveram fiéis ao compromisso, disse-lhes que ia aproveitar o intervalo de 15 minutos com eles e depois iríamos para a sala 17 para começarmos a trabalhar.

O intervalo com eles foi deveras agitado, muita confusão, muito barulho, muita histeria estavam absolutamente incontroláveis.

A juntar a todo este rebuliço, as raparigas estavam intrigadas com um comentário que chegou à turma logo pela manhã – uma antiga colega de turma estaria supostamente grávida.

A confusão instalou-se no bar! Uns a desmentirem o facto, outros com suposições absolutamente intrigantes sobre a situação. Decidi dar por terminado o intervalo mesmo antes do toque.

Encaminhei os alunos para a sala e tratei de dar as primeiras orientações sobre como iria decorrer a sessão, mais concretamente a ordem de trabalhos. Foi difícil obter a atenção e o silêncio por parte do grupo. Foram várias as intervenções que fiz para contornar esta situação, no entanto, eram momentâneos os minutos de silêncio e de atenção.

Questionei o grupo sobre o “trabalho de casa” que tínhamos definido na sessão anterior – escolher um título e um subtítulo para a reportagem e recolher alguma informação sobre a Torreira e sobre o S. Paio.

As reações foram muito claras e falaram por si, ninguém pensou em mais nada senão na última sessão. No entanto, a minha expressão também lhes deve ter transmitido alguma mensagem, pois como forma de remediar a situação começaram, tal como no dia 23 de outubro, a “chover” propostas para títulos e subtítulos.

Por incrível que pareça, ou não, as opções foram as mesmas que as que tinham surgido na sessão anterior. Portanto, naquele momento foi evidente que nunca mais refletiram sobre a questão.

Como forma de demonstrar que eu tinha feito o meu “trabalho de casa” juntei às hipóteses deles a minha: “ S. Paio da Torreira e A a Z – Uma partilha de opiniões”. As reações foram imediatas!

Eliano - *“Esse está mesmo fixe!”* (opinião partilhada por vários elementos do grupo)

João D.- *“Concordo! Gostei stôra!”*

José Pedro - *“Esse parece-me o melhor de todos. Mas porquê de A a Z? Não temos nomes de pessoas até Z.”*

Dado o comentário do José Pedro, preparava-me para explicar o “ de A a Z”, no entanto, o Alexandre e o João Daniel prontamente tentaram explicar ao colega qual era a intenção. Ainda que de uma forma muito pouco clara e algo confusa, conseguiram, à maneira deles, fazer com que o José Pedro percebesse qual teria sido a minha intenção em escolher aquele título.

Tirada a dúvida, decidi prosseguir com a ordem de trabalhos que havia sido delineada no início da sessão. No entanto, o grupo voltou à instabilidade, à confusão, à histeria e às conversas paralelas. Era quase impossível eu conseguir fazer-me ouvir dada a confusão e o volume em que eles mantinham as conversas e o tom de voz!

O caos estava instalado! Nunca os tinha visto a comportarem-se desta maneira. Eu comecei a ficar bastante desiludida com aquele cenário e entendi que estava na hora de lhes revelar isso de forma clara!

Solicitei um momento de atenção porque tinha algo importante a anunciar e o silêncio instalou-se. Fui sincera com eles e disse-lhes que compreendia a curiosidade deles sobre a situação da colega, que compreendia o facto de eles estarem cansados da aula anterior, que compreendia que aquela sessão fosse mais trabalhosa mas que não conseguia compreender aquele comportamento! *“Eu sempre vos agradei por terem aceite a minha proposta em participar neste projeto, no entanto, sempre vos deixei à vontade para a qualquer momento, caso o entendam, abandonar o projeto. Mas se é isto que querem fazer têm que perceber de uma vez por todas que este comportamento não ajuda em nada!”*

O silêncio voltou a instalar-se mas agora de forma diferente, todos tinham os olhos vidrados em mim. Por momentos quase me senti arrependida de ter tomado esta atitude, no entanto, senti que se não fosse naquele momento dificilmente teria outra oportunidade para o fazer.

Surge aquele interesse súbito:

José Pedro - *“Vamos lá stôra! Desculpe. Mas os outros (grupos) também têm que se calar senão ninguém se entende!”*

João D - *“Bora! Vá... o que é pra fazer?”*

Andreia - *“É agora que vamos usar as entrevistas?”*

Eliano - *“Então não era para fazer primeiro aquilo... falar sobre o S.Paio e isso?”*

Com a devida calma comecei por apresentar alguma da informação que recolhi para podermos compor a parte introdutória da reportagem. Li algumas partes que retirei de um livro que encontrei na Biblioteca Municipal da Murtosa, dedicado a memórias do S.Paio.

Apesar de tentarem mostrar algum interesse no que estavam a ouvir, foi notório que não estavam de facto “presentes” o suficiente para perceberem qual o sentido, o interesse, a razão pela qual eu estava a ler alguns trechos de informação retirados de um livro sobre o S. Paio.

Optei por passar à organização das equipas , entreguei-lhes um exemplar de uma entrevista realizada no dia 2 de outubro para podermos analisar as primeiras respostas e “simularmos” de que forma iríamos colocar a informação na reportagem.

De forma a evitar mais momentos de “agitação incontável”, decidi ir atribuindo a cada um dos elementos a tarefa de ler a pergunta que foi feita aos entrevistados e a respetiva resposta.

16:30, o toque de saída e o momento em que a “agitação” voltou. Desligaram como que automaticamente daquela sessão, no entanto, já estavam a questionar sobre para quando seria a próxima. Entre a ânsia de ir embora para o recreio ou para casa, era notório também que tinham começado a assumir os “encontros” de quarta-feira à tarde como uma rotina e com um “espaço” no horário escolar.

Foram apanhados de surpresa quando eu disse que possivelmente aquela teria sido a nossa última sessão, pois não teria decerto mais disponibilidade a nível profissional que permitisse a realização de mais sessões.

No entanto, prontificaram-se de imediato a colaborar em qualquer outro horário mesmo que isso implicasse faltar a uma aula. No fundo, não querem “abandonar” aquilo que começaram a construir mas o facto de estarem no 9.º ano também é uma agravante e algo a ter em enorme consideração.

Prometi ir dando notícias e ir dando a conhecer, através do Professor José Manuel, como está a correr a composição da reportagem. Inclusivamente disse que numa fase já de conclusão, iria recorrer a uma aula do Docente de Português para terminarmos todos em conjunto a reportagem.

José Pedro - *“Também tá bom...mas a gente podia vir mais vezes à tarde de você precisasse.”*

João D - *“Eu continuo a achar que os stores não se iam importar em dar a aula deles para nós virmos fazer isto. Mas você é que sabe...”*

Seguiram todos escadas abaixo rumo ao recreio, às brincadeiras ou simplesmente rumo aos seus recantos.

## **Anexo VII**

### **Transcrições**

**EQUIPA 1****1.ª SESSÃO (11 de abril)****Sala 17****Intervenientes:** José Pedro; Adriana; Ana Rita S; Tânia; Henrique; Célia; Juliana; Arménio**Leitura das manchetes dos jornais**

*Depois de terminado o período reservado à procura das notícias o aluno José Pedro, apesar das suas dificuldades iniciais, foi o que prontamente se decidiu a dar início ao debate – leitura das manchetes das notícias que entenderam ter “os jovens” como principais intervenientes.*

**José Pedro** – “Aluno de 10 anos limpa sanitários”

**Adriana** – “Jovem apanha 7 anos por violar avó”

**Ana Rita S.** – “Pedro Aveiro atinge título de campeão nacional amador”

**Tânia** – “Tia salva menina apanhada pelo fogo”

**Henrique** – “Cheques dentistas nas escolas”

**Célia** – “Dia radical anima jovens”

**Juliana** – “Mataram inocentes” – notícia cujo tema era o atentado em Boston

*Após a leitura, realizada por cada um, das manchetes das notícias, deu-se início ao debate propriamente dito em que a questão colocada foi “que tipo de notícias foram mais lidas aqui? Boas ou más?”*

Responderam em unanimidade – “más”

**José Pedro** - “ Bem ... aqui tem uma que fala de um jovem que estava de castigo... não percebi porquê mas se se fala em castigo, a notícia boa não é!”

**Ana Rita S.** – “ a minha até era boa!”

**Espaço no jornal dedicado a cada notícia**

*Foi colocada a questão da quantidade de espaço dedicada a cada notícia.*

**Célia** – “ a minha era boa mas também só fala aqui um bocadinho” (referia-se a ¼ da página)

**José Pedro** – “ a que eu li sobre o castigo do aluno a limpar os sanitários ocupa isto tudo” (referia-se a mais de meia página do jornal)

**Adriana** – “a minha ocupa a página inteira”

**Ana Rita S.** – “bem, só apanha aqui este bocadinho” (referia-se a uma coluna que correspondia ao inferior a ¼ de página)

**Henrique** – “a minha também ocupa assim uma parte” (referia-se a ½ página)

*Foram questionados se com estas informações, sobre os títulos e os tamanhos dedicados às notícias, tinham chegado a alguma conclusão ou relação entre ambos.*

**José Pedro** - “Oh ... dá ... deu para ver que parece que as boas têm sempre menos e as más têm sempre mais”. (opinião partilhada pela maioria dos colegas)

### Notícias «boas» vs Notícias «más»

*Foram questionados do porquê dessa situação.*

**José Pedro** – “Então, as más chamam sempre a atenção”. (opinião partilhada pela Adriana, Rita e pelo Henrique)

*Porquê?*

**José Pedro** – “Olhe, porque é má!” (no entanto, verificou-se uma enorme dificuldade, bem como um imenso esforço por parte do aluno em tentar justificar mais detalhadamente o que queria dizer com aquela resposta)

**Adriana** - “Normalmente as pessoas também não ligam muito às boas. Daí também preferirem as más”.

**Ana Rita S.** – “As pessoas ligam mais às tragédias”

*Porquê?*

**Juliana** – “Porque são as más que levam a mais curiosidade”

*No entanto, quando confrontados por mim com uma notícia “Jovens foram à Assembleia e apresentaram as suas ideias”. Foi unânime e imediata a intervenção – “oh, isso não tem interesse”.*

*Após a manifestação do grupo, quando questionado sobre o interesse que teria a notícia que li, lancei uma manchete de notícia menos boa para perceber que reação teriam quanto ao tema da mesma. “Marco morreu com um tiro quando contava o dinheiro arrecadado no queimódromo”*

**José Pedro** – “Oh, isso aí a gente já olha mais né?”

**Adriana** – “Chama mais a atenção”

*Porque é que vos chama mais a atenção esta do que a outra?*

**Tânia** – “Porque o nome chamou atenção” (partindo do princípio que tinha sido uma notícia bastante recente e muito debatida sobretudo na televisão)

**José Pedro** – “Oh, é que isso é uma situação que já dá pena, porque ele morreu e quando alguém morre é triste por isso queremos logo ver essas notícias”

*Sentem que nós nos sentimos sempre mais atraídos pela dor do que pela felicidade dos outros?*

**José Pedro** – “Sim” (apesar de ter sido o único a pronunciar-se verbalmente outros elementos do grupo mostraram concordar com a opinião do colega)

*Enquanto participante dei também a minha opinião, no entanto, o real intuito era promover mais pontos de discussão sobre a questão: A mim parece-me que a nossa sociedade sente a necessidade de estar sempre a par destas situações menos boas. Temos aquele “gostinho” especial pela desgraça...*

**José Pedro** – “e depois já se sabe o amigo vai contar ao amigo...”

**Ana Rita S.** – “mesmo que não seja nada connosco parece que até gostamos de ir ver”

*Apresentei um exemplo de uma briga na escola. Havia uma briga entre dois alunos na escola e aquele grupo já estava de saída para casa. Iam-se embora apesar de repararem no aparato ou iam ver?*

“Vamos ver!!!!!!” – resposta unânime e bastante convicta

### Temas das notícias

#### Confusões/Problemas dentro e fora da Escola

*De volta ao tema dos jornais, pedi que vissem as capas de cada jornal e reparassem nas manchetes: política, juíza acusada de pornografia infantil, falso padre.*

*Levantei a questão se compravam aqueles jornais caso os vissem numa loja.*

**José Pedro** – “oh, pelo título deste... este não vale nada”

Porquê?

**José Pedro** – “Porque o título é da política”

*Então o que te levava a comprar um jornal?*

**José Pedro** – “Oh... tem que ter um título que chame atenção, senão...”



*Voltaram-se aos exemplos das confusões que surgem na escola e que chamam a atenção de quem não tem nada a ver com o que se está a passar.*

**Adriana** – “No caso das confusões às vezes aqui na escola, nós sabemos que se está a passar alguma coisa porque vemos sempre muita gente à volta. Então acabamos por ir ver”. (uma opinião que apesar de ter sido expressa verbalmente pela Adriana era comum ao restante grupo)

**José Pedro** – “Ohhh... quando damos por ela está uma roda de gente de volta daquilo tudo. Ainda para mais a gente da Torreira, toda a gente aqui se conhece por isso toda a gente vai ver!”

*Então e supondo que era alguém conhecido? Vocês metiam-se?*

**José Pedro** – “Oh, é assim, isto aqui é como os ciganos, percebe? Até nem se podem dar bem mas basta ser alguém de família que vai lá e também ajusta contas. Ainda para mais aqui as pessoas da Torreira!”

**José Pedro** – “Já há muitos anos que é assim. A minha mãe conta muitas vezes que antes não havia dia nenhum que aqui na Torreira não houvesse sempre porrada”

*Tomando um pouco das palavras do José Pedro quando se referiu às pessoas da Torreira e ao seu temperamento, questionei se não sentem que este tipo de situações acabam por os “caracterizar” como sendo pessoas de conflitos...*

**Adriana** – “É! Sinto isso!” (opinião de mais alguns elementos do grupo)

**José Pedro** – “É assim, não sei se você sabe mas a Torreira é muito conhecida pelo S. Paio, pelos bares, pela noitada... Mas se você reparar, a maioria das confusões que há nesses dias nos bares é raro ser alguém da Torreira a ir nos bombeiros para o hospital. É que aqui, até pode estar envolvido só um gajo da Torreira mas quando se dá por ela num instante estão lá uns 20 ou 30 e depois prontos...”

**Henrique** – “Porradinha até mais não!” (geraram-se risos)

**José Pedro** – “É assim, aqui as pessoas da Torreira... é assim... são boa gente... há boa gente aqui sabe? Mas aqui se você precisar de uma ajuda, você chama 1 e já vem uns 4 ou 5. Aqui a Torreira é muito coisa... muito unida! Quer dizer, alguns, isto há de tudo! Mas por exemplo, se for porrada... Eu até posso nem falar para o meu irmão e dou-me até bem com o outro que se está a meter com ele... mas se eu vir ele a bater no meu irmão, é meu irmão, então eu vou e... pronto... Aqui a família é assim!”

*Foram confrontados com a questão: “Lá fora vocês agem assim. Mas cá dentro da escola, também?”*

**Adriana e Ana Rita S.** – “É... Sim”

**José Pedro** – “Nem tanto”

## Bullying na Escola

### Bullying dentro da Escola? Repararam alguma vez?

**José Pedro** – “Eu até acho que aqui na escola não há muito isso. Às vezes uma confusão ou outra... ainda vá, fora isso. É capaz de se passarem semanas e semanas sem haver uma porrada.”

**Adriana** – “Não há... mas quando há... Há!” (confirmação por parte do grupo ainda que não de forma verbal)

*O facto de vocês não verem ou não saberem de ninguém que seja vítima ou agressor, não quer dizer que não haja, certo?*

**Adriana** – “Sim. Claro que são situações que nem toda a gente sabe ou se calhar há algum caso e eu não conheço mas que acredito que há, há!”

**José Pedro** – “Desculpa lá mas eu disse não me acredito. Ainda mais com este Concelho Executivo. Isto aqui dentro é sempre tão rigoroso... Posso estar enganado! Mas acho que não...”

**Henrique** – “Também acho”

**Adriana e Ana Rita S.** – “Olha o N\*\*\*\*\*! E ninguém sabia...”

**José Pedro** – “O quê??? O N\*\*\*\*\* sofria de Bullying?”

**Adriana** - “ Sim, e tás a ver? Nem tu sabias!”

**José Pedro** – “Mas não era porrada!”

**Adriana e Ana Rita S.** – “Também há bullying psicológico!”

**José Pedro** – “Ninguém lhe batia nem nada!”

**Henrique** – “Pois não...”

**José Pedro** – “Só tinha uma coisa, ele afastava-se! E bullying porquê?? Ele também tinha mais coisas em casa, não é? Depois já se sabe...”

**Henrique** – “É eu acho que isso já vinha também de casa...”

**Adriana** – “Mas olha que aqui na escola havia muitas pessoas que não eram muito boas nem eram os melhores para ele...”

**José Pedro** – “Não eram os melhores, mas não eram pessoas que faziam muito mal a ele”

**José Pedro** – “Aqui na Murtosa, que é já daqui a 10 minutos, a gente ouve que há porrada, é facas, é droga, é tabaco, e aqui você não vê nada disso!”

**Henrique** – “Em Estarreja é o mesmo...”

**José Pedro** – “Há sempre algum que foge ali para trás para fumar um cigarro, está bem, mas sabemos que aqui dentro não entra drogas, não entra facas, não entra nada. Isto o que é comparado com o que se ouve das outras?”

**Adriana** – “Claro... mas aqui também é difícil. Está tudo rodeado de empregadas...”

**José Pedro** – “Por isso te estou a dizer...”

### Regras e disciplina na Escola

*Dado o interesse que revelaram pelo assunto, pareceu-me pertinente debater esta questão. Foi notória a importância deste assunto no grupo. Nesse sentido, alimentei um pouco mais o debate, lançando a questão: “Para vocês isso é algo bom ou mau?”*

**Ana Rita S. e Adriana** – “É bom!” (opinião partilhada por alguns elementos do grupo)

**José Pedro** – “É bom?! Depende... Sabe que isto é... pode parecer um conflito aquilo que eu vou falar... mas aqui as empregadas, algumas delas, disto assim fazem mais do que o que é... e vão dizer para os nossos pais e isso está mal!”

**Tânia e Ana Rita S.** – “Também é verdade”

**José Pedro** – “Há delas aí que até nos têm que passar ao lado... E isto também acontece porquê? Porque os superiores serão sempre os superiores mesmo que tenham a pior razão”

### Temas que podem ser abordados na Escola

*Perante as declarações dos alunos, questioneei se este seria um tema a abordar por eles independentemente do formato em que fosse feito: jornal, plataforma da escola, criar um blog, etc.*

**Adriana** – “Se fosse numa plataforma não ia haver muita gente a ver isso!”

*Porquê?*

**José Pedro** – “Nem todos têm um computador! Nem internet”

**Adriana** – “E há muita gente que não quer perder do tempo deles para ver uma coisa que nem lhes interessa! O nosso jornal... sempre há pessoas a vendê-lo”

**José Pedro** – “Por exemplo... acho que agora um dia destes vai haver uma comemoração qualquer... isso até daria uma notícia...”

*Sim, claro!*

**José Pedro** – “Então quer dizer que atividades que agente faça também dá? Fizemos umas coisas aqui há tempos onde fomos para a Estátua da Varina dançar, e foi lá muita

gente participar. Isso já dava uma notícia grande! Quer dizer... acho eu... que nem percebo bem disso mas como estamos a falar..."

**Henrique** – “E a bem ver há sempre alguém mais conhecido e que já pode dar mais interesse em comprar o jornal, se for por exemplo o presidente da Câmara ou da Junta.”

### Jovens nas Notícias: opiniões/noções

*Pegando na convicção, que rapidamente passou a incerteza, do José Pedro, lancei a questão se eles antes da minha chegada à Escola algum dia tinham parado para pensar nestas situações dos jovens nas notícias e de como falam deles?*

**José Pedro** – “Eu não!” (opinião unânime ainda que não proferida verbalmente por todos)

*Quando estão a ver televisão, por exemplo, e surgem aquelas notícias sobre “jovens isto e jovens aquilo” vocês nunca se questionaram ou refletiram sobre a forma como isso passa para as pessoas?*

**José Pedro** – “Eu às vezes reparo! E até comento com o meu pai. Ainda ontem, por exemplo, deu que um miúdo foi atropelado e depois a mulher fugiu e depois voltou... nem sei se vai ser acusada por se ter ausentado. Depois se não é isso é coisas de política, é isto e aquilo e depois as notícias e os assuntos são quase sempre os mesmos”

**Tânia** – “Também deu daquele rapaz que tinha sido assassinado e andava na Universidade.”

**José Pedro** – “Por exemplo, os barcos moliceiros! Este ano não houve regata e costuma haver... É assim... nos outros anos houve e não houve notícias... este ano não houve e isso já foi a notícia! Já foi para a televisão e para os jornais! Eu acho que isso está mal! Tem que se dar valor enquanto há! Não é só quando não há! (muita convicção) ... Quer dizer... isto estou eu para aqui a dizer não é? “(surge o sentimento de insegurança e medo de estar errado).

*Após a declaração do José Pedro, mais concretamente naquele sentimento de convicção e logo a seguir insegurança no que disse, senti que era importante mais uma vez ressaltar que aquelas sessões são momentos de partilha de opinião e que as opiniões nunca devem ser assumidas por ninguém como certas ou erradas. Uma opinião é uma opinião.*

*De forma a ajudar a conquistar a confiança deles e, talvez nesta etapa, a confiança que cada um tem em si também eu fui dando a minha opinião sobre os temas que iam surgindo ao longo da conversa.*

*No seguimento da conversa, comecei a incentivá-los a serem mais críticos e a despenderm um pouco mais de atenção aquando dos noticiários ou caso se deparem com um ou outro jornal. Avaliarem os temas, avaliarem a forma como as notícias estão*

*escritas, questionarem-se se é sempre assim, o porquê de determinadas notícias serem sempre muito faladas.*

*Dei como exemplo uma época em que após a transmissão de uma notícia dando conta da morte de uma idosa em casa quando já tinha sido sentida a sua falta na aldeia há uns dias, daí em diante todos os dias surgiam notícias de idosos que eram encontrados mortos em casa.*

*Questionei se continuavam a ver essa “invasão” deste tipo de notícias e se nunca mais morreu nenhuma pessoa idosa em casa.*

De forma bastante convicta e unânime todos responderam – “Não!”

**Adriana** – “Mas é assim, há aqueles casos em que... Por exemplo, há dias fui com os meus pais ver umas casas e no caminho passamos por uma casa que estava cercada com aquela fita amarela a dizer GNR e estava lá montes de gente. Se vemos aquilo tudo é sinal que não aconteceu uma coisa boa. Mas essa não apareceu no jornal e assim...”

**José Pedro** – “Depois também é daquelas notícias que dão de manhã, ao meio dia, à noite e às vezes ainda dá no outro dia ao meio-dia”

**Adriana** – “Isso se não for outra vez logo pela manhã”

**José Pedro** – “Bem, eu de manhã não vejo, por isso também só passo falar naquelas que vejo”

**Tânia** – “Estão sempre a repetir a mesma coisa...”

**Adriana** – “Ah sim... Agora também há uma notícia que está sempre a passar... aquela das 10 mulheres que foram sequestradas... e engraçado que parecem que só repetem sempre as más... nunca as notícias boas”

*Tendo como apoio a declaração da Adriana, lancei a questão “E sobre vocês jovens?”*

**João Pedro** – “Oh, no outro dia deu muitas sobre a queima das fitas! Deu ao meio dia e deu à noite ao outro dia já não deu! Mas se a notícia já fosse má de certeza que aquilo já andava ali mais tempo”

**Tânia** – “Mas sobre aquele miúdo que morreu na queima das fitas tem dado muitas vezes.”

**João Pedro** - “É má! Deu ontem de certeza que vai dar ao meio dia e à noite e mais... Eu até lhe digo, às vezes não gosto de ver televisão”

*E vocês no meio de tudo isto?*

**José Pedro** – “Olhe, somos como os outros!! Se nos acontecer algo mau somos logo notícia” (com convicção e ao mesmo tempo um sentimento de revolta)

**Adriana** – “Mas aqui ninguém nos conhece...”

**José Pedro** – “Se chamassem as televisões éramos. Pensa o quê, às vezes vem essas notícias más assim porque as pessoas ligam para as televisões! Quer dizer, acho eu... É que as televisões não vão saber estas coisas. Às vezes até está a dar as pessoas a tirarem as macas de casa das pessoas... é sinal que estavam lá nessas alturas, tiveram que ser chamados porque não iam adivinhar...”

### Torreira em notícia

**Tânia** – “Coisas más sobre a Torreira também já tem aparecido... lembraste quando morreu o irmão da Clara? Também deu que eu vi...”

**José Pedro** – “Isso são os amigos que telefonam uns para os outros”

*No seguimento do assunto sobre a morte do irmão de uma aluna da Escola da Torreira que chegou às televisões e aos jornais, levantei a questão: “Na Torreira deve de haver coisas boas para se noticiar, ou não?”*

**Henrique** – “Tem as bateiras... fala-se às vezes, quando há aquelas coisas de não permitir a pesca. Sobre o que se faz na Torreira... também já tem chamado a atenção.”

**José Pedro** – “Sabe o que lhe digo? Isto faziam-se reportagens boas era na Ria!!! Porque é que só quando há estes protestos é que alguns veem a televisão? Eu isso acho mal!”

**Adriana** – “A Torreira tem muita cultura e nem é divulgada muitas das vezes ... e pouca gente sabe disso.”

**José Pedro** – “A Torreira dava centenas e centenas de notícias! Mas bonitas e boas!! Mas quem é que vai querer saber disso??? Queremos saber a gente aqui!”

**Henrique** – “Falar sobre as artes...”

**José Pedro** – “Mas se for as pessoas do Algarve a verem uma notícia sobre aqui ou Aveiro já não lhes interessa tanto. Como também ao contrário...”

**Célia** – “Se calhar se for má eles veem...”

*Enquanto mediadora do debate, tentei mais uma vez reencaminhar a discussão para a questão da forma como os jovens são noticiados. Se isso lhes diz alguma coisa? O que sentem? Dei-lhes o exemplo de uma notícia sobre a queima das fitas em que apareciam muitos jovens já sob o efeito do álcool, em que se via muita animação e ao mesmo tempo atos de rebeldia... Tentei dar-lhes a entender que se para algumas pessoas que viram a notícia aquilo foi assumido como uma fase da vida académica, para outras pessoas aquilo seria como que uma “prova” de como a juventude de agora só pensa em festa, em álcool, e é assumida como uma juventude sem responsabilidades.*

**José Pedro** – “Por exemplo, é como aqui no Carnaval ... aquele que se faz agora todos os anos em abril, foi até este Domingo, havia um grupo aqui da Torreira que só se via era

*cervejas na mão, porque aqui as pessoas só se divertem a beber... mas os outros grupos nem iam a beber e ainda se iam a divertir mais.”*

**Adriana** – *“Também pode ser mais para chamar a atenção”*

**José Pedro** – *“E depois ainda por cima é mulheres e tudo a beber... (diz indignado) eu não acho nada bem, mas pronto... é a minha opinião.”*

### **Propostas para promover a mudança**

*O que é que vocês estariam dispostos a fazer para mudar esta forma como são vistos? Por onde começariam?*

**Adriana** – *“Talvez por começar a fazer uma sessão de sensibilização para os alunos da escola... e explicar-lhes precisamente aquilo que estamos a debater aqui”*

**José Pedro** – *“Fazer tipo uns cartazes... não!?”*

**Adriana e Ana Rita S.** – *“Panfletos!”*

**José Pedro** – *“Bem... isto também ia acabar por ir tudo para o lixo...”*

**Célia** – *“Mas mais vale começar pelo pouco do que nem sequer começar...”*

*Dado que o grupo não estava a conseguir desenvolver mais ideias que pudessem ser implementadas de forma a gerar “a mudança”, lancei para o debate o “Jornal de Escola” que é elaborado em pleno pela Direção e, segundo os alunos, pela secretaria.*

**Adriana** – *“Podíamos ficar encarregues do jornal... e lá metíamos por exemplo estas coisas que aqui debatemos...”*

*No seguimento da ideia da Adriana em o grupo ficar responsável pelo Jornal e, uma vez que se revelou evidente as dificuldades que teriam em assumir tal responsabilidade neste momento, ainda que o Jornal da Escola seja publicado uma vez por período. Lancei a ideia de criar um clube de jornalismo onde em conjunto se elaborariam matérias para se publicar no Jornal da Escola, contribuindo de alguma forma para a elaboração do mesmo, ou matérias que seriam colocadas na plataforma que a turma dispõe, criada pelos alunos e pelo Prof. Manuel.*

*A ideia foi bem recebida pelo grupo, no entanto, foram também confrontados com todas as responsabilidades e compromissos que teriam que assumir para que esta ideia fosse colocada em prática.*

*Foram dados alguns incentivos da minha parte, nomeadamente, que seriam a turma a implementar o projeto e que teriam um papel fundamental no Clube de Jornalismo porque seria uma forma de mostrarem também à escola e aos colegas que eram capazes de assumir responsabilidades e que estariam acima de tudo a contribuir para a mudança!*

*Após a minha intervenção começam a surgir e a serem analisados os primeiros entraves, na ótica do grupo, à possibilidade de se criar um Clube de Jornalismo, designadamente,*

*que existe uma quantidade considerável de alunos desta turma que não vão transitar para o 9.º ano e ao possível cenário de não conseguirem trabalhar todos juntos tendo em conta que depois haverá incompatibilidade de horários e que os que transitam de ano terão os exames nacionais, etc.*

**EQUIPA 2****1.ª SESSÃO (18 de abril)****Sala 17****Intervenientes:** Valéria; Ana Rita F; Ana Marques; Nicole; Catarina; Cátia; Nádia; Carolina**Leitura das manchetes dos jornais**

*Após lhes explicar qual o motivo de estarem ali aqueles jornais e o que se pretendia deram logo início à procura de notícias que envolvessem jovens. Ao contrário do primeiro grupo, esta procura foi feita de uma forma menos ponderada e muito mais confusa pois estavam numa constante troca de impressões com os outros elementos do grupo.*

**Cátia** – “Olha aqui há uma notícia de um homem que morreu”

**Catarina** – “Então, essa serve... se morreu tá fixe!”

**Carolina** – “Final temos que ver como? E o que é que precisamos de dizer? É só esta parte?” (referindo-se ao título e subtítulo da notícia).

**Valéria** – “Tia salva menina apanhada pelo fogo” e “Antigo treinador nega abuso a 16 meninos”

**Ana Rita F.** – “Crianças esquecidas anos a fio”

**Ana** – “Um exame melhor para alunos e professores”

**Nicole** – “Jovens interessados na política e no futuro”

**Catarina** – “População caça homem que exhibia genitais na via pública”

**Cátia** – “Aluno de 10 anos limpa sanitários”

**Nádia** – “Jovem ataca familiar de 82 anos”

**Catarina** – “Menina de 7 anos fatura 1 milhão de dólares”

*A Catarina foi alertada para o facto de a notícia por ela escolhida não ir de encontro ao que estamos a procurar – notícias de jovens. Prontamente se dispôs a procurar outra notícia. Verifiquei que, dada a sua euforia desde o início da sessão, não tomou atenção ao que se pretendia.*



**Catarina** – *“Também pensa o quê?!?! Só metem coisas más nos jornais que é para a gente comprar! Espertinhos!!”* (diz de forma convicta)

**Cátia** – *“Eu nunca vejo os jornais... Só vejo... Na televisão”*

**Nádia** – *“Eu acho que isto é que dá mais interesse às pessoas, por isso é que eles metem isso!”*

**Valéria** – *“Também pode ser para nos sensibilizar... Colocam estas notícias para nos chamar a atenção para alguns perigos”*

**Cátia** – *“É isso... se calhar para andarmos mais alertas...”*

### Jovens nas notícias

*Lancei para debate a questão se elas enquanto jovens sentiam que “eram colocadas dentro do mesmo saco que outros jovens noticiados”*

**Nádia** – *“Acho que não. Se não é nada connosco não temos porque nos sentir assim.”*

**Cátia** – *“Oh... eu a ver isto tenho medo de andar à noite”*

*Lancei novamente a questão se “não sentem que as pessoas, com as notícias menos boas que vão surgindo sobre os jovens, assumem a juventude atual com mais desprezo e com mais dúvidas?”*

**Catarina** – *“Mas eles lá nos conhecem!? É que nós não somos todos iguais. Só porque alguns aparecem nos jornais não quer dizer que isso também se passe com nós!”* (diz de forma indignada)

**Valéria** – *“Mas a verdade é que alguns até podem ser assim...”*

**Cátia** – *“Há muita coisa que se diz nos jornais e as pessoas vão atrás disso”*

*Não houve grandes desenvolvimentos sobre a questão lançada, pelo que voltei a referir o estudo realizado por Cristina Ponte quanto a este tema, bem como os resultados obtidos e tentei apelar mais uma vez ao sentido crítico e de opinião dos elementos do grupo.*

*Na tentativa de obter mais discussão, mais opiniões lancei a questão “e se o jornalista que escreveu qualquer uma dessas notícias estivesse aqui agora? O que lhe perguntariam?”*

**Catarina** – *“Porque é que vocês só escrevem coisas más? Era logo!”*

**Nádia** – *“Porque é que não escolheu outras coisas para falar?”*

**Valéria** – *“Perguntava porque é que não escreviam mais notícias boas, isto para que as pessoas não pensem que isto anda aqui tudo a correr mal e só desgraças”*

*Apesar das várias tentativas o grupo insistia na falta de atenção, na desconcentração e na distração. Ora pegavam e largavam os jornais e procuravam notícias que em nada tinham a ver com o tema, quanto não fosse para atrair a atenção dos restantes elementos do grupo. Por outro lado, entre a Catarina e a Cátia estavam sempre a decorrer conversas paralelas que acabavam por gerar ruído na informação que eu tentava recolher dos restantes elementos do grupo.*

*Sempre na tentativa de atrair a atenção do grupo e incentivando ao debate, questionei o grupo se a atitude e o sentido crítico delas perante as notícias que viam na televisão sobre jovens tinha mudado desde o dia em que eu me apresentei na Escola para apresentar este projeto. Nenhum dos elementos respondeu à questão, sendo que a aluna Catarina foi a primeira a mais uma vez cortar a linha de pensamento dos restantes elementos do grupo, levando conseqüentemente a que o grupo se voltasse a dispersar.*

*Um dos assuntos que adveio desta dispersão foi o desaparecimento da Maddy que havia sido motivo de notícia no dia anterior num dos telejornais. Durante bastante tempo o grupo tomou partido desse tema e assumiram-no como foco de debate, designadamente, no que diz respeito à envolvimento, ou não, dos pais no desaparecimento, quais os motivos que poderiam estar por detrás de um suposto rapto, etc.*

*Neste momento optei por deixar que o grupo debatesse o tema, muito em parte como forma de avaliar as opiniões e a noção de sentido crítico de cada elemento do grupo, bem como, se seriam capazes de manter um debate. Ou seja, deixei que fosse o próprio grupo a “decidir” o tema que queriam debater, ainda que eu nunca o tenha referido, pois podia ser uma das formas de eu perceber se o tema que eu tinha lançado para o debate seria ou não interessante e motivador.*

*A determinada altura a Catarina e a Cátia cortaram a sequência do debate com um assunto que em nada tinha a ver com o tema que o próprio grupo “assumiu” como foco de debate e discussão. Provocaram de uma forma quase que instantânea o corte absoluto do debate, de tal forma que todos os elementos se calaram e não terminaram sequer aquilo que estavam a dizer sobre o assunto “Maddy”.*

*Mais uma vez tive de intervir, tentando de alguma forma redirecionar a atenção do grupo para o tema que se pretendia trabalhar. Lancei a questão:*

*“O que estariam dispostas a mudar na Escola para que eles (alunos), enquanto jovens, pudessem incentivar a comunidade escolar (alunos, professores, funcionárias) e a própria comunidade da Torreira a olhar para os jovens enquanto seres responsáveis e capazes de assumir algo e não como jovens irresponsáveis e sem vontade de mudar?”*

### **Propostas para promover a mudança**

**Carolina – “Fazer um jornal”**

**Nádia – “Bullying!!! Há muito bullying aqui na Escola, pode não ser muito fisicamente mas psicologicamente”**

**Cátia** – “E fisicamente! Havia aqui um rapaz que era o N\*\*\*\* e que os rapazes lhe batiam e tudo...” (todo o grupo se pronunciou de alguma forma quanto a este caso).

*Na tentativa de explorar um pouco melhor quais as ideias que tinham sobre a elaboração de um jornal, questionei o grupo sobre o formato que o jornal da Escola tinha e se ia de encontro ao gosto deles, o que mudariam.*

*Ainda que não respondessem com coerência à questão que lhes tinha sido colocada, alguns elementos do grupo revelaram-se interessados em “denunciar” estes atos de bullying, nomeadamente a aluna Nádia e Valéria.*

**Nádia** – “o jornal não fala de muita coisa... só de coisas que aconteceram ou atividades. Coisas assim”.

**Valéria** – “Sim, é mais dentro disso”.

**Nádia** – “Agora... mesmo que tentássemos falar com alguém para falar sobre esse tema é muito difícil porque a pessoa não ia falar com medo...por isso...”

### **Bullying: Duas histórias escondidas**

*Na sequência desta intervenção sobre o “bullying na escola” dois elementos do grupo manifestaram-se de uma forma bastante notória, acabando inclusivamente por revelar perante todo o grupo que já haviam sido também elas vítimas de bullying naquela Escola.*

*Os restantes elementos mostraram-se surpreendidos pela revelação, pois segundo elas “nunca se aperceberam de nada disso”.*

*Mostrou-se evidente a necessidade que ambas sentiam em revelar aquela que havia sido uma experiência passada entre o 5.º e o 6.º ano e que as marcou profundamente, enquanto jovens, mulheres e que colocou em causa a confiança nelas mesmas.*

*A revelação levou a que os restantes elementos do grupo se pronunciasse e levantasse algumas questões, nomeadamente, “o que é que as pessoas vos faziam?”; “quem eram?”; “e vocês o que é que faziam?”...*

*As duas raparigas, vítimas, apesar de nunca terem revelado nomes, foram bastante claras quanto à explicação que deram, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de situações a que foram sujeitas, quais os motivos, porque razão se viram obrigadas a sujeitar-se, etc. No entanto, o mais importante foi a conclusão/lição que tiraram de todo aquele sofrimento:*

**“temos que ter confiança em nós e acreditar que temos valor é se calhar a principal forma de conseguirmos ultrapassar uma situação destas.”**

*Foi notório o constrangimento por parte das duas, no entanto, foi da mesma forma evidente o sentimento de “repulsa” demonstrado por alguns elementos do grupo ao terem conhecimento do sofrimento a que as colegas tinham sido sujeitas. Verificou-se uma forte união e sentimento de companheirismo, independentemente da maneira como se pronunciaram sobre a forma como “solucionariam” essa situação.*

*Pegando na importância do tema em questão, e dado que o mesmo surgiu na sequência da minha pergunta sobre “o que colocariam no jornal da Escola?”, pareceu-se de todo pertinente explorar com o grupo a ideia de no jornal da Escola serem debatidos temas que os alunos achem relevantes e que de alguma forma, independentemente de serem considerados assuntos “bons” ou “maus”, possam servir para alertar, e quem sabe até ajudar quem está a passar por uma fase semelhante.*

*Verificou-se que o grupo ficou um pouco intrigado sobre a questão, uma vez que não estava a conseguir perceber de que forma poderiam tratar, por exemplo, o tema do bullying no jornal da Escola sem “denunciar” pessoas, sem colocar nomes, etc.*

*Para tal dei alguns exemplos de títulos para uma notícia sobre bullying na Escola aos quais as reações foram imediatas.*

*“Alunos vítimas de bullying na Escola da Torreira”, “ Maria e Luís vítimas de bullying na Escola da Torreira”*

**Cátia** – *“Oh... deus me livre!”*

**Catarina** – *“ Oh, ainda era pior. Aí quem andava a fazer isso ainda fazia pior, era bem capaz de chegar à beira das pessoas e pimba!”*

*Como iriam abordar a questão?*

**Carolina** – *“Podia-se pôr – «Alunos vítimas de bullying mas já está tudo resolvido»!”*

*Em consequência desta questão – Jornal da Escola - o grupo manifestou-se dizendo que era com o debates sobre problemas como este que o Jornal devia ser elaborado e não com notícias sobre “prémios que uma professora, que nós nem conhecemos, ganhou não sei onde” e com “assuntos que não interessam pra nada e que ainda por cima somos obrigados a comprar o Jornal”.*

*Começamos então a aprofundar a questão do Jornal da Escola, nomeadamente, quem o elabora, quando, que assuntos contém, se acham o jornal interessante e se o leem.*

*As respostas foram muito semelhantes e muito bem justificadas por algumas das intervenientes.*

### O Jornal da Escola

**Catarina** - “ O Jornal é feito pelas Sras. da Secretaria! Elas fazem e desfazem e escolhem o que querem lá meter!! Depois dizem que o Jornal é da Escola... não... o jornal é delas!

**Valéria** – “ Acho que elas têm demasiado poder sobre o jornal. Os assuntos que lá aparecem são assuntos que elas nem querem saber se têm interesse ou não para nós. Ainda ninguém nos perguntou se gostávamos do jornal assim, o que devia mudar.”

**Rita** – “Há sempre alguns trabalhos das crianças da Pré (Pré – Escola), depois lá vem uma notícia ou outra sobre os alunos muito bons e não sei quê...”

**Catarina** – “E pagamos 1€ por isto! É que somos obrigados a comprá-lo! Quando nem sequer estamos lá!”

*Questionei o que mudariam e se achavam que conseguiam assegurar e responsabilizarem-se pela elaboração de 1 página do jornal, onde escolheriam o tema sobre o qual queriam falar e teriam que fazer um trabalho de investigação e trabalhos de grupo para poderem tratar de tudo até o jornal ser publicado.*

*As respostas sobre as mudanças não foram muito diferentes às que haviam dado anteriormente, já no que diz respeito ao assumir a responsabilidade por 1 página do jornal foram muito reticentes e inclusivamente não aprofundaram muito essa situação. Perante esta atitude, presumi que já tivesse havido alguma tentativa mal sucedida.*

*Nesta sessão não consegui explorar mais a questão, dado que o toque para o intervalo interrompeu o debate e automaticamente o grupo começou a dispersar-se.*

**EQUIPA 3****1.ª SESSÃO (2 de maio)****Sala 17****Intervenientes:** João; Carolina; Bruno; Rogério; Micaela; Inês; Andreia; Eliano; Soraia**Leitura das manchetes dos jornais**

*À semelhança das reações das equipas que já tinham passado por esta primeira sessão de debate, também a terceira equipa de investigação revelou perplexidade no “aparato” dos jornais espalhados pelas mesas.*

*De igual forma, as primeiras reações foram de folhear os jornais mesmo não sabendo o que procuravam e mesmo não tomando atenção às notícias que apresentavam maior destaque.*

*Tal como nas sessões anteriores, expliquei aos alunos em que se baseava esta atividade e prontamente, sem grandes rodeios ou questões, iniciaram a busca desafogada por “notícias em que os jovens estivessem de alguma forma envolvidos”.*

**Carolina** – “Olha esta... Adolescente de 12 anos apunhalou irmã até à morte.”

**Andreia** – “Ai, tadinha!” (com algum constrangimento)

**Andreia** – “Stôra, o meu jornal parece que não tem... pelo menos que eu tenha visto...”

*Começam a surgir as conversas paralelas quando no decorrer da procura das notícias alguns alunos se deparam com o “Futebol”. Em poucos segundos a turma começa a dispersar-se completamente, levando a que a minha intervenção para redirecionar o assunto em debate, ao contrário do que tinha acontecido nas sessões das equipas anteriores, fosse mais precoce.*

**Bruno** – “Aqui diz «20% das crianças veem mal» isto é capaz de ser”

*Os colegas rapidamente se manifestaram dando os seus pareceres quanto à escolha da notícia, no entanto, mais uma vez a dispersão foi inevitável pois começaram a surgir conversas paralelas que em nada se enquadravam à sessão.*

*Alertei mais uma vez para que retomassem a procura por forma a podermos seguir com o debate o mais breve possível para que todos pudéssemos aproveitar o tempo que nos tinha sido generosamente concedido.*

*Ao fim de uns minutos todos tomaram a atenção necessária para que se pudesse começar com a leitura das manchetes que entediavam ir de encontro ao que tinha sido pedido.*

**Inês** – “Alunos do clube de poesia lançam novo livro de poemas”

**Eliano** – *“Bebé de 12 meses que sofreu acidente continua internado no hospital com prognóstico reservado derivado a eventuais danos cerebrais.”*

**Andreia e João** – *“Mas isso é de uma criança...”*

**Eliano** – *“Deixa ver se aqui para a frente diz alguma coisa...”*

**Soraia** – *“Rapariga de 18 anos sofreu ferimentos graves no passado Domingo depois de cair à linha do apeadeiro.”*

**Eliano** – *“Linha do quê??”*

*Apesar de apenas o Eliano se pronunciar foi evidente que também outros elementos da equipa se depararam pela primeira vez com a palavra “Apeadeiro”, sendo que outros apenas necessitavam de ter a certeza de que tinham a ideia certa do que poderia ser.*

**João** – *“Estudantes afogam mágoas no cortejo do Enterro da Gata – Braga”*

*A equipa era composta por 9 elementos, no entanto, nem todos se empenharam de forma a pelo menos conseguirem lançar uma manchete para o debate. Assim, e dado que comecei a verificar que a equipa não estava motivada o suficiente, decidi interromper a fase de “procura” de notícias passando ao início do debate com a questão “Ainda se lembram qual era o tema do meu projeto quando eu vim falar com vocês no primeiro dia?”*

**Unânime** – *“Sim!”*

**Andreia** – *“Era sobre notícias de jovens!”*

**Eliano** – *“Pois, para ver se eram boas ou más... como aquela senhora que a stôra falou que fez também no Brasil”*

**Eliano** – *“Olhe, estas aqui umas são boas e outras são más...”*

**Soraia** – *“Há umas mais ou menos”*

*Dadas as respostas obtidas, ainda que muito vagas, lancei a questão se alguma vez se tinham interessado em olhar para os jornais, e para as notícias que surgiam sobre jovens, desta forma que estávamos a fazer naquele momento.*

**Eliano** – *“Oh Stôra, eu não vejo muito os jornais”*

**Andreia** – *“Eu nunca. Não!”*

**Soraia** – *“Eu nunca pensei assim... mas o que me chama mais a atenção é quando são os pais a bater nos filhos, aquelas coisas da violência.”*

**João** – *“Tipo esta notícia «homem coseu a boca da filha com linha de pesca»”*

**Andreia** – *“Ai...”*

**Carolina** – *“Possa...”*

**Rogério** – “Ah?? O que é que disseste??”

*Esta intervenção do Rogério trouxe de imediato a dissipação da atenção do grupo levando a conversas paralelas que iam desde contar algumas histórias que “tinham ouvido dizer” entre outras que provinham de cenas que tinham visto em algumas séries de televisão.*

### As vozes da equipa sobre o Jornal da Escola e sobre o facto de serem da Torreira

*Na tentativa de captar de novo a atenção do grupo lancei a questão “Vocês já alguma vez sentiram que eram colocados quase que «no mesmo saco» que outros jovens que são noticiados pelos piores motivos?”*

*Surge um breve momento de silêncio.*

**Eliano** – “Às vezes sinto isso...”

*Rapidamente intervi – “Como acham que poderiam mudar isso?”*

**Eliano** – “olhe podíamos... Mas também é só porque nós aqui da Torreira estamos sozinhos, porque se calhar se fossem as escolas todas juntas já não sentia muito isso. Aqui os outros falam de nós... mas se fôssemos todos unidos... se calhar já não era assim...”

**Andreia** – “Fazer uma coisa tipo manifestação contra isso”

**Eliano** – “Isso era capaz de fazer com que ficássemos mais conhecidos... e não falassem tanto assim de nós”

**Bruno** – “yaaa uma cena dessas é que era.”

**Eliano** – “Oh Stôra, agora só nós aqui da Torreira o que é que podemos fazer?!?! Nada, né?”

*Perante a pergunta, que mais parecia afirmação, do Eliano lancei a ideia que uma das outras equipas tinha proposto na sessão – maior colaboração no Jornal da Escola.*

**Soraia** – “Vem sempre coisas que às vezes nem sabemos do que são.”

**Andreia** – “Eu acho que desde o início que o jornal daqui da escola devia ter sido feito por alunos.”

**João e Bruno** – “Elas não deixam...” (referindo-se às funcionárias da secretaria)

**Bruno** – “Então não é que ainda nos obrigam a dar 1€ pelo jornal?!?! Posso dizer que ele acaba quase sempre no lixo”



**Eliano** – “Na verdade nós só serviços para comprar e mais nada! E nem somos nós que o fazemos!!! Olhe, o meu é a minha mãe que ainda o vê porque eu nem toco no jornal.”

**Rogério** – “Quer dizer, ainda vais dizer que somos capazes de fazer o jornal ou isso... oh!”

**Eliano** – “Se não for fazer... ao menos ajudar ou dar a opinião.”

**Eliano** – “Eu só se for mesmo às vezes pelas fotos... senão...”

**Bruno** – “Se eu lhe disser que às vezes é a falar mais dos professores e com grandes fotos e depois de nós é coisinhas pequeninas que aquilo mal se vê... oh!”

**Soraia** – “Oh... isto é só o que eles querem e pronto!”

**Bruno** – “Mas ainda assim o jornal não dá para todos ... é só para “estes alunos” e “aqueles alunos” e pronto...”

**Soraia** – “Se calhar são os que ficam melhor nas fotografias ...” (diz entre risos)

**Bruno** – “Não interessa!!! Vão ser sempre «estes alunos»”

*Ainda que em conversas com os colegas do lado, todo o grupo se manifestou de alguma forma quanto a esta situação. No entanto, lancei imediatamente uma questão, no sentido de perceber o que estariam dispostos a fazer para mudar, eventualmente, essa situação de não colaboração na composição do jornal.*

*A primeira resposta foi o silêncio e os olhares entre uns e outros na esperança de conseguirem encontrar alguma resposta “mais correta”.*

*Atenta ao momento, entendi oportuno lembrar que não estava à procura da “resposta mais correta” ou da “melhor resposta” . Todas as respostas seriam válidas, todas as respostas seriam ouvidas e se necessário, seriam trabalhadas por forma a irem de encontro ao que eles pretendiam fazer mas que não estavam a conseguir explicar.*

**Bruno** – “Olhe stôra... isso tinha que se ver e falar e todos juntos ver o que podia ser feito. Mas que não é assim tão fácil e bonito como a stôra pensa não é...”

**Soraia** – “Pois... há coisas aqui que às vezes não compreendo... Olha aquela coisa do Edgar, só porque o rapazinho é mais gordo as senhoras do buffet só o deixam comer um croissant...”

**Bruno** - “Pois... olha lá o jeito disso! Se o rapaz quer comer dois nem pode.”

*Surge o toque para o intervalo. Toda a atenção passou como que instantaneamente para o arrumar das malas e no fechar dos jornais. Deu-se por terminada a sessão.*

**EQUIPA 1****2.ª SESSÃO (9 de maio)****Sala 17****Intervenientes:** José Pedro; Adriana; Ana Rita S; Tânia; Henrique; Célia; Juliana; Arménio**Visualização e análise das reportagens**

*A segunda etapa nas sessões de focus group consistia em fazer passar vários momentos na exibição de notícias dos vários telejornais da televisão portuguesa (RTP, SIC, TVI).*

*A equipa 1 ao entrar na sala verificou de imediato que aquela que seria a sua 2.º sessão de focus group seria diferente da primeira. Primeiro repararam que a sala se encontrava mais escura e a tela e o datashow estavam ligados. Começaram a surgir os primeiros comentários face ao cenário que encontraram na sala de aula.*

**José Pedro** – “Eh... Vamos ver alguma coisa Stôra?”

**Arménio** – “Com um bocado de sorte algum filme, não?”

*Todos se riram e iniciaram-se comentários e especulações quanto ao que iria acontecer naquela sessão.*

*Depois de terem sido apresentados todos os vídeos questionei a equipa quais as ideias principais que tinham retido daquele conjunto de pequenos trechos de vários telejornais.*

**Arménio** – “As primeiras notícias falavam dos jovens e do consumo do álcool e do tabaco... outras sobre uns jovens que ganharam um prémio qualquer numa prova de atletismo... e este era sobre um que morreu num tiroteio mas essa até deu em mais do que um sítio.”

*Questionei o grupo se tinham reparado em alguma coisa diferente ou que lhes tivesse chamado a atenção em algum dos vídeos apresentados.*

**Tânia** – “Um deles repetiu uma parte algumas vezes...”

**José Pedro** – “Pois foi...”

*Que parte?*

*Todos ficaram em silêncio durante uns segundos olhando uns para os outros na expectativa de perceber se os colegas estariam de acordo com o que iriam dizer.*

**Arménio** – “Acho que foi a parte «notícia da noite».”

**Ana Rita** – “Sim...”

*Atenta ao silêncio e à resposta insegura dos dois alunos, completei a resposta deles lançando ao mesmo tempo para discussão a questão do “enfoque que o jornalista deu à notícia dizendo que aquela era a notícia da noite. Isso quer dizer que não houve mais notícias naquele dia?”*

**José Pedro** – “Não!! Ele quis dizer que aquela era a melhor notícia da noite... mas houve mais.”

*Os colegas acabaram por concordar com o José Pedro até ao Henrique ter manifestado a sua opinião:*

**Henrique** – “Eu acho que ele quis dizer que aquela que ia ser a mais falada.”

*Com a intervenção do Henrique os colegas acabaram por deixar de ter “tanta certeza” que a resposta do José Pedro teria sido a mais correta.*

*Dado que ficaram todos um pouco confusos, decidi voltar a lançar o vídeo para verem mais uma vez e poderem interpretar qual dos dois colegas estaria mais perto daquela que seria a intenção do jornalista ao iniciar a notícia daquela forma.*

**Arménio** - “Pois... agora vendo outra vez a mim parece aquilo que o Henrique disse...”

**Adriana** - “Ele disse «a notícia da noite» porque foi uma que tinha acontecido há pouco tempo. Era mesmo muito recente, por isso era normal ser a mais falada nos telejornais.”

**José Pedro** - “Pois... às vezes estão sempre a falar na mesma coisa... até chateia! É enquanto não vem outra...”

**José Pedro** - “Olhe esta semana eu estive mais atento... e se quer que lhe diga nem vi grandes coisas sobre os jovens nem boas nem más...”

*Só porque não ouviste “notícias boas” sobre os jovens, durante a semana isso quer dizer que não houve “coisas boas” que algum jovem tenha feito.*

**Henrique** - “Não...”

**José Pedro** - “Olhe, sabe que lhe digo?!?!? É sempre a mesma coisa!”

*A equipa não se revelou muito interventiva, ao contrário do que havia acontecido na primeira sessão. Começou a tornar-se cada vez mais evidente que o grupo não se estava a sentir muito à vontade com aquela sessão.*

*Apesar do meu esforço e das minhas intervenções no sentido de apelar à conversa e ao debater outras questões, o grupo acabou por não se manifestar muito mais.*

*Dada a situação, e por forma a não perder por completo o rumo da sessão, optei por transpor um pouco do que haviam dito sobre os vídeos que viram para a realidade deles na Escola. Lancei a questão “Sentem que aqui na Escola isso acontece também? Que quando fazem algo bom não tem tanta atenção da Escola como se fizessem algo de mau?”*

**José Pedro** - “Às vezes até parece que sim...”

### **Propostas para promover a mudança**

*Sentem que isso acontece só cá dentro ou também lá fora?*

**Adriana** - “Também”

*Se isso acontece, acham que deve continuar como está ou sentem que podem fazer alguma coisa para mudar um pouco isso?*

**Arménio** - “Podemos mudar...”

*Começariam por onde?*

**Adriana** - “Pela Escola!”

*O que estariam dispostos a fazer?*

**Arménio** - “A mostrar às pessoas cá da Escola o que conseguimos fazer. Como a gente disse da outra vez, podíamos ajudar no Jornal.”

**José Pedro** - “Podíamos até fazer uma coisa assim... sei lá... daquilo que conseguimos fazer e mostrar às outras turmas.”

*Dada a resposta pouco clara do José Pedro, tentei perceber o que entendia por «mostrar às outras turmas o que eles conseguiam fazer».*

**José Pedro** - “Sei lá... podíamos começar por perguntar se eles já se tinham apercebido disto dos jovens serem falados nas notícias...”

*E depois?*

*Instalou-se o silêncio. Nenhum dos elementos respondeu à minha questão e muito menos deu seguimento à ideia lançada pelo José Pedro.*

*Atendendo à falta de respostas e ao silêncio sentido, entendi que devia de ter uma conversa séria com o grupo no sentido de perceber se ainda queriam fazer parte do projeto, se havia alguma coisa que os estivesse a deixar pouco confortáveis...*

*A resposta foi unânime e bastante convicta: “Queremos pois!”*

No entanto, era importante transmitir à equipa que eles têm que fazer melhor do que lançar ideias para o ar simplesmente “porque sim”, era necessário pensarem em algo concreto, algo que eles soubessem que seriam capazes de cumprir do princípio ao fim. Mais importante do que virem a fazer algo, era fazerem-no bem feito e com toda a dedicação e empenho. Não tem que ser algo muito elaborado nem muito complexo só para impressionar, tem que ser algo realista, possível de ser realizado e que possa contar com a participação das três equipas.

**José Pedro** - “Já tínhamos falado em fazer o jornal da Escola, stôra.”

À resposta do José Pedro, lancei a questão: “Sentem-se devidamente preparados para assumirem a função de tratar do Jornal da Escola?”

Mais uma vez o silêncio e a troca de olhares serviu de resposta à minha questão. Assim, reformulei a pergunta na tentativa de conseguir uma resposta mais clara. “Entre ficarem responsáveis pelo jornal da Escola e ficarem responsáveis pela elaboração de uma página inteira do jornal da Escola, o que vos parece mais viável?”

**Unânime** - “Uma página.”

**Adriana** - “Se calhar em vez do jornal... sei lá... fazer uns panfletos?”

**José Pedro** - “Para quê? Para teres o trabalho de os fazeres e depois irem parar ao lixo? Por acaso...”

Com a mudança repentina da posição da Adriana, questioneei sobre o porquê de ter mudado de opinião entre o Jornal e um panfleto.

**Adriana** - “O jornal inteiro a ver bem é difícil... onde vamos arranjar coisas para pôr lá? Uma página já é diferente... Mas mesmo assim... não sei... íamos lá escrever o quê? Não é pôr coisas por pôr... e temos que ter ajuda...”

**Tânia** - “Fazer todos.”

Todos quem? Todos turma ou todos alunos?

**Tânia** - “Todos alunos!”

Como conseguirias fazer com que todas as turmas do 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º colaborassem na elaboração do Jornal?

**Unânime** - “Não dá!”

**Adriana** - “Temos que ter também em atenção que não podemos pôr coisas só para encher... É preciso arranjar coisas que nós sabemos que os alunos que vão ler vão gostar e que isso lhes diz alguma coisa.”

O que é que fariam para tentar perceber o que é que os vossos colegas gostariam de ver publicado no jornal?

**Adriana** - “Podíamos ir às turmas, explicar que a nossa turma está a trabalhar num projeto sobre os jovens nas notícias e explicar aquilo que nós temos visto e falado aqui e pedíamos para eles nos dizerem o que gostavam de ter no jornal. Depois com o que eles nos dissessem nós já sabíamos que assuntos podíamos colocar no jornal e que era do interesse de todos.”

**José Pedro** - “Olha que eu nem percebi o que é que ela disse... veja lá.”

*Risos. A Adriana voltou a explicar ao José Pedro a sua ideia para poder recolher os gostos de todos os alunos da escola sobre o que gostavam de ver no jornal.*

**José Pedro** - “Pois... Eu pensei nisso ainda agora! Eu não disse?!?!?” (entre a dúvida de ter pensado mas não ter apresentado a ideia ao grupo)

*Risos.*

**José Pedro** - “Ai, stôra... isto hoje está difícil.” (diz esfregando a cara e os olhos como se tivesse acabado de sair da cama)

O silêncio voltou a instalar-se na sessão. Era cada vez mais evidente o cansaço e preguiça matinal que envolvia a equipa.

*Toque de saída.*

#### **EQUIPA 2**

**2.ª SESSÃO (16 de maio)**

**Sala 17**

**Intervenientes:** Valéria; Ana Rita F; Ana Marques; Nicole; Catarina; Cátia; Nádia; Carolina



### **Visualização e análise das reportagens**

*Ao contrário do que tinha acontecido com a primeira equipa, a minha entrada na sala de aula foi em conjunto com o grupo, pelo que, não foi possível organizar a sala previamente por forma a “surpreender” o grupo.*

*Assim, contei com a ajuda do grupo para fechar as janelas para que a luminosidade vinda do exterior não condicionasse a visualização dos vídeos; dispuseram as mesas de forma a ficarem todos de frente para a tela do datashow.*

**Catarina** – “O que é que agente vai fazer afinal?”

**Cátia** – “Vamos ver um filme... (risos)”

**Catarina** – “Oh, até parece!”

**Nicole** – “Ui... tu lá sabes! Pode ser, né stôra?”

**Carolina** – “Isso é que era fixe...e eles na aula (risos)”

**Catarina** – “Oh, tá calada pah... anda mete isso a baixo (referia-se ao estore) ”

*A Ana Rita F. a Valéria e a Nádia estavam a organizar a junção das mesas, conversando sobre uma situação entre colegas mas num tom mais discreto levando a que a intervenção das restantes colegas se notasse mais.*

*Tal como havia feito com a equipa anterior, procedi à explicação de como iria decorrer a sessão:*

*A equipa recebeu todas as indicações e não houve qualquer questão. No entanto, depois de terem dado conta que não havia dúvidas quanto ao que era para fazer, a Catarina, a Nicole e a Cátia rapidamente se envolveram numa conversa cujo assunto nada tinha a ver com o que se estava a tratar e levaram à dispersão geral do grupo*

*Depois de terminada a apresentação dos vídeos, foi inevitável o surgir das conversas entre os elementos, ainda que em nada tivessem a ver com o tema. A Catarina, a Cátia e a Nicole eram as vozes que mais se evidenciavam, de tal forma que apesar das restantes colegas também estarem a conversar, era quase impossível ouvi-las.*

*“Podemos falar sobre o que acabamos de ver?”*

**Catarina** – “Podemos pois!”

**Unânime** – “Sim”

*“Têm noção que vocês estão difíceis de aturar!” (risos)*

**Unânime** – risos

**Nicole** – “Nós somos assim!”

**Carolina** – “Há dias stôra!” (risos)

*Depois de verem as reportagens que acabei dos vos mostrar quais são as primeiras ideias que vos surgem?*

**Nádia** – “São assuntos sobre jovens!”

**Valéria** – “As notícias são sobre jovens mas umas foram boas, tinha a ver com o atletismo, parece, mas outras já eram sobre os jovens e o álcool e sobre um tiroteio.”

*Qual foi a reportagem que mais vos chamou a atenção?*

**Catarina** – “Aquela do rapazinho que morreu num tiroteio.”

**Cátia** – “Pois a mim também foi essa que chamou a atenção!”

*Porquê?*

**Catarina** – *“Porque é uma coisa triste, uma morte, né?!?!”*

**Cátia** – *“A morte de uma pessoa é sempre uma notícia que estamos com mais atenção...”*

*Houve uma notícia sobre um grupo de jovens que está a promover alguns ofícios mais antigos mas aplicando novas técnicas e formas de trabalhar nessas áreas. Não vos pareceu interessante porquê?*

**Catarina** – *“Ninguém disse que não interessava, mas as notícias tristes e de mortes e coisas assim são as que a gente fica logo com mais atenção.”*

**Nádia** – *“São coisas que chocam mais”*

*Se eu dissesse que tinha uma notícia para vos dar, vocês preferiam uma boa ou uma má notícia?*

**Unânime** – *“Boa!”*

*Acabaram de me dizer que as notícias más vos chamam mais a atenção!*

**Catarina** – *“Oh! As que aparecem na televisão sim!”*

**Cátia** – *“Se forem coisas fixas a gente gosta!” (risos)*

*Então e entre uma morte de um jovem num tiroteio e um grupo de jovens que retomou alguns ofícios antigos aplicando novas técnicas e que estão a ter muito sucesso, qual é a mais fixe?*

**Valéria** – *“Não sei se se pode dizer que é mais «fixe». A que é melhor e que está a passar uma melhor imagem dos jovens é essa dos trabalhos antigos, a outra notícia é má. É uma morte. É uma perda. Mas nos telejornais são as que fazem com que as pessoas tenham mais atenção.”*

*Porquê?*

**Valéria** – *“Porque as pessoas são assim. Têm mais curiosidade pelas notícias más e pelo sofrimento das outras pessoas.”*

**Nádia** – *“Há pessoas que só estão bem a fazer mal aos outros e depois isso ainda lhes dá um gozo.”*

**Catarina** – *“Eu dava-lhes o gozo...”*

**Cátia** – *“É como aqui. Quando há pancada vai tudo ver” (risos)*

**Nicole** – *“Então...”*

**Catarina** – *“E se for alguém conhecido a gente vai logo ver se pode ajudar”*



*Para quê? Para gerar mais confusão em cima da que já está armada? (em tom de riso)*

**Catarina** – “Oh. Se for alguém que eu conheça, alguma amiga minha ó isso você pensa que eu fico a ver a pessoa levar?!?! Era o que mais havia de faltar!”

**Ana** – “É para tentar ajudar alguém!”

*Para ajudar alguém temos que alimentar a confusão? Podemos ajudar mais se tentarmos acabar com a confusão, não vos parece?*

**Nicole** – “Cá não!!” (risos)

**Catarina** – “Oh stôra... você sabe o que a gente quer dizer!”

**Valéria** – “Não tem a ver com querer armar confusão, é mais aquela sensação de querer ajudar aquela pessoa que pode estar a levar uma tarefa ou isso. Agora é preciso é ver como é que se ajuda.”

**Catarina** – “Exato. Oh Valéria tás lá!”

*Geram-se risos no grupo*

*Retomando o debate das reportagens*

*Houve alguma coisa que vos tenha chamado a atenção enquanto passavam as reportagens?*

**Unânime** – “Não!”

*Nada que um dos jornalistas tenha dito o feito enquanto anunciava a notícia?*

*Trocam-se olhares como que em busca de respostas, no entanto, a posição de que nada se tinha destacado mantinha-se.*

*Assim, foi necessário retomar ao último vídeo: uma vez sem repetição da primeira frase do jornalista e na segunda vez já repetindo - “Esta é a notícia da noite: um jovem foi morto no bairro da Belavista em Setúbal, depois de uma perseguição policial.”*

**Catarina** – “Pois, fala da morte do rapazinho... mas isso já tínhamos dito.”

*Não há nada de na maneira como o jornalista expôs a notícia que vos tenha chamado a atenção?*

*Voltam a trocar olhares e a olhar para mim como quem está a “pedir” a resposta urgentemente.*

**Valéria** – “Ele fala em notícia da noite, não é?”

**Nádia** – “Não, diz assim: esta é a notícia da noite”

**Catarina** – “O que é que isso tem a ver?!? oh realmente...”

**Valéria** – “É isso, não é Ana? Por isso é que tu voltaste a repetir”

*Sim! É isso! O que é que acham que o jornalista quer transmitir ao dizer “Esta é a notícia da noite?”*

**Catarina** – “É isso??!?” (diz indignada sem perceber a importância da expressão)

**Valéria** – “É a dizer que aquela notícia é mesmo muito importante”

**Cátia** – “Então dizia isso”

**Nádia** – “E está a dizer...”

**Cátia** – “Não é isso! Dizia que era uma notícia importante em vez de estar a dizer isso da noite”

*Então Cátia, na tua opinião, o jornalista dizer “Esta é a notícia da noite” não é a mesma coisa que dizer “Esta é uma notícia importante”, é isso?*

**Cátia** – “Não sei...” (diz sorrindo e já pouco convicta do que havia dito anteriormente)

*Ou será que ele quer dizer que aquela é a única notícia da noite?*

**Cátia** – “Isso não!! Há mais. Mas afinal é isso de ser importante...”

*E porque é que ele não disse antes “Esta é uma notícia muito importante?”*

**Catarina** – “Oh eles querem vender os jornais né? Bem aqui é chamar a atenção para as pessoas verem o telejornal e ouvirem o que eles estão a dizer.”

*Mas a notícia não é propriamente uma boa notícia, o jornalista está anunciar a morte de alguém, neste caso de um jovem.*

**Catarina** – “Por isso mesmo! Se disser isso e aquilo de ser a notícia da noite as pessoas vão ficar curiosas e vão olhar para a televisão e ouvir a notícia”

**Valéria** – “Pois, eles têm que tornar as notícias mais atrativas. E às vezes só pela forma como eles falam já chama a atenção.”

*Então podemos dizer que aquilo que o jornalista disse e a forma como disse foi para cativar a atenção das pessoas para ouvir a notícia, é isso?*

**Unânime** – “Sim”

*Conseguimos perceber com este exemplo que a forma como as coisas são noticiadas influencia muito no facto de darmos mais ou menos atenção ao assunto, não acham?*

**Unânime** – “Sim”

**Catarina** – “Isso acontece muito é nas revistas. A gente lê uma coisa na capa e depois quando chegamos para ler afinal aquilo não é tanto assim. Mas o que está à mostra é a capa e é isso que a gente vê.”

**Cátia** – *“Pois é! Aquilo às vezes é só mesmo para a gente comprar.”*

*Toque de saída.*

*Antes das alunas saírem avisei para irem pensando, durante a semana, de que forma é que queriam trabalhar o projeto.*

**EQUIPA 3**

**2.ª SESSÃO (23 de maio)**

**Sala 17**

**Intervenientes:** Valéria; Ana Rita F; Ana Marques; Nicole; Catarina; Cátia; Nádia; Carolina



Sobre esta sessão não estão disponíveis transcrições. Dado um imprevisto com as gravações de vídeo, apenas foi possível proceder a uma breve reconstituição desta sessão, pelo que, não foi possível expor detalhadamente o decorrer e a caracterização da aula.

**EQUIPA 1, 2 e 3**

**3.ª SESSÃO (6 de junho)**

**Sala 17**

**Intervenientes:** José Pedro; Adriana; Ana Rita S; Tânia; Henrique; Célia; Juliana; Arménio; Valéria; Ana Rita F; Ana Marques; Nicole; Catarina; Cátia; Nádia; Carolina; João; Carolina; Bruno; Rogério; Micaela; Inês; Andreia; Eliano; Soraia



**Procurando um rumo para o projeto**

*Como não lhes tinha dito que a sessão ia contar com a presença do Diretor da Escola e Diretor de turma, pensei que quanto mais cedo anunciasse essa situação mais cedo alcançaríamos o sossego. Assim aconteceu, depois de lhes ter dado essa informação rapidamente retomaram os lugares habituais e o barulho e toda aquela confusão diminuiu consideravelmente.*

*Entra o Professor Manuel Arcêncio.*

**Prof. Manuel** - *“Ouvi dizer que há aqui meia dúzia que se está a pôr a jeito para cumprir umas horas de trabalho comunitário. Há voluntários?”*

*Os risos e as respostas à proposta foram quase que instantâneos. No entanto, da mesma forma que alinharam na “brincadeira”, assim que o professor se sentou junto de mim (na secretária reservada ao professor) e pediu silêncio, a calma regressou à sala de aula.*

*De uma forma muito sucinta, fiz, em retrospectiva, um resumo, em jeito de análise, às sessões realizadas com as três equipas. Expliquei qual era o meu objetivo inicial com o projeto mas que, dados os desenvolvimentos das sessões, não seria possível cumprir aquilo a que eu me tinha proposto.*

*Assim, senti que o mais justo seria (re)definirmos em conjunto quer o projeto quer os objetivos que pretendíamos alcançar – tendo como diretrizes a questão de promover e levar a uma mudança social, quer fosse na comunidade escolar, quer fosse na comunidade em geral.*

**Prof. Manuel** - “O que pretendem fazer com este projeto e como? Mas não inventem! Algo exequível! Algo que vocês saibam que é possível de fazer e que vocês se responsabilizem por tal!”

*Rapidamente surgiram as primeiras manifestações, ainda que não cumprissem os pré-requisitos que o professor Manuel tinha acabado de expor.*

“ Convidar a Liliane Marise para vir dar uma entrevista cá à escola (...)”

“ Podíamos convidar assim alguém famoso da televisão para vir cá. Depois fazíamos uma notícia sobre isso e ia para o Jornal da Escola”

“ Tipo o Ronaldo, assim uma coisa mesmo em grande (...)”

*A turma estava completamente dispersa e percebi rapidamente que naquela sessão não íamos conseguir definir qualquer rumo para o projeto. Não estavam mínimamente atentos ao que lhes estava a tentar dizer; não se estavam a esforçar por tentarmos alcançar uma decisão conjunta.*

## **Anexo VIII**

### **Pedidos de Autorização**

Exmo/a Senhor/a  
Encarregado/a de Educação

Do/a aluno/a \_\_\_\_\_

Sou Licenciada em Comunicação e neste momento estou a frequentar o último ano de Mestrado em Ciências de Educação, na Universidade de Aveiro.

Foi no decorrer dos primeiros semestres no Mestrado que me comecei a interessar pelo tema dos “Jovens nas Notícias” e a tentar perceber de que forma poderia trabalhar/ investigar esta questão.

A meados do passado ano letivo, tive algumas conversas com a turma do/a seu/sua educando/a, tentando perceber perante os jovens quais eram as suas opiniões sobre a forma como “são” noticiados nos jornais, na televisão e noutros meios de comunicação.

Tem sido um projeto bastante enriquecedor, quer para mim enquanto investigadora/aluna, quer para o grupo, pois têm vindo a desenvolver de forma evidente o seu sentido crítico e de opinião quanto ao tema em estudo, levando a que tomem maior consciência da forma como a Juventude tem vindo a ser “tratada” pelos meios de comunicação.

Nesse sentido, a nossa equipa de investigação, da qual o /a seu/sua educando/a faz parte, decidiu realizar um trabalho de reportagem sobre o S.Paio. Este trabalho será como que uma forma destes jovens mostrarem, a si mesmos e à comunidade, que com empenho, dedicação e força de vontade podem fazer a diferença!

Assim sendo, para que consigamos concluir aquilo que temos vindo a construir já há largos meses, necessito da sua autorização para que o seu/sua educando/a possa ficar na Escola nos dias \_\_\_\_ e \_\_\_\_ de outubro da parte da tarde, entre as 14:30 e as 16:30.

Agradecendo desde já a sua atenção

\_\_\_\_\_

(Ana Pereira)



Declaro para os devidos efeitos que **autorizo/não autorizo (riscar o que não interessa)** a participação do meu educando no projeto nos dias \_\_\_\_ e \_\_\_\_ de outubro da parte da tarde, entre as 14:30 e as 16:30.

O/A Encarregado/a de Educação: \_\_\_\_\_

Exmo/a Senhor/a  
Encarregado/a de Educação

O Projeto de Investigação sobre o tema “Jovens nas Notícias”, inserido no Mestrado em Ciências de Educação da Universidade de Aveiro, no qual que o(a) seu (sua) educando(a) tem vindo a participar, está prestes a terminar. Foi uma caminhada que só se tornou possível com o esforço, dedicação e empenho de toda a turma do 9.ºA e que resultou num trabalho de reportagem sobre o S. Paio, que será publicado no Jornal de Estarreja entre o mês de agosto e setembro de 2014.

Há relativamente pouco tempo, o Jornal de Estarreja teve conhecimento que este projeto estava a decorrer na Escola da Torreira, mostrando um enorme interesse em publicar a reportagem e dar a conhecer todo o trabalho desempenhado pelos alunos. No entanto, mais do que interessados em publicar a reportagem, pretendem entrevistar a turma do 9.ºA por forma a darem a conhecer a equipa que esteve por detrás deste trabalho.

Assim, para que possamos tratar de tudo de forma atempada, a entrevista à turma está agendada para Sexta-Feira dia 6 de junho às 10:00. A entrevista será realizada na Escola e por uma jornalista do Jornal de Estarreja, onde eu estarei também presente. No entanto, para que o seu educando possa participar nesta entrevista necessito que seja concedida autorização por parte do(a) encarregado(a) de educação.

Aproveito ainda para agradecer toda a colaboração prestada, enquanto encarregado(a) de educação, permitindo que o seu/sua educando(a) participasse neste projeto e tornasse tudo isto possível. Foi graças ao empenho e à colaboração de todos que tudo isto se concretizou.

Desde já agradeço a atenção dispensada.

Atentamente,

\_\_\_\_\_  
(Ana Pereira)



Declaro para os devidos efeitos que **autorizo/não autorizo (riscar o que não interessa)** a participação do meu educando \_\_\_\_\_ na entrevista coletiva a realizar pelo Jornal de Estarreja, no dia 6 de junho pelas 10:00h na Escola da Torreira.

O/A Encarregado/a de Educação: \_\_\_\_\_

Exmo/a Senhor/a

Encarregado/a de Educação Do/a aluno/a \_\_\_\_\_

No âmbito do meu Projeto de Investigação sobre o tema “Jovens nas Notícias”, inserido no Mestrado em Ciências de Educação da Universidade de Aveiro, no qual que o(a) seu (sua) educando(a) tem vindo a participar, são agora necessários tomar especial atenção a alguns procedimentos no que diz respeito à composição escrita da tese, mais concretamente, no que respeita à utilização do nome do(a) seu(sua) educando(a).

A questão do anonimato dos intervenientes ou da atribuição de nomes fictícios, é uma das preocupações que devem ser tidas em conta neste tipo de projetos, uma vez que podem comprometer (em investigações mais aprofundadas ou com temas mais delicados) a identidade e a privacidade dos intervenientes.

Nesse sentido, e ainda que este projeto vise dar visibilidade e notoriedade à voz, à opinião, ao empenho e dedicação dos intervenientes, os alunos do 9.º ano da Escola Básica e Integrada da Torreira, enquanto responsável pelo projeto é meu dever prestar os devidos esclarecimentos aos Encarregados de Educação no sentido de autorizarem, ou não, que o **primeiro nome** do(a) seu (sua) educando(a) seja utilizado no projeto.

Os nomes serão utilizados **única e exclusivamente para identificar e caracterizar** de forma sucinta **os elementos que compõem as diversas equipas de investigação**, bem como **expor** por escrito **todas ideias que foram apresentadas pelos intervenientes ao longo das sessões** que tivemos em conjunto.

Assim sendo, venho pelo presente **solicitar a sua autorização**, enquanto responsável legal do (a) aluno(a) em questão, **para poder utilizar o primeiro nome do seu educando no projeto**.

Caso não seja concedida autorização para tal, quer por parte do Encarregado de Educação ou até mesmo por parte do Educando(a), proceder-se-à imediatamente à atribuição de um nome fictício, a fim de preservar o anonimato.

Desde já agradeço toda a atenção dispensada

Atentamente

---

(Ana Pereira)





Declaro para os devidos efeitos que ~~concedo autorização/não concedo autorização~~ (riscar o que não interessa) para que o primeiro nome do meu Educando \_\_\_\_\_  
(nome do(a) educando(a)) esteja exposto no Projecto

O/A Encarregado/a de Educação: \_\_\_\_\_

## **Anexo IX**



**Reportagem no Jornal de Estarreja**

# O jornal de Estarreja

Fundado a 12 de Abril de 1883

Director: Joana Ribeiro Sousa - N.º: 4712 Data: 5 / 09 / 2014 - Preço: 0,60 Euros (IVA Inc.) Semanário - E-mail: geral@jornalestarreja.com - Telefone 234 849 713



Sala de Formação em Estarreja

CAM contínuo mercadorias – Cursos permanentes

CAM contínuo passageiros – Cursos permanentes

ADR base cisternas inicial – 24 de setembro

ADR base e cisternas renovação – 24 de setembro

Formação Pedagógica inicial de Formadores – 15 de setembro

Formação setembro

Inscrições abertas

917 369 220

924 246 746

geral@mformacao.com

www.mformacao.com

Centro Empresarial Vista Alegre, Pav. 5  
3850-186 Albergaria-a-Velha

## O passado e o presente das festas do São Paio

O Jornal de Estarreja aceitou o desafio lançado por alunos do 9º A da Escola EBI da Torreira e em conjunto elaborou uma reportagem sobre o passado e o presente do São Paio.

A festa que é cada vez mais para os jovens e os excessos por eles cometidos foram também abordados pelos jornalistas à experiência.

O trabalho tem por base um projeto de final de curso de Ana Pereira.

OPTICA  
PISCINAS

DRA. SÍLVIA ALMEIDA

Acordo  
com:

O Jornal de Estarreja 5 de setembro 2014

### São Paio

#### A loucura do São Paio

O Jornal de Estarreja alinhou no desafio lançado por alunos da Escola EBI da Torreira e em conjunto com a turma do 9A, esta reportagem foram realizadas pelos alunos da Torreira no âmbito de um trabalho de conclusão de curso de Ana Pereira.

O Mestre José Rito foi um dos entrevistados pela turma do 9º ano e contou-lhes as diferenças abismais entre o São Paio do seu tempo atuais: "Desde que me lembro, a festa do São Paio sempre foi muito conhecida. Ainda me lembro quando o transporte para o lado de cá (Torreira) era feito de moliceiros e mercantéis (...). Eles vinham, atracavam os barcos, colocavam palha no fundo dos barcos e depois às vezes com as próprias velas das embarcações faziam género de uma barraca. (...) Oh que loucura!". Com o aparecimento da Ponte da Vaneia a tradição de partir para

o São Paio pelos braços da Ria perdeu importância e significado. "Agora já há as camionetas e o povo vem todo de carro... Mas antes?! Que loucura! Só barcos atracados por aqui fora! A romaria mais bonita era mesmo aqui sobre a Ria!".

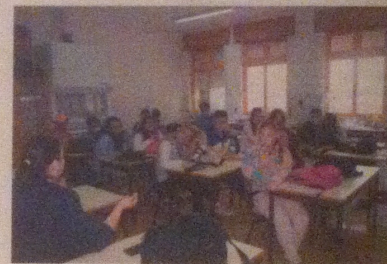
Há muitos anos a romaria começava exactamente nos barcos onde "faziam uma festa! As rusgas, que agora se fazem de outra forma, começaram assim, a serem feitas nos moliceiros e mercantéis!" referiu o Mestre José Rito que explicou como funcionavam. "As rusgas eram pessoal sempre a cantar do mar até à ria e da ria até ao mar, para cima e para baixo,

para baixo e para cima. Eram uns a descer e vinham outros a subir! Não eram os conjuntos que faziam a festa, era isto e cantar ao desafio".

Mas ainda hoje há algumas tradições que se mantêm. No São Paio o divertimento é a palavra de ordem tal como acontecia há muitos anos. "Vocês jovens agora procuram divertimento e nós também o procurávamos. Também apanhávamos umas borracheiras, mas não são como as de agora, eram muito diferentes. (...) Também não havia os cafés que há agora, portanto a gente tinha pouco por onde procurar outras bebidas, que até acho que nem sequer haviam na altura".

Apaixonado pela sua terra e pelas suas gentes, o Mestre José Rito afirma que "a Torreira agora está muito mais bonita, não tem nada a ver! Até o São Paio está mais bonito! Nessa altura a festa era só dois dias".

Um dos pontos altos da festa em honra do São Paio é a regata de moliceiros que dá vida ao ex-libris da Região de Aveiro. É uma tradição que sai cara para quem tem gosto por estas embarcações típicas da região. "Manter isto é cada vez mais difícil. As capitânias começam a não colaborar e as pessoas têm que assumir isto a termo particular e começa a ser difícil manter a tradição assim. (...) Um barco moliceiro dá muita despesa. (...) Os barcos, duram em média



mesmo mas se calhar é próprio da idade, sei lá! Muita coisa mudou, é certo. Eu na minha juventude não me lembro de muitas moças de copo na mão mas hoje é uma realidade, já nem há grande diferença entre rapazes e raparigas".

#### Do passado ao presente

"O São Paio ao longo dos tempos tem vindo a evoluir um pouco. Tem assumido grandes proporções e a notícia espalha-se cada vez mais, ou seja, estamos a crescer cada vez mais. Muito se deve também aos meios de comunicação. A tendência é crescer e evoluir!" frisou Juba, um dos antigos responsáveis por um dos bares da praia.

Numa altura em que a Torreira está com lotação esgotada "são os jovens que de facto nos dão o presente

O denominado campismo selvagem é já uma tradição ao longo destes dias de certame e na opinião do comerciante é "cada vez mais uma coisa espontânea e menos programada".

"O São Paio para mim é o encontro com os amigos e o convívio. Para mim não é sinónimo de bebedeiras e de ressacas mas sim de amizades, noites para dançar e muita alegria!" referiu Andreia Costa uma estudante que concorda com a ideia de a festa ser "sobretudo para os jovens e a atração principal desses dias é a festa na praia e em toda a zona envolvente".

João Daniel Tavares, também estudante, confessou que na sua opinião "o São Paio não é nenhuma romaria é mais um festival de verão". Os bares da praia são



## CONTINUAÇÃO

São Paio o divertimento é a palavra de ordem tal como acontecia há muitos anos. "Vocês jovens agora procuram divertimento e nós também o procurávamos. Também apanhávamos umas borracheiras, mas não são como as de agora, eram muito diferentes. (...) Também não havia os cafés que há agora, portanto a gente tinha pouco por onde procurar outras bebidas, que até acho que nem sequer haviam na altura".

Apaixonado pela sua terra e pelas suas gentes, o Mestre José Rito afirma que "a Torreira agora está muito mais bonita, não tem nada a ver! Até o São Paio está mais bonito! Nessa altura a festa era só dois dias".

Um dos pontos altos da festa em honra do São Paio é a regata de moliceiros que dá vida ao ex-libris da Região de Aveiro. É uma tradição que sai cara para quem tem gosto por estas embarcações típicas da região. "Manter isto é cada vez mais difícil. As capitânias começam a não colaborar e as pessoas têm que assumir isto a termo particular e começa a ser difícil manter a tradição assim. (...) Um barco moliceiro dá muita despesa. (...) Os barcos duram em média quatro a cinco anos depois começam a precisar de reparações e restauro. Gastam-se balúrdios de dinheiro. Não temos grandes apoios e quando temos, pouco dão ou nada, e não compensa em algumas situações" referiu José Rito que é o principal responsável pelos restauros nos moliceiros locais.

"Os antigos diziam que o São Paio era o Santo Bêbado. Ele era mergulhado em grandes jarros de vinho, os jovens estão numa fase em que parece que estão a fazer o



mesmo mas se calhar é próprio da idade, sei lá! Muita coisa mudou, é certo. Eu na minha juventude não me lembro de muitas moças de copo na mão mas hoje é uma realidade, já nem há grande diferença entre rapazes e raparigas".

### Do passado ao presente

"O São Paio ao longo dos tempos tem vindo a evoluir um pouco. Tem assumido grandes proporções e a notkia espalha-se cada vez mais, ou seja, estamos a crescer cada vez mais. Muito se deve também aos meios de comunicação. A tendência é crescer e evoluir!" frisou Juba, um dos antigos responsáveis por um dos bares da praia.

Numa altura em que a Torreira está com lotação esgotada "são os jovens que de facto nos dão o grande lucro" nos bares da praia. "A romaria do São Paio está a perder um pouco daquilo que foi em tempos, tem-se vindo a tornar cada vez mais um festival e os festivais são direccionados sobretudo para os jovens" realçou Juba. A ideia de tornar o São Paio num festival de verão é falada já há uns anos mas na opinião de Juba, "isso poderá afetar o comércio e a essência do São Paio. A quantidade de gente que se desloca à festa deve-se em muito ao facto de ser livre, de ser aberta a todos, de cada um seguir à sua vontade."

O denominado campismo selvagem é já uma tradição ao longo destes dias de certame e na opinião do comerciante é "cada vez mais uma coisa espontânea e menos programada".

"O São Paio para mim é o encontro com os amigos e o convívio. Para mim não é sinónimo de bebedeiras e de ressacas mas sim de amizades, noites para dançar e muita alegria" referiu Andreia Costa uma estudante que concorda com a ideia de a festa ser "sobretudo para os jovens e a atracção principal desses dias é a festa na praia e em toda a zona envolvente".

João Daniel Tavares, também estudante, confessou que na sua opinião "o São Paio não é nenhuma romaria é mais um festival de verão". Os bares da praia são o seu local preferido para as noites de folia, porque tal como assume o estudante "vivo nas noites com um grupo de amigos".

Para Carla Pereira, uma estudante de Mestrado e trabalhadora em part-time no verão, os excessos também marcam estas noites de loucura. "O número de assaltos no São Paio tem aumentado de ano para ano e o vaivém de ambulâncias é frequente". A estudante deixa um conselho no que respeita a mudanças na festa tradicional: "acima de tudo a mentalidade de quem faz o



## CONTINUAÇÃO

